



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Melissa Eloá Silveira Nascimento

***Pedagozinando em sala de aula: artes de dizer e pedagogias de fazer***

Rio de Janeiro

2010

Melissa Eloá Silveira Nascimento

**Pedagozinando em sala de aula: artes de dizer e pedagogias de fazer**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sergio Sgarbi Goulart

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

N244 Nascimento, Melissa Eloá Silveira.  
Pedagozinando em sala de aula: artes de dizer e pedagogias de fazer  
/ Melissa Eloá Silveira Nascimento. - 2010.  
155f.

Orientador: Paulo Sergio Sgarbi Goulart.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Aprendizagem – Teses. 2. Didática – Teses. 3. Fanzines – Teses.  
I. Goulart, Paulo Sergio Sgarbi. II. Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

dc

CDU 37.013

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Melissa Eloá Silveira Nascimento

**Pedagozinando em sala de aula: artes de dizer e pedagogias de fazer**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação.

Aprovada em 20 de agosto de 2010.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Paulo Sérgio Sgarbi  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof. Dr. Maria Luíza Oswald  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof. Dr. Henrique Paiva Magalhães  
Faculdade de Comunicação da UFPB

Rio de Janeiro

2010

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a todos e todas que ousam, com caneta e papel ou com o ecrã, expressar aquilo que pensam, vivem e sonham.

## AGRADECIMENTOS

Este é um momento que exige bastante atenção, pois não quero deixar de citar as pessoas que construíram juntamente comigo este trabalho e aquelas que me acompanham durante toda a minha caminhada acadêmica e pessoal.

Início, agradecendo carinhosamente a mamãe e ao papai, Graça e Celso, pela torcida digna de uma vencedora; aos meus irmãos, Angelo e Eloy, pela força e incentivo; ao André Brown pelo show de empiria; Eduardo Simonini pela leitura de meus trabalhos acadêmicos, e, principalmente, pelas inteligentes sugestões de escrita; ao Elydio Santos, pela generosidade e sutileza em seus comentários; Ioneide Nascimento, pela troca de ideias; ao Gustavo Coelho, o Guga, pela amizade; à amiga Renata Aquino; ao Paulo Sgarbi por esperar meu tempo de escrita e ao grupo de pesquisa Linguagens desenhadas e educação.

Sei que ainda não consegui reunir nesta página todos que, de alguma forma, fazem parte deste trabalho, assim, finalizo citando alguns fanzineiros e fanzineiras que me inspiraram, deixando claro, que representam os fanzineiros que não citei. Assim, Fernanda Meireles; Bruna Sizílio; Fernando Santos; Iramir Santos; Márcio Sno, Space Ghost, Roberto Hollanda entre outros que responderam questionários, enviaram fanzines e escreveram e-mail.

A todos, professores e funcionários do Programa de pós-graduação em Educação da Uerj e ao CNPq.

Muito obrigada!

# PROPOSIÇÃO

Qual é o momento em que as pessoas podem se desgrudar da realidade sólida e responsável?

Quando sonham.

Quando fazem sonhar. Quando dão asas à fantasia, aos desejos aos sentidos, aos pesadelos.

É quando se entregam à arte e percorrem mundos inexploráveis, viajam ao interior de lendas medievais ou mergulham no subconsciente das pessoas comuns descobrindo medos teimosamente ocultos.

Arte é vinho embriagador. É a forma encontrada para transformar a realidade tangível em passeios fantásticos.

É música executada a tinta e pincel.

SINGULAR PLURAL é nossa música, nosso vinho.

Ouça.

Beba.

## RESUMO

NASCIMENTO, Melissa Eloá Silveira. *Pedagozinando em sala de aula: artes de dizer e pedagogias de fazer*. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Redesenham-se artes de dizer em um papel xerocado, artes que se traduzem em traços, rabiscos, versos, gritos, modos de fazer. Fanzine é assim, mais do que uma revista de papel sulfite, um espaço recortado, colado para produção de saberes ou, se preferir, uma revista independente na tela do computador. Este trabalho, portanto, propõe um mergulho entre a linha do underground e da pedagogia de criação de fanzines em sala de aula. Compreender os usos e as artes de dizer significa entender historicamente o que as publicações não-oficiais representam para a contemporaneidade. Desta forma, a lógica dos fanzines é bem mais do que trafegar em um circuito alternativo, define-se por si só como uma forma independente de fazer uso de uma expressão. Assim, o fazer fanzine como *filofanzine* de vida é um exemplo de que esta forma de expressão ultrapassa as paredes institucionais.

Palavras-chave: Fanzine. Artes de dizer. Pedagogias de fazer.



## ABSTRACT

Redraw the Arts when we talk about a xerox paper, Arts represented in lines, scratches, lines, shouts, *ways to do*. Fanzine is this way, more than a magazine made in white paper, a marked space, glued for knowledge productions or, if you want, an independent magazine in a computer screen. This work suggest a diving through the *underground* line and the creations of fanzines in school room pedagogy. Understand it use and the Art of say means historically understand that the non-official publications means to the present time. This way, the fanzines logical is more than go through an alternative scene, defines itself as a independent way to use an expression. Then, do fanzine as *filofanzine* way of life show that this form of expression tresspass the institutional walls.

Keywords: Fanzine. Art of say. Pedagogy of make.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Revista Misty .....	12
Figura 2 – Revista Volta .....	13
Figura 3 – Charge: Crítica à administração do Teatro de São José no semanário Cabrião	20
Figura 4 – Pasquim .....	21
Figura 5 – Fanzine Ficção criado por Edson Rontani .....	23
Figura 6 – Edson Rontani .....	23
Figura 7 – Fanzine Rontani nº1 .....	24
Figura 8 – Carta escrita por Edson Rontani .....	25
Figura 9 – Boletim O Pica-pau criado por Armando Sgarbi .....	26
Figura 10 – Pichação em homenagem a Joacy James .....	27
Figura 11 – Como produzir um fanzine .....	28
Figura 12 – Fanzine Embrulho de Banana .....	29
Figura 13 – E-mail sobre Tom Zine .....	30
Figura 14 – Tom zine em formato de papel .....	31
Figura 15 – Tom zine on-line .....	32
Figura 16 – SingularPlural .....	34
Figura 17 – Sem essa, de Iramir Santos .....	34
Figura 18 – Comunidade Não alimente os fanzineiros .....	35
Figura 19 – Comunidade fanzines .....	36
Figura 20 – Fanzine A Serpente nº2 .....	46
Figura 21 – Fanzine A Serpente nº3 .....	47
Figura 22 – Fanzine A Serpente nº3 .....	47

Figura 23 – Evento Fuzz Fest .....	64
Figura 24 – Evento Fuzz Fest .....	64
Figura 25 – Capa do fanzine Fuzz zine nº3 .....	66
Figura 26 – Confeção de fanzine em sala de aula .....	80
Figura 27 – Fanzine Doação de Orgãos .....	81
Figura 28 – Fanzine Meu irmão... foda-se! .....	82
Figura 29 – Confeção de fanzine em sala de aula .....	84
Figura 30– Confeção de fanzine em sala de aula .....	84
Figura 31 – Fanzine Que merda é essa? .....	84
Figura 32 – Fanzine Se liga otário .....	85
Figura 33 – Fanzine História da boca da gente .....	86

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO OU EDITORIAL</b> .....	12
1	<b>UMA POSSÍVEL TRAJETÓRIA... VOZES, IDEIAS, ESCRITOS E FANZINES ...</b>	18
1.1	<b>Mimeografados, xerocados ou impressos: a paixão pelos fanzines continua</b> .....	23
1.2	<b>O debate: os fanzineiros definem fanzines nas redes de relacionamentos</b> .....	35
1.3	<b>Mais discussões</b> .....	41
2	<b>ARTES DE DIZER NOS FANZINES</b> .....	44
2.1	<b>Os Menocchios da contemporaneidade</b> .....	44
2.1.1	<u>Liberdade de fanzinar</u> .....	50
2.1.2	<u>Fábrica de dizeres</u> .....	53
2.2	<b>Filozanzine de vida</b> .....	63
3	<b>PEDAGOZINANDO EM SALA DE AULA</b> .....	68
3.1	<b>A lógica fanzinística em espaços institucionalizados</b> .....	69
3.2	<b>Proposta de oficinas de fanzines na disciplina de tecnologia e educação</b> .....	72
3.3	<b>As temáticas elaboradas e a confecção dos fanzines</b> .....	79
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	90
	<b>ANEXOS</b> .....	93
	<b>ANEXO A – E-mail Leandro Lado [R]</b> .....	95
	<b>ANEXO B – Fanzine A Serpente n.3</b> .....	97
	<b>ANEXO C – Fanzine A Serpente n.2</b> .....	99
	<b>ANEXO D – Relatório do fanzine</b> .....	101
	<b>ANEXO E – Suicidas UERJ</b> .....	102

<b>ANEXO F</b> – Varietée .....	106
<b>ANEXO G</b> – Saúde .....	108
<b>ANEXO H</b> – Preconceito na escola .....	110
<b>ANEXO I</b> – Violência tem solução .....	112
<b>ANEXO J</b> – Goodbye .....	114
<b>ANEXO K</b> – Fanzine envelope .....	115
<b>ANEXO L</b> – Relato .....	119
<b>ANEXO M</b> – Mídia e comunicação .....	120
<b>ANEXO N</b> – Meu irmão...foda-se!.....	124
<b>ANEXO O</b> – Relato .....	128
<b>ANEXO P</b> – Relato .....	129
<b>ANEXO Q</b> – Que merda é essa .....	130
<b>ANEXO R</b> – Relato .....	135
<b>ANEXO S</b> – Se lig, otário .....	136
<b>ANEXO T</b> – Subversivos .....	144
<b>ANEXO U</b> – História da boca da gente .....	149
<b>ANEXO V</b> – Relato .....	151

## INTRODUÇÃO OU EDITORIAL

Durante o mestrado, alguns perguntavam se eu era fanzineira ou, já que eu pesquisava fanzines, porque não fazia um. Explicava que meu encanto era o de leitora, daquelas leitoras que consomem fanzines de todos os estilos. Com certeza, fazer um fanzine seria mais fácil que dissertar, aproveito, então, para debruçar-me neste “editorial” e explicar que farei deste trabalho meu fanzine, espaço para escrever e homenagear, mesmo que indiretamente, todos aqueles que se dedicam, de alguma forma, em manter viva a essência dos fanzines.

É importante destacar que, essa história não começou no mestrado, pois, quando penso em fanzines, saboreio sensações que remontam a minha pré-adolescência em São Luís (MA), pois vem à lembrança Angelo<sup>1</sup> e eu indo à banca de revistas da Iracilda, que fica em frente ao Centro de Saúde Salomão Fiquene, no bairro COHATRAC 2 (até hoje ela vende diversos gêneros de revistas neste mesmo local). Angelo sempre foi fã de quadrinhos, era um colecionador marrento que não deixava ninguém pegar os gibis, para, segundo ele, não amassar. Compartilhava com ele a paixão pela leitura dos gibis, lia bastantes quadrinhos como os de Maurício de Sousa; com a turma da Fofura do Ely Barbosa; turma da Luluzinha; Misty (Figura 1), da Star Comics; as revistas impressionantes do Conan, o bárbaro, entre tantos outros. Não era sempre que podíamos levar para casa um exemplar, a questão financeira não permitia revistinhas<sup>2</sup> todas as semanas, mas isso não era empecilho para leitura fiel, na maioria das vezes acompanhávamos as continuações dos episódios indo semanalmente à banca da



Iracilda e lendo lá mesmo, ela permitia nossa leitura mesmo sem comprá-las, mas deixava claro que não podíamos amassar. Eu ficava envergonhada de não poder levar as revistas para casa, mas esta era a única solução para ler sem perder o fio dos capítulos.

Tínhamos, também, outra estratégia, trocar revistas mais antigas por novos lançamentos, esta troca era realizada com os amigos da rua, assim garantíamos a leitura de algumas revistinhas, mesmo

Figura 1: Revista Misty

<sup>1</sup> Somos três filhos, Angelo é meu irmão mais velho.

<sup>2</sup> Revistinhas era o nome carinhoso com que apelidávamos os gibis, para mim era a palavra que melhor se referia às revistas feitas para crianças.

desfalcando as coleções. Alguns números desfalcados eram resgatados em sebos e em novas trocas.

Lendo um dos pioneiros dos fanzines, percebi que a minha história de idas e vindas às bancas de revista entrecruzava-se com a de muitos aficionados por quadrinhos, na primeira edição do Fanzine Rontani, o editor homônimo do fanzine compartilha a sua história de visitante assíduo de livrarias<sup>3</sup> para contemplar os lançamentos dos quadrinhos.

No Fanzine Rontani, logo no editorial, conta sua experiência:

Nossa capa

Era junho de 1942. Frio, muito frio, frio de doer na alma. [...] Estava eu dentro de casa abrigado do frio. [...] Foi quando um menino, amigo meu que morava nas proximidades, veio com sua boa notícia.

– Você viu? Saiu uma “Edição de São João do Gibi”!

Estava frio, mas ele suave de emoção.

Sáímos em debalada pelas ruas até chegar às portas da livraria que distava sete quarteirões de minha casa. Naquele tempo não havia bancas de revistas. Piracicaba tinha apenas uma agência distribuidora de revistas e jornais, se chamavam “Agências Campos” e também as livrarias que vendiam além de livros os almanaques. A venda de jornais e revistas era feita por jornaleiros, meninos de 12 e 14 anos de idade, que percorriam as principais ruas da cidade.

Ficamos horas e horas deliciando-nos somente em ver aquela magnífica capa da “Edição de São João do Gibi”, única publicação em quadrinhos editada para comemorar essa data, dependurada na porta da livraria. Custava oito mil réis (a nossa moeda ainda não se chamava cruzeiro). Nunca tivemos tanto dinheiro no bolso de nossas calças curtas, somente alguns réis que muito dava para comprar um sorvete.

E assim foram passando os dias. Diariamente dirigíamos até a porta da livraria e ficávamos “namorando”, de longe, aqueles exemplares de 260 páginas, capa dura, encadernado, dependurados no alto da porta, até que um dia esgotaram-se.

Só mais tarde, por intermédio dos rapazes maiores, é que ficamos sabendo que naquela edição tinha uma aventura completa do Zorro, desenhado pelo Charles Flanders.

E sabem, passados já 43 anos, nunca consegui tocar as mãos num exemplar da edição de São João do Gibi. (FANZINE RONTANI, 1985, n°1, p. 2).

Histórias em tempos dispersos, mas próximas em vontades e em gostos similares, burlar a carência financeira era estratégia alcançada através da reprodução destes quadrinhos e, por que não, construção dos próprios quadrinhos. Exatamente, no caso do Angelo, ler não era o suficiente; para satisfazer toda sua idolatria por quadrinhos, era necessário desenhar. Desenhar os personagens das revistas e também os que ele mesmo inventava. Era uma verdadeira fixação, modéstia à parte, ele desenhava bem e dizia que, algum dia, trabalharia com quadrinhos. A partir deste *hobby*, meu irmão foi-se envolvendo cada vez mais, conheceu pessoas que, como ele, amavam quadrinhos e, principalmente, amavam desenhar quadrinhos.

A amizade com Joacy James<sup>4</sup> rendeu o conhecimento dos quadrinhos independentes, Angelo começou a esboçar melhor os seus traços e fazer participações em fanzines. Reparem que, exatamente, neste período, meados de 1988, comecei a perceber o movimento dos fanzines, sem entender, de fato,

<sup>3</sup> Edson Rontani explica, neste mesmo editorial, que, nesta época, não havia bancas de revistas, os gibis eram vendidos em livrarias.

<sup>4</sup> Joacy morava no mesmo bairro que nós, desenhava quadrinhos e tinha como filosofia de vida os quadrinhos independentes. Foi um dos fanzineiros mais conhecidos do Brasil na década de 80/90.

o que era e como funcionava. Cartas de todo Brasil chegavam, pacotes, selos, etc. Lembro que, curiosamente, observava aquele entra e sai de papéis atenciosamente. Quando Angelo não deixava ver estas “revistas”, eu esperava sua saída e lia tudo (risos!). Não fazia ideia da lógica, mas achava superemocionante aquelas histórias inventadas, todavia, como o foco do meu irmão era mais histórias em quadrinhos, conseqüentemente, este estilo de fanzines era o que mais acompanhava.

Além dos fanzines, lia as revistas de editoras independentes, como a da heroína Velta, de Emir Ribeiro<sup>5</sup> (PB) (Figura 2), com a qual eu me identificava muito mais do que com as estrangeiras. Jamais imaginei que essa diversão do passado – quadrinhos e fanzines – fosse tornar-se tão presente a ponto de eu as ver transformar em minha pesquisa de mestrado, uma vez que a leitura descomprometida que eu tinha naquela época não me causava muitos questionamentos ou problematizações. O que me chamava a atenção era o movimento de criação e troca dos fanzines do qual meu irmão compartilhava. O criar, desenhar, recortar, xerocar..., tudo isso fazia parte daquele universo da adolescência que, para mim, não passava de um *hobby*, uma revista criada de brincadeira.



Figura 2: Revista Velta

Hoje, o meu interesse por zines<sup>6</sup> voltou a ser latente, voltei a ler fanzines e isto para mim traz, novamente, a leveza daquela época, nada nostálgico, simplesmente uma satisfação por ter consumido um material em um dos períodos em que os fanzines estavam com todo gás. Voltei a ler fanzines não com o mesmo intuito da adolescência, mas agora para pensá-lo de um ângulo acadêmico.

Ao iniciar o mestrado, pensava em me dedicar à pesquisa sobre diversos assuntos: quadrinhos no livro didático, bibliotecas itinerantes e fanzines. Em se tratando de apenas dois anos para pesquisa, os fanzines foram os escolhidos. Apesar de ter ingressado no mestrado com outra temática, resolvi

<sup>5</sup> Desenhista que movimentava os quadrinhos independentes nordestinos. Velta é uma das suas personagens mais famosas, uma loira de 2,20 m de altura que, com seus poderes, combatia bandidos da cidade grande.

<sup>6</sup> Abreviação do termo fanzine.



submeter um trabalho cuja temática era fanzines para o Colóquio Internacional de Filosofia da Educação, que iria acontecer na UERJ. Independente do aceite ou não, comecei a fazer um questionário<sup>7</sup> com diversas perguntas sobre fanzines e a repercussão da internet nesta mídia. Ou seja, em um primeiro momento, o questionário ambicionava construir uma investigação em torno da relação entre fanzine e e-zine. Apesar do não aceite do resumo para o colóquio, decidi ampliar o questionário, abrindo espaço para outras temáticas e sujeitos (fanzineiros e ex-fanzineiros). A motivação para o prosseguimento da aplicação do questionário se deu em razão da possibilidade de publicação de um capítulo de um livro em parceria com André Brown<sup>8</sup>; livro este que faria parte de uns dos projetos do grupo de pesquisa *Linguagens desenhadas e educação*, grupo do qual, igualmente, participamos.

Comecei, então, a pesquisar *sites*, comunidades do *orkut*<sup>9</sup>, *fotologs*<sup>10</sup>, *blogs*<sup>11</sup> e contatar fanzineiros por meio destas ferramentas. A proposta do questionário foi bem aceita pelos fanzineiros e ex-fanzineiros, tanto que alguns repassavam o questionário por conta própria a outros, o que movimentou bastante a pesquisa e minha caixa de *e-mails*.

Passei a fazer contato com pessoas que tinham relação com fanzines, alguns retornavam respondendo que não faziam mais zines, outros que eram desenhistas, mas não tinham nenhuma ligação, e outros davam o endereço de seus *blogs*.

Em conversas com fanzineiros e ex-fanzineiros e observação das respostas dadas aos questionários, percebi que o fazer fanzine estava, muitas vezes, ligado ao expressar ideias. Em algumas respostas aos questionários, a afirmação do fazer fanzine para dizer o que se pensa me levou a observar este aspecto que os fanzineiros apontavam: independente da escolha por quadrinhos, poesias, resenhas, entre outras formas, poder expressar a sua opinião, para alguns fanzineiros, parecia ser um dos maiores atrativos, apesar do pouco alcance de leitores.

Comecei a escrever sobre fanzines e, neste período, já estava prestes a abandonar a pesquisa que fazia, Paulo Sgarbi, meu orientador, já percebia minhas investidas nos fanzines, sendo que, um dia, em seu escritório – Planeta do Chopp<sup>12</sup> –, apontou para mim e disse firmemente: “Você ainda vai mudar para os fanzines!!!”. Entretanto, já era quase metade do segundo semestre, o medo de não dar conta das novas leituras que deveria fazer era grande, mas, mesmo assim, os fanzines, aos poucos, passaram a ser constantes em minha escrita, até serem, definitivamente, meu alvo de pesquisa.

<sup>7</sup>Os questionários foram enviados via e-mail, sendo que 19 pessoas (fanzineiros e ex-fanzineiros) responderam. Este questionário foi aplicado como sondagem, sendo que as perguntas foram elaboradas de acordo com a temática ligada a fanzines, e-zines e afins, com o intuito de elaboração de um capítulo de um livro, como já foi citado no decorrer do projeto. Não houve a aplicação do questionário depois da atividade citada.

<sup>8</sup>Mestre em educação pela Universidad e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e cartunista.

Professor contratado da UERJ, integrante do grupo de pesquisa “Linguagens desenhadas e educação e do Laboratório de Educação e Imagem, ambos no ProPEd / UERJ.

<sup>9</sup>Site de relacionamento.

<sup>10</sup>Site com formato de diário em que são postadas imagens.

<sup>11</sup> Site com formato de diário com postagens de imagens e comentários diversos.

<sup>12</sup> Local escolhido para *happy-hour* das terças-feiras. Estes encontros são após as reuniões do grupo de pesquisa Linguagens desenhadas e educação.

A mudança total para os fanzines gerou várias perguntas de minha família; minha mãe disse: “De onde surgiu essa ideia de fanzines?”; “O que você tem a ver com fanzines?” E até mesmo Angelo, que, no passado, era fanzineiro (hoje já não aprecia muito os quadrinhos *undergrounds*) disse: “Preferia seu projeto passado!”. Perguntas e explicações que esclareço agora no decorrer deste trabalho dissertativo.

Pesquisar fanzines, para mim, tornou-se uma descoberta diária,

Aquilo que se conhece melhor é mais bem compreendido e mais bem amado. Por mais que prefira um quilo de carne morta a um quilo de carne viva, um pesquisador que esteja estudando os lobos, as corujas, as formigas, as rãs ou os polvos perde toda a vontade de matá-los e se dedica, ao contrário, a protegê-los. (VAINEGEM, 2004, p. 95).

Faço uso das palavras de Maturana (1997, p. 43-44) para apontar a relevância da escolha desta temática para meus estudos, bem como reforçar o quão importante tornou-se o ato de pesquisar para minha prática diária como mestranda.

Bem, eu que penso que no momento em que a gente se dá conta da responsabilidade – quer dizer, não se encontra simplesmente envolvido nela, mas se dá conta de que o mundo que vivemos tem a ver com a gente, com o indivíduo – esse é um momento que é comovente e libertador. É comovente porque resulta que o que fazemos não é trivial. É libertador porque dá sentido ao viver. Não lhe dá um sentido transcendente, mas um sentido imediato, todo o tempo. As coisas que fazemos são sempre significativas. Quaisquer que sejam, até mesmo coçar o nariz e, claro, dependendo do espaço em que se faz algo são distintas suas implicações, sua forma de integração no contexto da convivência.

Por entender a importância dos sujeitos envolvidos neste fanzine-investigação, priorizo as conversas, comentários, e-mails, editoriais, cartas, fanzines enviados, sites de diversos fanzineiros. Apesar da leitura e pesquisa de diversos fanzines, enfatizo que, fanzines como A serpente (Pe), Fuzz zine (SP), FERCOM (SP), Embrulho de banana (MG), Com Fusão (Ce), QI (MG), Pouco viável (SP), Velho Rabugento (Pe), Zinequanon (SP), Singularplural (MA), O Pica-Pau (RJ) e Rontani (SP) serão citados com mais continuidade. Assim, ao referenciar fanzines numa expressão mais abrangente, estou-me referindo à ideia que tenho dos fanzines lidos e citados neste trabalho. Outras fontes de pesquisa foram utilizadas, como a participação em eventos de fanzines; entrevistas com fanzineiros e ex-fanzineiros; observação de alunos-fanzineiros<sup>13</sup> e consulta às redações e zines criados por estes mesmos alunos-fanzineiros. Desta forma, pretendo, com esta linha de investigação, dar voz a estes atores e, principalmente, compreender o que o fazer fanzine (que acontece, quase que hegemonicamente, fora dos espaços tempos escolares) pode contribuir para os processos educativos ao ser levado para as salas de aula. Assim, a compreensão do fazer fanzine é um eixo fundamental para tentar compreender se os pressupostos que constituem esta mídia podem ser aplicados como metodologia nos espaços escolares.

---

<sup>13</sup> Refiro-me aos alunos que confeccionaram fanzines em sala de aula e que, de alguma forma, incorporaram este fazer durante as aulas ministradas na disciplina de Tecnologia e educação na Faculdade de Educação da UERJ.

Alguns questionamentos podem direcionar este estudo e nos levar a novos caminhos, desta forma, que usos os fanzines podem proporcionar e que efeitos educativos podem produzir? Ao ser inserido em um espaço institucional, os fanzines elaborados mantêm seu cunho independente e livre? Como funciona a lógica fanzinística<sup>14</sup> em espaços em que as relações cotidianas envolvem verificação de desempenho (prova)?

Com intuito de responder a estes questionamentos, esta dissertação foi estruturada em três partes, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, abordei a trajetória histórica das publicações escritas com o objetivo de rememorar os primeiros registros que mais se destacaram em termos de periodicidade na história da humanidade, como as tabletas, papiros, gazetas, semanários, jornais clandestinos, cordéis e fanzines, buscando uma compreensão destas publicações enquanto manifestação escrita. Enfatizo, em especial, a evolução do fanzine desde os tempos em que era mimeografado até os dias de hoje, em que são confeccionados em computadores ou até apresentados na plataforma *on-line*, como os chamados e-zines. Complemento com discussões sobre a definição de fanzine através de comentários de fanzineiros, teóricos como Gazy Andraus, Henrique Magalhães e Edgard Guimarães.

No segundo capítulo, refleti em torno dos discursos construídos, levando em consideração a arte de dizer dos fanzines, na perspectiva de que há um exercício pedagógico sendo desenvolvido nos fanzines. O uso do fanzine como veículo de expressão é um exercício de autoria e liberdade, como *filosofanzine* de vida é demonstração de que o fazer fanzine ultrapassa os espaços alternativos.

No terceiro capítulo, fiz um estudo sobre, o que considero como, *pedagogizagem* em sala de aula, ou seja, o uso dos fanzines em sala de aula. Facilmente podemos identificar a junção de pedagogia e fanzine, mas, além desse jogo de palavras, quis sugerir um ato pedagógico que inspire a criação, a ousadia, a troca de ideias e a liberdade de expressão. Observo, o ato de pedagogizar como prática em sala de aula, não só como um fazer fanzine, mas como um agir preocupado com o novo. Penso ser importante explicitar que, durante a investigação que se deu na turma do primeiro período de 2009.2 no curso de pedagogia da UERJ, esforcei-me para entender as criações dos alunos, sem o intuito de conceituar estas criações.

Durante este período, observei a criação dos alunos-fanzineiros, sendo que o professor André Brown, que lançou esta proposta, fez uso dos fanzines como uma tecnologia. Neste capítulo, são apresentadas as produções dos alunos-fanzineiros, trechos das redações em que contam como foi a experiência deste fazer e trechos da conversa com o professor André Brown. O objetivo desta reflexão foi compreender como se configura a criação de fanzines em um espaço-tempo-social-pedagógico, ou seja, em um espaço hegemônico de saber. Esclareço que independente de algumas criações não se configurarem como fanzines (de acordo com os conceitos sobre fanzines citados por autores durante este trabalho), considere-as como tal, levando em consideração o entendimento dos alunos sobre o

---

<sup>14</sup> Expressão derivada de fanzine, utilizada para enfatizar o estilo.

fazer fanzine, bem como, estes estarem envolvidos em uma atividade que privilegiou a liberdade de expressão e criação, característica que observo muito presente no fazer fanzine.

Para mim, a *pedagoinagem* se expressa desde o ato de uma pessoa “anônima” fazer um fanzine, assim como, a experiência em sala de aula relatada neste trabalho. No caso do primeiro, esta *pedagoinagem* se dá de forma espontânea, é o indivíduo que procura um veículo para divulgar aquilo que pensa. No segundo caso, os fanzines são apresentados aos alunos pelo professor, os fanzines são sugeridos como uma tecnologia em sala de aula. A *pedagoinagem* se dá, exatamente, nesta troca, inquietação e vontade de se expressar, seja, pelos fanzineiros, alunos-fanzineiros ou pelo professor.

Quero frisar que, em todos os capítulos, utilizo-me das falas e escritos de fanzineiros exatamente para demonstrar a importância de dar voz a estes sujeitos, bem como validá-los enquanto formadores de opinião legítimos. Enfim, esta dissertação é, para mim, o espaço-momento para homenagear os verdadeiros teóricos do underground, aqueles que, anonimamente ou declaradamente, se dedicam a construir a sua própria arte: os zineiros.

## 1 UMA POSSÍVEL TRAJETÓRIA... VOZES, IDEIAS, ESCRITOS E FANZINES

Traçar a história dos fanzines significa rememorar alguns fatos históricos da comunicação, o que significa apontar a evolução das publicações, sendo que, tentar remontar a história da expressão humana através do que é contado em seus registros pode-nos dar pistas para a compreensão do desenvolvimento identitário da humanidade.

A organização de registros de dados relacionados a um povo (seus costumes, suas leis, seu cotidiano em geral) representa uma herança inestimável que simboliza o resultado da própria existência. Mesmo que esse registro esboce a história a partir do ângulo do outro, o que é contado é resultado de uma forma de compreender o mundo em sua volta. Tabletas<sup>15</sup> de argila ou madeira, papiros, as folhas de couro, o papel são alguns patrimônios que nos direcionam a uma possível trajetória do pensamento humano.

Em termos de publicações com caráter mais periódico, o “Acta Diurna”, divulgado no governo de Júlio César, em Roma, é considerado o primeiro registro mais próximo de um jornal, era escrito em madeira e fixado nas paredes do Fórum, tinha o intuito de propagar as ideias hegemônicas do seu governo, além de divulgar acontecimentos diários e suas conquistas. (INCONTRI, 1991).

Historicamente, a divulgação de opiniões ou a difusão de teorias remonta tanto a uma tradição oral quanto ao registro escrito, pois, dependendo do período, apenas uma parte da população possuía o domínio da leitura e da escrita.

Na Grécia, no século V a.C., uma publicação era legitimada a partir de sua leitura em local público. De acordo com BÁEZ (2006, p. 51), “um livro<sup>16</sup> se considerava publicado se fosse lido em público por um criado, chamado leitor, ou pelo próprio autor. Uma vez terminada a leitura pública, os ouvintes podiam fazer perguntas.”

Na Idade Média, os trovadores faziam o papel de comunicadores ao recitar suas cantigas, algumas cheias de ironia e comicidade, que informavam e faziam uma crítica política e social referente ao reinado. Suas cantigas, principalmente as de escárnio e as de maldizer, tratavam de situações relacionadas a reis, senhores feudais e autoridades clericais, e, por esse motivo, foram proibidas.

A vigilância da divulgação de ideias, sejam elas de caráter oralizado ou escrito, sempre foi uma preocupação da classe dominante, que se via no direito de selecionar o que a população teria acesso em termos de conhecimento e informação.

Dando um salto para o século XVI, na Europa, com o progresso do comércio, da cultura e,

---

<sup>15</sup> Segundo o Baéz (2006), as tabletas são os primeiros registros considerados livros. Estas tabletas foram encontradas, pela primeira vez, na Suméria (Oriente Médio) há cerca de 5.300 anos; entretanto desapareceram em razão do seu material frágil não resistir aos desastres ambientais e à destruição do próprio homem.

<sup>16</sup> Fernando Baéz (2006) intitula como livro qualquer publicação, seja ela escrita em tabletas, papiros ou papel, independente da veiculação pública. Em seu livro “História Universal da destruição dos livros”, faz um apanhado histórico do mundo antigo à contemporaneidade sobre a destruição de bibliotecas e livros de toda espécie. É importante esclarecer que, neste trabalho, nomeio escritos feitos em tabletas, papiros, livros, entre outros escritos, independente do período, como publicações.

consequentemente, da informação, o sistema de troca de cartas torna-se mais constante. A maioria destes escritos chamava atenção, pois era através deles que se tinha notícia dos acontecimentos das outras cidades; algumas cartas eram lidas em praça pública, outras passavam de mão em mão e, por esse motivo, não possuíam uma periodicidade, já que dependiam da vontade das pessoas para serem escritas.

O desenvolvimento da tradição manuscrita é bem latente em Veneza, local em que surgem as primeiras gazetas, que

contavam novidades, falavam de vários assuntos e eram periódicas, porque os correios, que traziam as cartas com notícias, funcionavam nos mesmos dias. Não é por outro motivo que, ainda hoje e em todo mundo, muitos jornais trazem em seus títulos a palavra “correio”. (INCONTRI, 1991, p. 24-25).

O forte poder que a igreja católica exerceu sobre as publicações escritas não só representou a seleção do que poderia ser lido, mas uma verdadeira castração da evolução do pensamento da humanidade. O “*Index Librorum Prohibitorium*”<sup>17</sup> foi elaborado pela igreja católica exatamente para definir quais publicações poderiam ou não ser lidas. A proibição as coloca no campo da marginalidade, pois quem as lesse estava condenado à morte, uma morte não só no sentido lato da palavra, mas a morte que a ignorância pode condenar, o que significa total desconhecimento de outras visões de mundo, de outras possibilidades de se construir a própria história.

Por exemplo, na Espanha, ficou proibida a impressão e exportação dos livros citados no índice, além das bíblias em língua vulgar, o Corão e os escritos de Lutero, Calvino, entre outros escritos que versavam sobre adivinhações e superstições. Isto aconteceu não porque estas obras possuíam conteúdo depreciativo, mas porque representavam perigo ao poder imposto pelo cristianismo.

Ginzburg (2006), em “O queijo e os vermes”, faz referência ao moleiro Menocchio, que cria sua cosmogonia a partir da consulta a publicações proibidas. É bem notável que as publicações lidas por Menocchio representam, historicamente, o avanço de ideias contrárias à ordem hegemônica deste período, o que as tornavam especialmente perigosas. Propagar os escritos proibidos resultava na própria morte. No caso de Menocchio, não foi diferente, entretanto, propagar sua visão de mundo era quase uma missão.

Mas o que ele mais deseja é falar, o único modo de expressar tudo o que sente e pensa será cair nas malhas da Inquisição. A experiência é dura; os anos de cadeia o alquebram; ainda assim, solto, não consegue manter a promessa de calar suas indagações. Fala, menos, mas fala, mesmo sabendo que poderá voltar à Inquisição, e sofrer destino pior. Falar é mais forte. Podemos imaginar Menocchio: antes da sua primeira prisão, triste, solitário na sua fala que ninguém compartilha em sua aldeia, querendo interlocução, querendo um público; depois dela, desiludido já da experiência de falar “diante do papa, de um rei ou príncipe”, e entristecendo-se mais à medida que perde os que realmente lhe querem bem, a mulher, o filho mais velho, e sente apertar-se o cerco, apertar-se o coração: filhos que não o amam, fronteiras que não pode atravessar, a marca infamante da Inquisição que lhe atrapalha a vida e que não pode dissimular.

<sup>17</sup> Índice dos Livros Proibidos, redigido pela Congregação da Inquisição em 1559. Em 1583, A Universidade de Salamanca publica um índice dividido em: obras proibidas e trechos proibidos.

Suas palavras são um protesto, são a recusa desse horror. Sua curiosidade, opiniões e destino fazem dele um desses homens para quem dizer o que pensam é tão importante que, por isso, arriscam a própria vida. Nem toda confissão é uma vitória da tortura; porque às vezes a pior tortura é ter a voz silenciada. (Posfácio do livro “O queijo e os vermes” escrito por Renato Janine Ribeiro, 2006, p. 197-198).

Estamos falando de um período em que a disseminação de ideias era algo bastante vigiado, propagar alguma teoria era algo que poderia ganhar uma repercussão negativa, capaz de condenar à marginalidade e ao sofrimento, um verdadeiro exílio pessoal e intelectual.

Em se tratando de Brasil, Hipólito José da Costa, de forma independente, publicou, em 1808, o primeiro jornal brasileiro, *Correio Braziliense*, jornal que, por motivos de censura, não circulou no Brasil, e sim em Portugal e Londres. Antes disto, não há notícia de nenhuma publicação oficial publicada em terras brasileiras, o que significa total silenciamento do povo pelas elites hegemônicas portuguesas. Com a fuga da família real para o Brasil, reforça-se a censura, continuando a proibição de qualquer tipo de publicação em terras brasileiras que não fossem oriundas da corte, outras medidas como o exílio e prisão foram tomadas para quem se rebelasse contra suas ordens.

Segundo Almeida (2004), devido às suspeitas de relações com a maçonaria, Hipólito José da Costa foi expulso do Brasil, residindo, assim, em Londres, local em que começa a escrever e publicar ideias de cunho liberal e sobre economia política, o que influenciou diretamente o debate econômico do século XIX, atingindo diretamente a família real portuguesa. Este jornal esclareceu questões diplomáticas diversas e divulgou as políticas econômicas e comerciais exercidas pelo Império no Brasil, sendo que, “O *Correio* foi mais importante para o Brasil do ponto de vista das lutas políticas e jornalísticas pela liberdade de expressão do que como arauto de políticas ou doutrinas econômicas e comerciais” (ALMEIDA, 2004).



Historia do Teatro de São José.

Figura 3: Crítica à administração do Teatro de São José no semanário *Cabrião*.

Em meados 1866, já existiam publicações em território brasileiro que faziam contraponto com a imprensa oficial, como a *Revista Illustrada e Cabrião* (Figura 3), de Angelo Agostini, o semanário chamado *Diabo Coxo*, de Luís Gama, entre outros. Estes semanários são uma amostra de um humor crítico e comprometido com a informação, abalavam as estruturas dos poderosos da época e com uma mistura de denúncia sem meias palavras e humor ganhavam leitores que se identificavam com a crítica política e social.

Já em 1960, a imprensa alternativa realizou um importante papel no que diz respeito à informação dos fatos. Neste momento político conturbado, várias publicações independentes foram lançadas a fim de denunciar os excessos dos governos militares. Nesse contexto, por seu caráter independente, foram uma alternativa tanto para expressão como para a tradução de acontecimentos que refletiam diretamente na sociedade. Alternativa não no sentido de ser outra opção de leitura, e sim por fazerem contraponto ao que estava posto oficialmente. Cada contexto político, econômico e social possui objetivos dos mais diversos; em algum momento histórico, foram publicadas como forma de responder a um certo controle.

Publicações como O Pasquim (Figura 4), Pif-paf, Reunião, Fato Novo, entre outros, significam, até hoje, gritos de revolta e resistência de uma época. Em vista dos ataques diários oriundos da situação instalada pelo AI-5, em 1968, a imprensa comercial foi totalmente impedida de noticiar dados referentes ao regime político; assim, as publicações alternativas, mesmo de forma clandestina, denunciavam os fatos e opiniões censurados.



Figura 4: O Pasquim. Disponível em: <http://pasquimtupiniquim.blogspot.com/2009/06/40-anos-de-o-pasquim.html>

Da mesma forma, a “geração mimeógrafo” ousou e marcou a história com o seu jeito próprio de ler os acontecimentos políticos, sociais e artísticos à sua volta. Como o nome já dizia, o mimeógrafo era o meio de burlar os altos custos e a seletividade das empresas editoriais; o artesanal, mais do que uma opção, era uma atitude, uma forma de liberdade, uma poesia produzida passo a passo.

A geração mimeógrafo ficou mais conhecida por conta do termo utilizado para classificar sua produção poética: poesia marginal. O termo marginal foi utilizado em razão da clandestinidade em que eram produzidas e divulgadas as obras poéticas.

Ampliou-se assim o interesse da faixa mais jovem pela poesia ou por tudo aquilo que pudesse ser poesia – justamente na ocasião em que o endurecimento do regime posterior ao AI-5 desviava para a área artística toda a contestação política, cujos canais de manifestação se fechavam à juventude universitária.

Foi o bastante para que se caracterizasse todo um surto de produção poética mais ou menos clandestina, que os teóricos classificam ou não de marginal em função de fatores diversos: culturais (os autores assumem postura contestatória ou tematizam a contracultura), comerciais (são desconhecidos do grande público, e produzem e veiculam suas obras por conta própria, com recursos, ora precários, ora artesanais, ora técnicos, mas sempre fora do mercado editorial), estéticos (praticam estilos de linguagem pouco “literários” ou dedicam-se ao experimentalismo de vanguarda), ou puramente políticos (abordam temática francamente engajada e adotam linguagem panfletária). (MATTOSO, 1982, p.19-20).



O mimeógrafo foi o instrumento para burlar o sistema e sair do discurso oficial dos meios de comunicação de massa. Com este equipamento, era possível reproduzir um material livre da censura (qualquer pessoa poderia ter uma máquina desta em casa e poderia produzir de forma anônima) e fora dos padrões estéticos.

Mattoso (1982, p. 29) fala da dificuldade de se chamar de movimento a ebulição poética deste período, pois, para ele, “não há um trabalho coletivo ou grupal orientado e posicionado contra ou a favor de determinados conceitos. Se existem traços comuns à maioria dos autores da década, são eles a desorganização, a desorientação e a desinformação.”

Neste panorama artístico, a poesia era considerada inovadora, no sentido de não se apegar a conceitos estéticos e divulgar, à sua maneira, uma poesia totalmente despida de regras gramaticais. O desconhecimento dos modelos literários era um convite para que todos experimentassem expressões que quisessem e uma forma de chocar a elite da época. Mattoso (1982, p.37) cita o caso de J. Medeiros, que fez o lançamento de um rolo de papel higiênico; outros fizeram revistas em formatos diversos: sacola, envelope, lata de sardinha, entre outros modelos. O poeta Chacal produziu um livrinho mimeografado de poesias e distribuiu pessoalmente, bem parecido com o que ocorre nos dias hoje nas portas de teatros, centros culturais, universidades, em que jovens oferecem suas poesias xerocadas pelo valor de R\$1 ou qualquer outro valor que o leitor queira dar.

Tão poético e irreverente quanto estas gerações, em termos de cultura popular, o cordel é uma das representações mais atuais em termos de produção autoral popular, uma publicação genuinamente brasileira que exalta a cultura popular e que representa uma manifestação viva de poetas populares. Cheio de versos e rimas, os cordéis, como muitos fanzines, são copiados em papel, possuem uma linguagem própria e tratam de diversos temas. Estes folhetos são símbolo da resistência popular, pois valorizam os conhecimentos e “dizeres” do povo, reproduzindo a expressão original da sua própria linguagem.

Independente de cada especificidade – seja das tabletas, dos papiros, das gazetas, dos semanários, dos jornais clandestinos, dos cordéis, dos fanzines e de cada momento histórico, político e social que se desenvolveram –, estas publicações são um indício de que há uma parcela da sociedade que anseia reinventar seus espaços. Assim, compreender sua evolução, linguagem e expressão pode contribuir para somarmos elementos estéticos e comunicacionais às nossas práticas cotidianas e, quem sabe, construir novas artes de dizer.

Neste capítulo, falarei sobre a história dos fanzines, citando alguns deles, seus formatos, e discutirei sobre a questão da definição dos fanzines, discussão que prioriza os fanzineiros, as bibliografias do gênero, os debates de *sites* de relacionamento, entre outros envolvidos no debate.

## 1.1 Mimeografados, xerocados ou im presos: a paixão pelos fanzines continua

Da revolução do mimeógrafo à atualidade dos computadores, os fanzines seguem uma trajetória de modernização que acompanha as tecnologias lançadas e que, com a evolução destas, ganham um formato particular. A forma como é produzido um fanzine é, muitas vezes, citada como requisito para diferenciação de outras mídias devido ao fato de sua produção artesanal ser uma das categorias mais fortes para sua definição.

Manualmente, o fanzineiro desenha, escreve, corta, cola, xeroca, edita de acordo com seu estilo; da mesma forma, outros fazem o uso do computador, só que, neste caso, utilizam os *softwares* para facilitar a confecção, sendo que, quando é financeiramente viável, reproduzem em gráficas. Alguns fanzineiros e estudiosos debatem, ainda nos dias de hoje, o que é um fanzine, exatamente por causa do surgimento de outras formas de fazer fanzine.

Assim, historicizar o fazer fanzine é pertinente à medida que descreve sua evolução e dá espaço para discussões sobre se o que importa mesmo é o formato ou o conteúdo para diferenciação destas mídias.



Figura 5: Fanzine Ficção criado por Edson Rontani

Depois desta primeira geração de fanzines, surgiram temáticas variadas que acompanharam as tendências. Por volta da década de 60, os fanzines eram produzidos com caneta esferográfica, papel estêncil e reproduzidos em mimeógrafos. O formato de papel e a maneira artesanal de confeccionar era umas das características que diferenciavam o fanzine das outras mídias, como as revistas de editoras e jornais, além da pequena tiragem.

Na década de 1930, temos notícias de fanzines sendo criados por fãs de ficção científica, sua abordagem era sobre as diversas mídias que tratavam desta temática. Nestas publicações, havia uma forte discussão relativa aos personagens, episódios, autores, opinião sobre os capítulos de revistas e de séries televisivas do gênero. Dentre um dos fanzines mais famosos, há *The Comet*, pioneiro no gênero, criado nos Estados Unidos por Ray Palmer: era manuscrito e exibia quadrinhos e matérias que reproduziam personagens consagrados de ficção científica.



Figura 6: Edson Rontani. Disponível em: <http://blogoassif.blogspot.com/2010/01/ivete-dabronzo-rontani.html>

No Brasil, a febre entre os fanzines era os quadrinhos, trazendo debates em torno dos já consagrados e personagens criados pelos próprios fanzineiros. Podemos destacar no cenário do fanzine nacional: Ficção (Figura 5), de Edson Rontani (Figura 6). Após este, vários outros surgiram, sendo que os principais foram: Boletim do Herói, Boletim dos quadrinhos, Boletim do Clube do Gibi, Vivendo os Quadrinhos, Na Era dos Quadrinhos, Pica-Pau. Surgiram na década de 1960, mimeografados e de baixa tiragem; naquela época, eram chamados de “boletim” e não de fanzines. Só na década de 70 é que, no Brasil começaram a ser chamados de fanzine, apesar de que, nos Estados Unidos, a palavra já era usada desde a década de 40.



Figura 7: Fanzine Rontani nº1

Segundo o dicionário de Stableford (2003, p.109), a palavra fanzine foi usada, pela primeira vez, por Russ Chauvenet, em 1940. O vocábulo fanzine surge do neologismo formado pela contração de *fanatic* e *magazine*, do inglês, que viria a significar magazine do fã.

Edson Rontani, em uma edição do Fanzine Rontani<sup>18</sup> (Figura7), em comemoração aos vinte anos do grupo Intercâmbio Ciência-Ficção “Alex Raymond”, homenageia, em sua capa, a revista Gibi. Curiosamente, em sua apresentação, nos dá pistas de seu pioneirismo.

#### Apresentação

Fundado em 12 de outubro de 1965, o Intercâmbio Ciência-Ficção “Alex Raymond” estará completando neste ano seu 20º aniversário. E para comemorar a data, estaremos lançando este fanzine, mensalmente, quando em outubro daremos uma edição especial.

Nestes vinte anos correspondemos com mais de um milhar de colecionadores, pesquisadores e siderados nas histórias em quadrinhos.

Para nós é uma honra em ter sido os primeiros do Brasil, quiçá na América Latina, a lançar um fanzine, “O Ficção” em 1965. Nosso trabalho foi árduo, mas compensou. Naquele tempo dificilmente havia troca de cartas entre colecionadores de gibis. Ninguém tinha endereços de colecionadores de outras cidades. Em 1965, distribuimos para muitos jornais de vários estados o nosso boletim noticioso, e as notícias correram que aos poucos fomos mantendo intercâmbio com muitos aficcionados<sup>19</sup> da HQ’s. Mantivemos contactos com desenhistas de histórias em quadrinhos, editores, roteiristas de todas as partes do mundo.

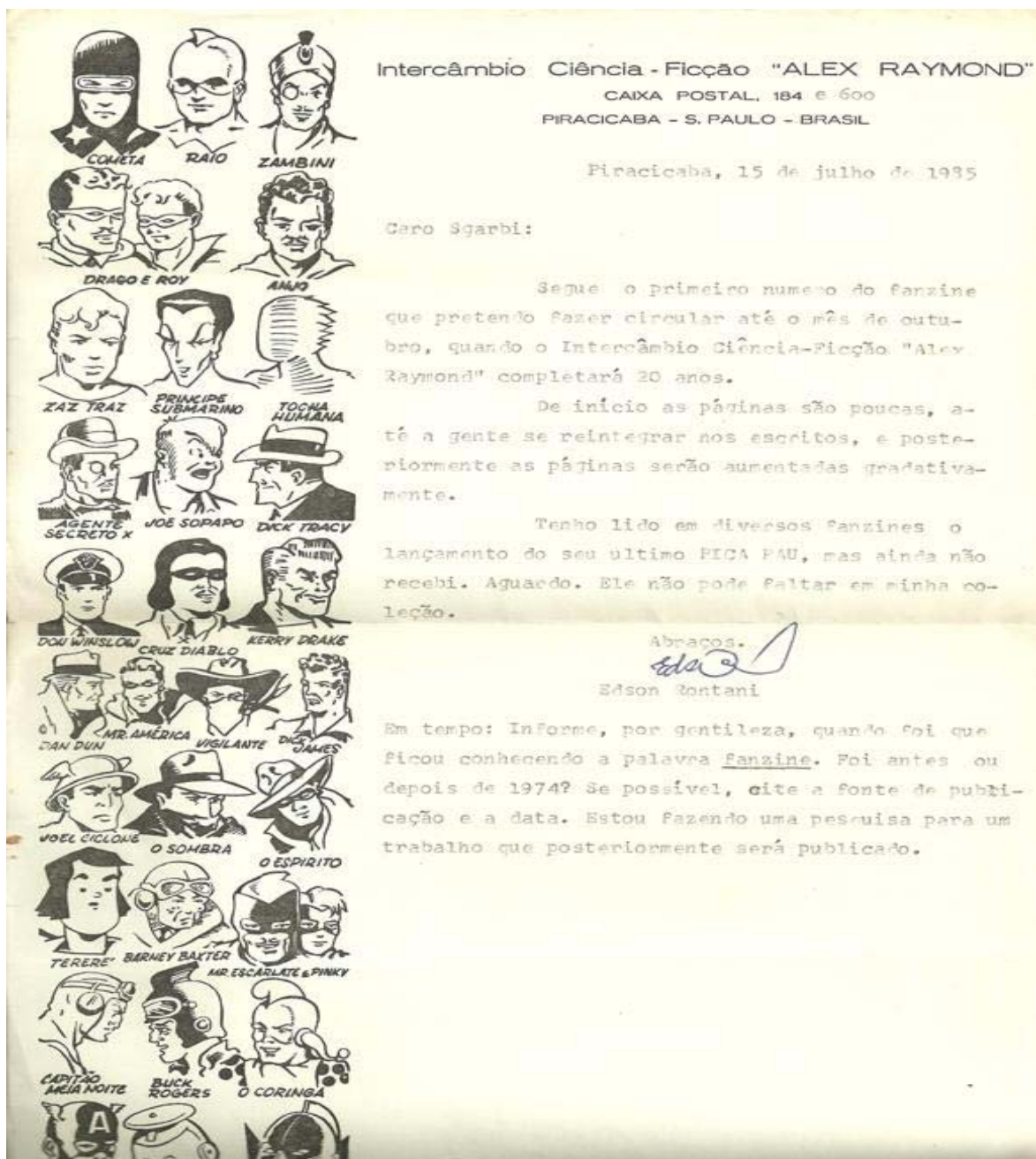
Um dos maiores incentivadores das revistas infantis, Adolfo Aizen, foi quem me deu a maior força para nosso intercâmbio. Nossas notícias eram estampadas na contra-capas da Ebal, e lida por milhares de leitores. Daí para frente desencadeou um mundo de correspondências.

Na década de 60 mantivemos a liderança com o nosso fanzine. Muita precariedade para confeccioná-lo, mas vencemos. Hoje existem vários fanzines. (FANZINE RONTANI, 1985, nº1, p. 2).

<sup>18</sup> Este fanzine surge em comemoração aos vinte anos do grupo: Intercâmbio Ciência-Ficção “Alex Raymond”, criado por Edson Rontani. Alex Raymond foi desenhista de vários personagens de histórias em quadrinhos, um dos mais conhecidos é Fflash Gordon.

<sup>19</sup>A palavra “aficcionados” foi transcrita de acordo com a versão do autor. Na atualidade, com o acordo ortográfico da língua portuguesa vigente, a palavra passou a ser escrita da seguinte forma: aficionado.

Em carta (Figura 8) enviada a Armando Sgarbi<sup>20</sup> juntamente com o boletim acima citado, data de 15 de julho de 1985, Edson Rontani curiosamente pergunta a Armando sobre o uso da palavra fanzine.



Figurara 8: Carta escrita por Edson Rontani.

<sup>20</sup> Colecionador de gibis e todos os gêneros de quadrinhos. Publicou o boletim O Pica-pau com matérias, curiosidades e quadrinhos de personagens de revistas da década de 20 a 40.

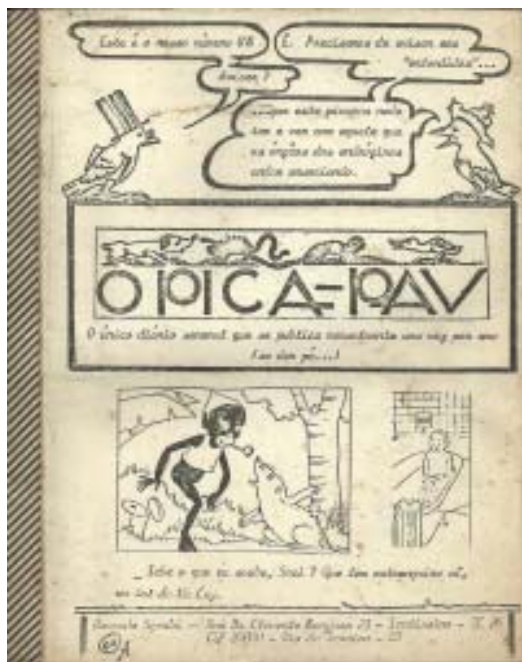


Figura 9: Boletim O Pica-pau criado por Armando Sgarbi

A paixão pelos quadrinhos também foi o que motivou Armando Sgarbi a lançar seu boletim. O Pica-Pau (Figura 9), por muitos anos, foi uma mistura de tradição em quadrinhos e bom humor, após a pequena tiragem do número zero, foi lançado o número um com 250 exemplares. Coletânea de quadrinhos consagrados, reproduzia quadrinhos do semanário infantil

Pica-Pau, de onde vem o nome do boletim. (BOLETIM O PICA-PAU, 1978). O semanário, por sua vez, foi publicado de 15 de abril a 14 de dezembro de 1933, trazia os quadrinhos de Octávio Sgarbi, mais conhecido como Octa, que era ilustrador profissional e secretário do jornal, na verdade, produzia todo o jornal:

Ele fez as capas (geralmente com uma açaquê), adaptou pro entendimento das crianças histórias e coisas de todos os folclores, ilustrou os contos tradicionais do Brasil (quase sempre da coletânea organizada por J. da Silva Campos), fez a difícil correspondência dos concursos. Difícil porque os concorrentes eram crianças. [...] Octa fez, entre outras coisas, um folheto contando “As aventuras de um Pato feliz” que, infelizmente, ficaram interminadas, em virtude do “falecimento” do jornalzinho. (Fanzine PICA-PAU, 1978, p. 2-3).

No boletim O Pica-Pau, publicavam-se quadrinhos e matérias relacionadas e curiosidades sobre os quadrinistas, personagens e tudo que se relacionava aos quadrinhos, como contos, piadas, causos, entre outras formas de informação do gênero. “Armando Sgarbi, no número 1 de seu boletim, explicou, Ninguém aqui quer mostrar sabedoria de quadrinhos ou outras coisas, o que se sabe é muito pouco e não sou um pesquisador. Se eu tiver algo e achar que vale a pena que outros o vejam, farei o possível para mostrar. (Fanzine PICA-PAU, 1978, p. 2-3).”

Armando Sgarbi Armando Sgarbi colecionou diversas publicações, não só revistas, mas, tudo que se relacionava a quadrinhos, ou seja, livros ilustrados, jornais, semanários, folhetos, entre outras publicações. Após seu falecimento, parte do seu acervo foi doado ao sobrinho Paulo Sgarbi, que organizou este acervo em uma gibiteca, localizada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Com o passar dos anos, outras temáticas foram trabalhadas, novos fanzines surgiram, como exemplo, na década de 80, fanzines como Marca da Fantasia despontaram nacionalmente com a divulgação de quadrinhos e leituras afins, este fanzine reúne uma série de colaboradores, como um dos editores diz:

Loucos, pelas loucuras que tomam forma de quadrinhos; visionários, pelas fantásticas viagens e aventuras ao futuro e passado, que deslumbramos; e apaixonados, por esta forma de expressão que tanta evasão dá às nossas fantasias, e que é capaz de ser uma crítica tão contundente de nosso tempo. (FANZINE MARCA DE FANTASIA, 1985, p.3).

Em razão da reunião de grupos ou bandas de *rock*, houve um crescente aparecimento de fanzines voltados para formação musical, mais conhecidos como “punks<sup>21</sup>”, destaque Fator Zero e Exterminação, Alerta Punk, Lixo Reciclado, Anti-sistema, todos da década de 1980. Lembrando que, na década de 70, na Inglaterra, surge o pioneiro neste gênero, Sniffing Glue, que fez bastante sucesso com suas resenhas sobre bandas.(DUCOMBE, 1997).

Depois de assistir a um show da banda Ramones, Mark Perry, bancário de 19 anos, com seus cabelos longos, decide escrever uma crítica a respeito da banda. Escreveu oito páginas e tirou 200 cópias em xerox no escritório de sua namorada. Assim em setembro de 1976, surge o primeiro número do Sniffing Glue (“cheirando cola”). Após isso ele larga o trabalho, corta os cabelos e se torna Mark P. No número 4, a tiragem passa de 1.000 cópias e no número 10 já é internacional, com 8.000 cópias feitas em off-set. (OLIVEIRA, 2006, p.21).

Com os punks, nasce uma das maiores expressões dos fanzines, o lema: “*Do it yourself*” (Faça você mesmo). Os fanzines punks surgem com a ideia de informar os punks sobre o movimento punk anarquista, dando uma visão do movimento no Brasil e no mundo, divulgar bandas e shows.

Aqui no Brasil, mas precisamente em São Luís (MA), Joacy James<sup>22</sup> foi um dos fanzineiros que viveu intensamente a filosofia *punk* e se dedicou tanto a fazer fanzines como a divulgar o movimento no país. Fazia contatos com fanzineiros de todo Brasil, era um verdadeiro ativista em fanzines de diversas temáticas. Além do movimento *punk*, os quadrinhos, principalmente, os da linha mais fantástico-filosóficos ou ficcionais eram seu ponto forte. Após sua morte, ainda podemos encontrar, pelos muros da cidade (Figura 10), evocações e homenagens que representam sua força enquanto de opinião.

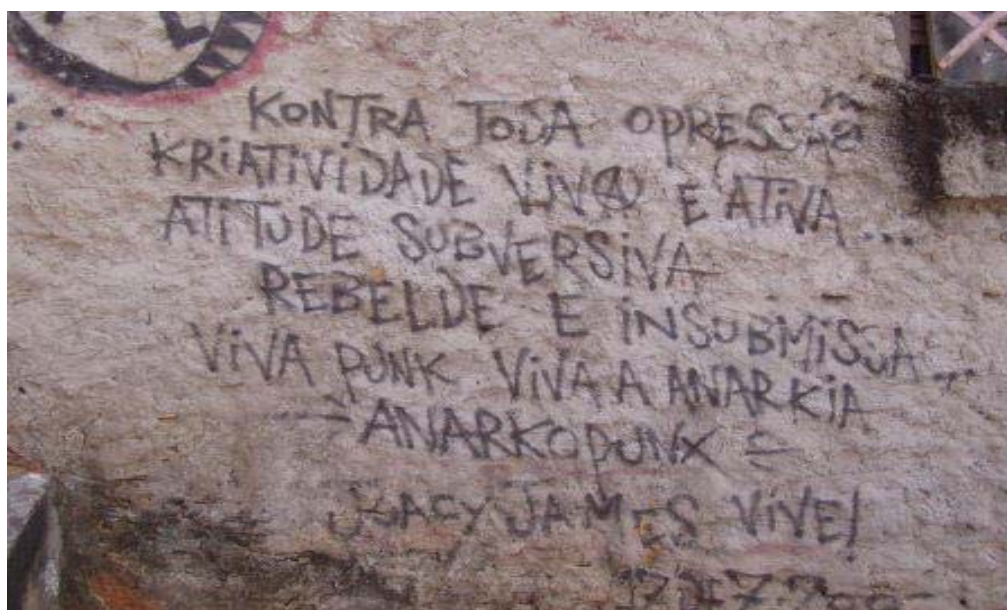


Figura 10: Pichação em homenagem a Joacy James. Disponível em: [Disponível em: www.esputinique.wordpress.com/2009/01/26/joacy-james](http://www.esputinique.wordpress.com/2009/01/26/joacy-james). Acesso em: 28/01/2010.

<sup>21</sup> São caracterizados por estilo de música, moda e postura política e social próprios, ditos relativos a cultura de rua.

<sup>22</sup> Produziu fanzines como: Legenda, Grito Punk Zine?, Não Sistema!, Legenda Comix, Liberdade em Preto e Branco e Mundo Caótico etc. Publicou a revista Singularplural Quadrinhos (ex-Grupo de Risco), tendo co-editado as revistas: Singularplural, Fusão e Fúria. Faleceu em 16 de dezembro de 2006. (ANDRAUS, 2007).

Entre as décadas de 1980 e 1990, os fanzines, mesmo sendo reproduzidos em máquinas copadoras, têm suas características quanto ao modo artesanal mantidas, além de continuarem com uma baixa tiragem. Essas características, para alguns fanzineiros, são pontuais no sentido de diferenciá-los de outras mídias.

Vejamos, na Figura 11, no traço do desenhista Laerte, umas das formas mais tradicionais de se fazer zine:



Figura 11: Como produzir um fanzine. Disponível em: <http://midiaautorai.blogspot.com>. Acesso em: 28/01/2010.

É importante ressaltar que esta forma de fazer zine não é um manual a ser seguido, pois não é a única; nos dias de hoje, há vários “métodos” para se fazer um zine, sem falar de detalhes pessoais e, às vezes, inéditos, que são inseridos de acordo com a vontade individual.

Como observamos, formatado, até meados da década de 90, de modo bem manual, os fanzines eram produzidos em papel A4, máquina de datilografar (ou escritos a mão) e os desenhos eram feitos a nanquim ou caneta comum e eram recortados e colados para, posteriormente, serem xerocados. Hoje, alguns fanzines continuam sendo preparados manualmente, sendo que alguns fanzineiros utilizam as ferramentas do computador para incrementar seu formato, assim como divulgam pela internet seus materiais de interesse. A febre dos *fotologs*, *blogs*, comunidades do orkut<sup>23</sup> vêm ganhando vários adeptos, o que tem transformado o velho fanzine de papel em e-zines<sup>24</sup>.

Com a chegada dos computadores, novas técnicas são adicionadas à produção dos fanzines. Histórias em quadrinhos, textos, fotos são adicionados e produzidos através de programas especializados, sem falar na queda dos preços das produções gráficas, o que facilitou uma maior tiragem e uma produção mais trabalhada. Entretanto isto não significa vantagem para muitos fanzineiros, pois para produzir em alta escala é preciso ter público suficiente para comprar e, assim, financeiramente compensar esta alta produção.

A questão da evolução tecnológica abriu espaço, também, para os formatos eletrônicos de fanzines, conhecidos como e-zines, este formato segue a mesma linha dos fanzines impressos, mas são visualizados diretamente na tela do computador ou são impressos de acordo com a vontade do leitor, estão disponíveis para *download* em *sites* muitas vezes no formato PDF<sup>25</sup> (Figura 12) e são enviados via e-mail.



Figura 12: Fanzine Embrulho de banana, 2006.

<sup>23</sup> Site de relacionamento.

<sup>24</sup> Revista eletrônica que permite postagens de textos e imagens.

<sup>25</sup> Portable Document Format (ou PDF) é um formato de arquivo desenvolvido para representar documentos de maneira independente do aplicativo, do hardware e do sistema operacional usados para criá-los. Um arquivo PDF pode descrever documentos que contenham texto, gráficos e imagens num formato independente de dispositivo e resolução. PDF pode ser traduzido para português como Formato de Documento Portátil.



Bruna Sizílio<sup>26</sup>, do Fuzz zine, defende o formato do fanzines de papel e ressalta a questão da divulgação pela internet:

- Qual é a sua relação com o fanzine de papel e a internet?
- O Fuzz não está na internet, o que eu coloco é uma ou outra coisa que saiu no impresso, eu acho o fanzine de papel é muito mais interessante, porque é uma coisa que começou no papel, então, você faz, você corre, você distribui, você divulga, eu acho muito mais interessante o de papel, o e-zine é muito melhor para divulgar, em relação a pessoas que você vai conhecer, você vai ter um retorno bem maior. (Conversa com Bruna Sizílio, 2008).

Difícil não se envolver com a internet e, quanto a isto, as opiniões se dividem. Há um público que quer manter o formato do fanzine tradicional, outro diz que os sites e afins dão uma resposta mais instantânea, além de facilitar a atualização das informações diariamente, e há outro grupo que defende as duas mídias e dizem que uma completa a outra. Uma constatação da mediação da internet nos fanzines é que muitos fanzines divulgam seus fanzines de papel e eventos pela internet, sem falar que alguns fanzineiros migraram definitivamente para os *blogs* e *sites*. Um exemplo disso é o Tom Zine<sup>27</sup>. Vejamos o email (Figura 13) enviado pelo fanzineiro:

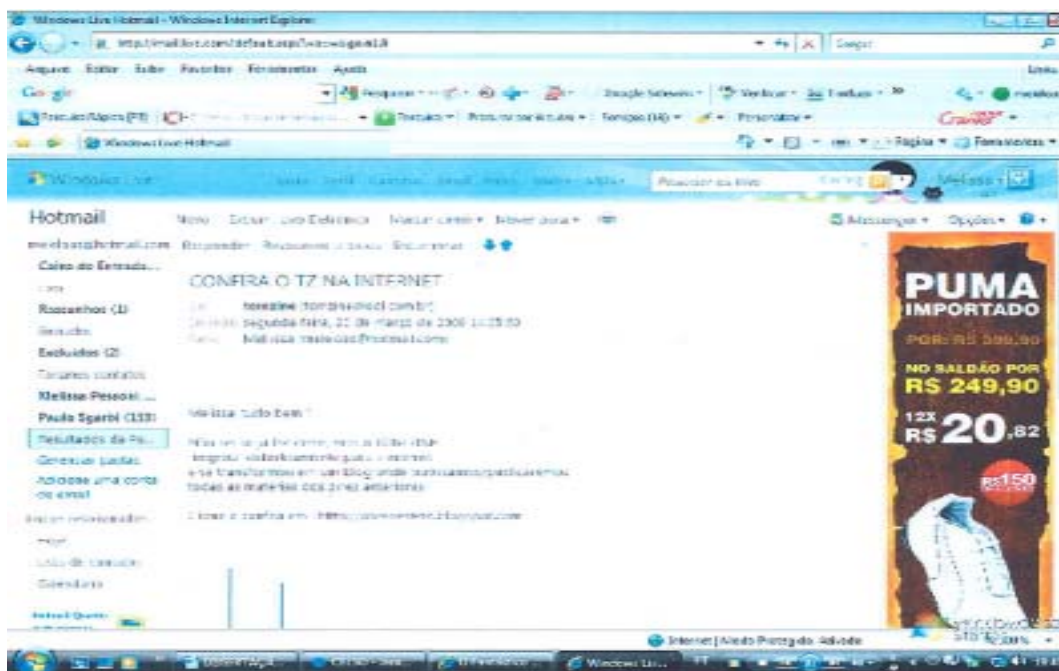


Figura 13: E-mail sobre o TOM ZINE.

Melissa, tudo bem?

Não sei se já lhe disse, mas o TOM ZINE “migrou” definitivamente para internet e se transformou em um blog onde publicamos/publicaremos todos os fanzines anteriores.

Clique e confira em: <http://paredestetos.blogspot.com>

<sup>26</sup> Produz o fanzine Fuzz Zine, que versa sobre bandas independentes e, a cada lançamento do fanzine, organiza eventos com a finalidade de divulgar fanzines e bandas independentes. Fui ao lançamento do Zine nº3, em 2009 evento em que houve a exposição de vários fanzines do Brasil, além da apresentação de bandas de *rock* que participavam do zine.

<sup>27</sup> Fanzine que versa sobre erotismo.

A seguir, o formato anterior do zine (Figura 14):

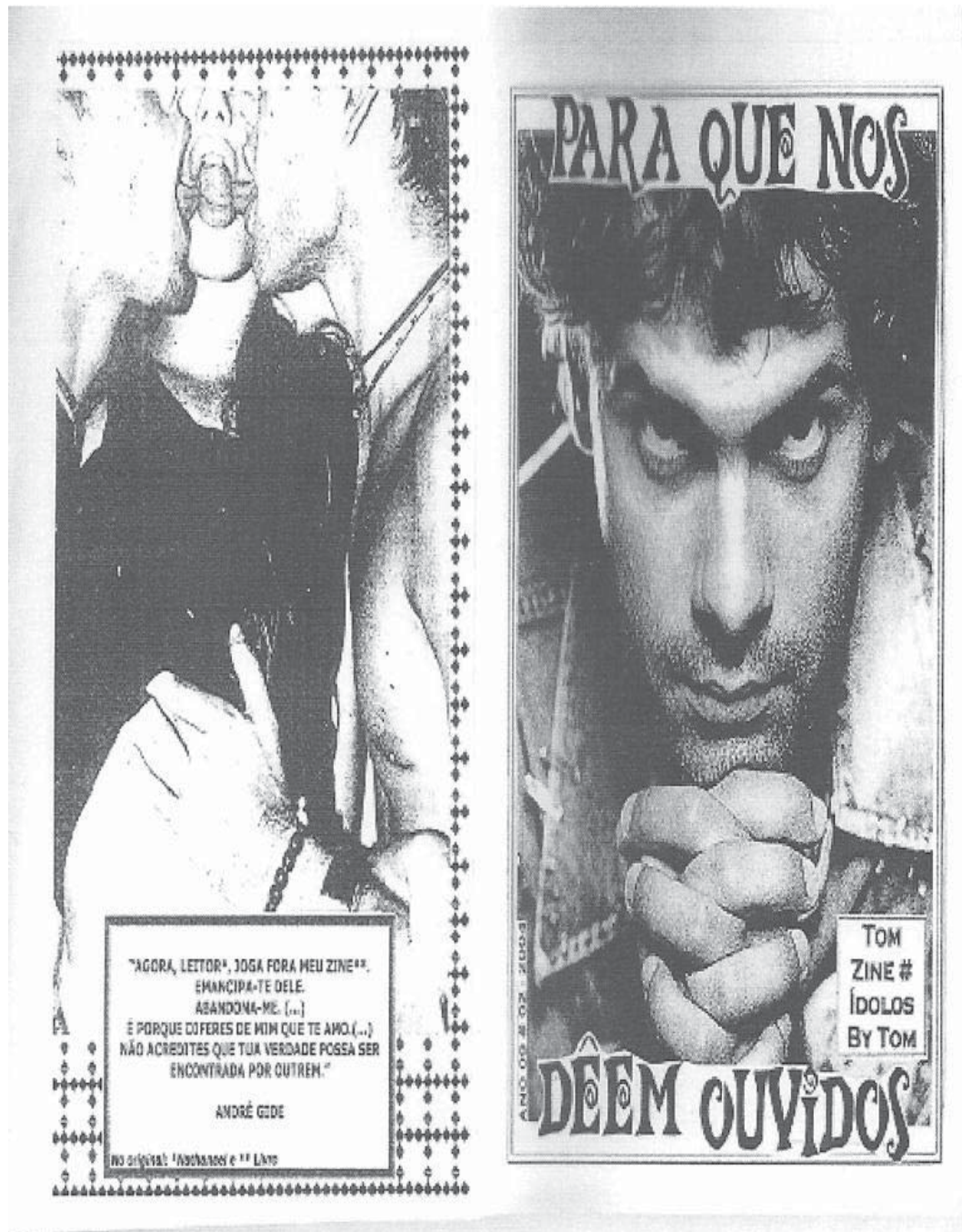


Figura 14: Tom Zine em formato de papel, 2004.

E, na atualidade o *blog* (Figura 15):

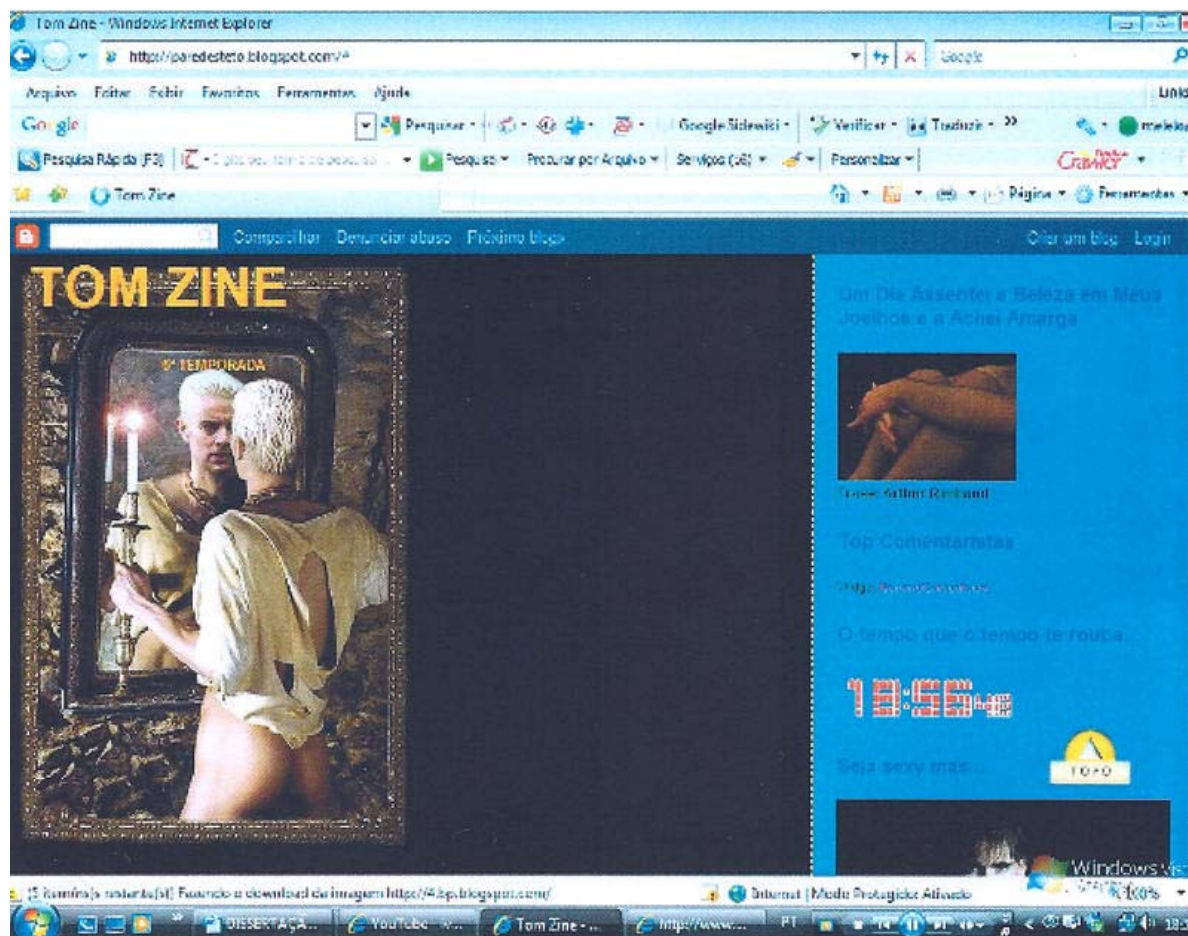


Figura 15: Tom zine *on-line*.

Sobre os “tipos” de fanzine, um fanzineiro comentou: “Papel é mais palpável. Mas, na net, é muito mais fácil.”, outro complementa: “Papel é uma coisa meio sentimental. Mas hoje se pode salvar uma página da internet inteira se quiser. É melhor.”

No fanzine QI número 51 (2001, p.10), na seção de cartas, há um comentário que expressa bem essa dualidade entre internet e fanzine de papel, no que se refere a custos e qualidade de impressão. Vejamos a seguir:

Cara, e esses aumentos abusivos nos correios?...Nunca pensei em parar de editar zines, mas estes aumentos me fazem pensar em virar zineiro eletrônico. (FANZINE QI, nº 51, 2001, p.10).

Outro diz:

Talvez já lhe tenha ocorrido, o que você acha de voltar a xerox? Calma, não seria uma regressão, o “QI” não perderia muito. Se os originais do “QI” fossem impressos a laser, a cópia sairia muito boa, e seria mais barato assim. (FANZINE QI, nº 51, 2001, p.10).

que o custo se torne mais baixo, mas também demonstra o quanto o artesanal e xerocado são valorizados.

“Gostaria de sugerir que você retomasse o sistema antigo, onde o “QI” era feito em xerox, tinha formato menor e os editores enviavam suas capas reduzidas para publicação.” (FANZINE QI nº 51, 2001, p.11).

Ou:

Gostei da capa de clichê, só penso que talvez não deva exagerar muito na produção, em matéria de qualidade de papel. Vivemos, hoje, uma crise bestial e, acho, os leitores devem saber apreciar um bom trabalho e não um bom papel. Eu, por minha vez, para miolo, sou fã de papel jornal. (FANZINE QI nº 51, 2001, p.11).

O Fanzine Lado[R]<sup>28</sup> teve algumas edições confeccionadas artesanalmente, entretanto, após a procura dos leitores e a falta de exemplares (inclusive pedi várias vezes um exemplar e não fui atendida), resolveram utilizar uma estratégia:

Sempre que nos perguntam como conseguir as edições anteriores do Lado [R] impresso, ficamos com vergonha e sem saber como dizer um simples “acabou, não tem mais!”. Nas primeiras edições isso acontecia com mais frequência, a tiragem era bem menor, tornando a distribuição limitada como todo zine que se preze. E mesmo depois que conseguimos atingir o número de 2.000 exemplares por edição, ainda assim era difícil ter fanzine na mão de todo mundo.

Uma forma de resolver esse problema seria disponibilizando todos os fanzines para download, o que, como sabemos, é muito simples de ser feito. Mas como as coisas aqui na esquina do continente tendem a acontecer de uma forma um tanto quanto vagarosa, outras edições do fanzine vieram e continuamos sem lembrar de liberá-los na rede. Só recentemente essa idéia voltou a estalar nas nossas cabeças, logo quando descobrimos o Issuu, uma ferramenta poderosa para divulgação e veiculação de impressos na internet. Os fanzineiros mais radicais, defensores ferrenhos dos impressos, podem até torcer o nariz, mas não resta dúvida que a idéia é válida e eficaz. Aos poucos vamos disponibilizando todas as outras edições e para acessar os fanzines de forma rápida, basta acessar o marcador IMPR[R]ESSO logo aqui do lado direito do blog. Já estamos pensando em disponibilizar outros fanzines que temos em nosso acervo no mesmo esquema. A idéia cairia legal no corpo de um blog que tivesse exclusivamente esse fim: arquivar e democratizar digitalmente os fanzines de forma gratuita. Vamos ver o que acontece. (Disponível em: <http://ladorsemolchetes.blogspot.com>. Acesso em: 21/01/2010).

É uma discussão que mistura diversas classificações, pois há quem denomine sites de quadrinhos de fanzine, assim como há os que só consideram fanzine aquele feito de papel. Segundo o ex-fanzineiro Angelo Ribeiro<sup>29</sup> em resposta a pergunta: Quais as diferenças e semelhanças entre a mídia eletrônica e o fanzine de papel?, responde:

Um *blog* pode ser encarado como fanzine, só mudou a plataforma. Se o editor dá esse caráter de fanzine ao seu *blog*, ele pode ter essa alcunha de fanzine, porque fanzine é sinônimo de diário, de liberdade.

<sup>28</sup> Por via e-mail (Ver anexo A) Leandro Menezes explica o que é o fanzine Lado[R]: “O lado[R] é um coletivo de estudo e pesquisa em linguagem do fanzine criado por estudantes de comunicação social com um pensamento em comum: fazer uma publicação com um conteúdo que se diferenciasse dos veículos impressos que circulam na cidade. O impresso tem como objetivo fomentar a cultura do fanzine contribuindo para a formação de leitores deste suporte textual. Divulgamos trabalhos de várias áreas do saber acadêmico e artístico”. (E-MAIL, 2010).

<sup>29</sup> Contribuiu com algumas histórias em quadrinhos para fanzines na década de 80 e 90, hoje é professor de Educação Artística. É meu irmão. Ver introdução p.12.

Já outro fanzineiro, Roberto Holanda<sup>30</sup>, em conversa, diz:

Pra mim, numa visão específica, o fanzine de papel sempre é o tipo mais reconhecível de fanzine. Isso se deve ao fato de eu ter começado a fazer zines em 1996, uma época onde os computadores e e-zines eram uma tecnologia muito incomum. Por isso, a assimilação do e-zine é um tanto difícil pra mim. Mas fiz muitos títulos de fanzines de papel – chutando por alto, umas 50 edições diferentes. E organizei uns blogs, o que, numa opinião pessoal, e meio em conflito com o que afirmei antes, não os considero “zines”.



Figura 16: SingularPlural

Definir fanzines significa muito mais do que saber o que é, mas também entender sua lógica de expressão, pois, até mesmo entre aqueles que produzem e vivem neste espaço de comunicação, a discussão sobre o que é fanzine ganha espaço, exatamente pelas configurações que surgem a todo momento no que diz respeito ao fazer fanzine.

Iramir Santos, fanzineiro da década de 80/90 em São Luís (MA), comenta que, para ele, não importa o formato, o que diz se é fanzine ou não é o contexto da própria publicação. Uma das suas primeiras formas de expressão, ainda no período da graduação em História, foi a revista chamada *Sem Essa*, que ele não considera fanzine. O curioso da discussão deste ex-fanzineiro é que, tempos depois, fazia parte de um dos grupos mais falados do mundo dos fanzines, Grupo de Risco<sup>31</sup>, depois intitulado Singularplural (Figura 16), e, nem por isso, considera as

suas publicações como se fossem fanzines. “Eu chamo de revista, pois não era fanzine da forma como eu compreendo fanzine... Por mais circulado pelo meio fanzinístico, a característica não era a que veio a ter o Singular Plural feito pelo James.”

*Sem Essa* (Figura 17) foi uma “revista laboratório” dos cursos de Educação Artística e Desenho Industrial da Universidade Federal do Maranhão, tinha nas em papel jornal, seu conteúdo era sobre quadrinhos, poesia e possuía um espaço carta dos leitores. Se for para lidar pela questão do formato e conteúdo, *Sem Essa* não foge dos moldes dos zines. Assim, este capítulo não pretende ser um manifesto a favor de um formato ou outro, independente do período e do formato, observo que os fanzines surgem na perspectiva de debate entre fãs de um determinado gênero, o espaço do fanzine é o lugar propício encontrado por estes grupos para discussão, troca de ideias e divulgação.

<sup>30</sup> Autor do *Arlequim*, com histórias em quadrinhos seriadas e textos de apoio à leitura; também fez o fanzine *Gotas*, que mudou de nome várias vezes, *Mad Gotas*, *Crimson zine*, *Rockets Galor*. Atualmente voltou a editá-lo, agora chamado *Destruction Overdrive*.

<sup>31</sup> O grupo de Risco era formado por Iramir Araújo, Ronilson Freire, Rômulo, Alberto Nicácio, Joacy James e Borges em São Luís. Denotativamente o nome do grupo significava traço, rabisco, entretanto, em razão do duplo sentido deste nome, muitas piadinhas eram feitas quando se apresentavam. Assim, publicaram *SINGULAR PLURAL*, nome dado em razão da página, também de mesmo nome, que Iramir publicava no *Jornal Diário do Norte*. Logo depois, passaram a adotar o nome da revista no grupo para se livrarem das piadinhas e gozações feitas pelos amigos e conhecidos.

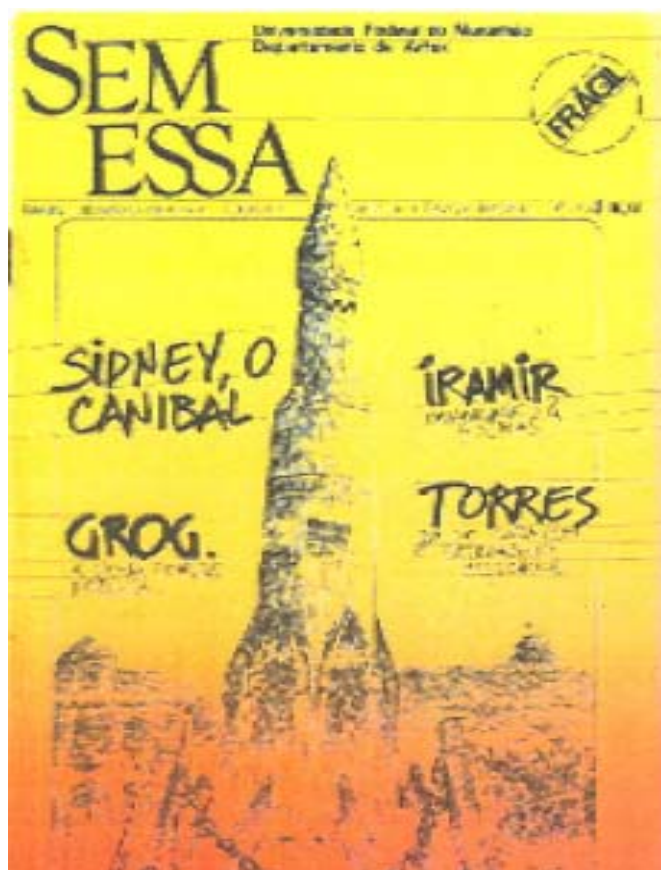


Figura 17: Sem Essa, de Iramir Santos

## 1.2 O debate: os fanzineiros definem fanzines nas redes de relacionamentos

Como a internet já é uma realidade, a ebulição de blogs e sites de relacionamento é constante, penso ser importante, para além dos conceitos, apresentar, a seguir, algumas definições sobre fanzine postadas em um site de relacionamento e outros atores envolvidos com o fazer fanzine. A priorização da discussão deste site é em razão de trazerem perspectivas de pessoas que conhecem os fanzines de papel e os formatos virtuais, demonstrando que o debate sobre fanzine é atualizado e com uma dinâmica mais instantânea, comum a linguagem virtual.

Na atualidade, o debate sobre fanzines se espalhou pelos *sites*, *blogs* ou em comunidades do *orkut*, tendo uma variedade de fóruns que discutem diversos assuntos relacionados a zines. No *orkut*, há mais de 256<sup>32</sup> comunidades relacionadas ao tema fanzine e outras dezenas que versam sobre temáticas similares, elas se dividem em divulgação de algum fanzine específico ou falam do tema de uma forma geral. O humor é emprestado às comunidades (Figura 18), de forma que, reproduzem um tom de liberdade e irreverência bem comum dos fanzines de papel, é claro que no caso das comunidades, o espaço é mais restrito ao formato da página do site e ao número de caracteres que o de ser

<sup>32</sup> Resultados obtidos em pesquisa realizada em março de 2009. A pesquisa se deu apenas com perfis com a palavra fanzine como título principal.

digitado, o que não limita o fanzineiro, haja vista, um dos objetivos de uma comunidade seja o de captar e mobilizar adeptos com ideias comuns e próprias de um grupo.



Figura 18: Comunidade Não alimente os fanzineiros

Nas discussões observadas no orkut, percebi que o “modo de fazer” é uma das condições marcantes para definição de um fanzine. Em uma comunidade intitulada Fanzine, um dos fóruns havia o questionamento: O que é fanzine? A discussão demonstrava uma dúvida corrente entre os próprios fanzineiros sobre formato, classificações e modos de fazer.

Antes de colocar a discussão em pauta, esclareço que o diálogo foi acessado por mim em abril de 2009 e transcrevi tal como está no *site* para manter a veracidade do debate, assim como mantive os nomes dos fanzineiros, pois os mesmos não apresentam nenhuma particularidade que prejudique suas identidades. (Figura 19)



Figura 19: Comunidade Fanzines

Renato: Olá, Pessoal! Eu sou o Renato, um dos editores do zine O Besouro. É um prazer estar nesta comunidade. Devido à falta de tempo, só agora me juntei a vocês. Embora esse tópico seja um pouco batido (penso eu), acho necessário discutir o que realmente é um fanzine, suas características e suas diferenças em relação a outras publicações existentes por aí. Até mesmo porque, com o advento de festivais de fanzines e outros que têm o fanzine como categoria, como os festivais de quadrinhos, há uma certa confusão ou mesmo discordâncias entre os organizadores sobre o que é fanzine.

Será que fanzine é a mesma coisa de “revista alternativa”?

Será que um zine que só traz produções do autor é fanzine?

Um zine que é totalmente feito em gráfica, com todo o seu processo de confecção profissional, é fanzine? Acho que isso e muito mais deve ser discutido para se ter um conceito universal de fanzine e distingui-lo de outras publicações.

O que eu penso: Acredito que, antes de mais nada, o Fanzine é um veículo de divulgação daquilo do qual se faz. É estritamente amador, onde seus editores participam de cada etapa de sua produção, portanto, se for feito em gráfica, perde-se esse controle. Fanzine é Fanzine, Revista Alternativa é Revista Alternativa.

Quanto ao conteúdo, pode ter matéria do próprio autor, mas também deve ter informações do tema abordado, se não seria um portfólio e não publicação de fã (a não ser que o editor seja fã dele mesmo).

Ric: Eu acredito que fanzine é uma revista alternativa como, também, utilizando material 100% do autor. Fanzine é um receptáculo de ideias sem cortes ou maquiagens.

Também sempre tive esta dúvida sobre o material feito em gráfica. Eu tenho editado, ainda sem finalização, uma pesquisa sobre o assunto para criar um manual para referências. Porém, encontrei várias discordâncias sobre a confecção do fanzine.

Fanzine de gráfica seria fanzine de luxo? Mais de 25 anos atrás, era comum encontrar fanzines impressos em mimeógrafos sendo totalmente substituído pelo xerox nos anos 80. Hoje, o material gráfico melhorou 100% e perdeu aquela inocência se tornando um material agressivamente profissional. Até que ponto descaracteriza o fanzine?

Hermínio: Para mim um fanzine é qualquer publicação impressa e independente que tenha o propósito de divulgar ideias particulares a um grupo ou mesmo a um indivíduo...

Esse não é um conceito fixo, mas eu parto desse conceito para qualquer debate sobre fanzines...

Vinicius: O fanzine é uma publicação amadora, enquanto a revista alternativa já é uma produção profissional editada em uma gráfica.

O fanzine funciona como uma espécie de laboratório onde o editor pode testar suas ideias. Na revista alternativa, estas ideias já devem estar bem definidas, pois tem-se a intenção de lucrar com aquele material e estas ideias devem estar vinculadas ao gosto do público alvo. Os dois, porém, são uma forma de divulgar ideias que geralmente não aparecem na grande mídia. Não estou dizendo com isso que a revista alternativa seja bem feita e o zine mal feito e sim que ambos possuem intenções diferentes.

Renato: Com a proliferação enorme de publicações ditas “Alternativas”, devemos tentar diferenciar os Fanzines de Revistas Alternativas. Caso contrário não haveria necessidade de se usar o termo “Fanzine”, pois todas seriam Revistas Alternativas ou vice-versa. Imagine vocês um festival que irá premiar Fanzines: Que critérios ele usaria pra julgar esse material? Como poderia um Fanzine feito de forma amadora competir com um feito em gráfica? Devemos chegar a um consenso sobre Fanzine e Revista Alternativa para que haja condições de igualdades para todos. O Fanzine é independente e alternativo, mas é Fanzine. A Revista Alternativa é independente e alternativa, mas é Revista. Quando os autores como Jim Lee, Todd e Erick Larsen lançaram seus títulos, pela Imagem, que era apenas um selo, eles criaram revistas alternativas, ou vão-me dizer que eram fanzines? rrsrrsrrsr. Brincadeira gente, mas devemos pensar nisso.

Nicolle: Eu acho que é complicado separar um do outro. Existem fanzines dos mais variados tipos e formas, assim como existem revistas alternativas construídas de vários jeitos também. Eu tenho alguns exemplares bem antigos da revista Dynamite e em várias edições eles falam no editorial sobre não saberem se são fanzine ou se são revista. Eles eram alternativos, mas não creio que era um fanzine. Pra mim, um fanzine é um fanzine quando não é feito totalmente em gráficas e distribuído em larga escala. Eu penso que um fanzine tem que ser algo “pessoal”, entendem o que eu quero dizer?

Renato: Entendo sim o que você quer dizer, Nicolle, mesmo pq, como o próprio nome já sugere,



o Fanzine é uma publicação feita por fãs, o que o torna pessoal quanto o gosto de qualquer pessoa. No entanto, chegar a consenso sobre o que é fanzine é importante para que certos equívocos sejam corrigidos em muitos festivais que acabam abrindo uma categoria só pra fanzine e, no entanto, premiam revista alternativas feitas em gráficas e com todo um acabamento profissional, o que descaracteriza todo o caráter amador do fanzine. Pra mim, Fanzine é uma publicação feita por fãs, de maneira artesanal, o que não quer dizer que se vai usar ferramentas da idade da pedra pra isso, mas que tem todo processo controlado por seus editores, com os mais variados conteúdos e das mais variadas formas e formatos. O que não dá é, por exemplo, um cara fazer um trabalho no pc, imprimir a matriz, preparar a boneca, xerocar, dobrar e grampear ou costurar as folhas, e concorrer com uma publicação feita totalmente em gráfica, independentemente do conteúdo. Acho que deve haver, então duas categorias neste sentido, uma Fanzine e outra Revista Alternativa.

Fábio: Ser publicado em gráfica não tira o mérito de nenhum fanzine. Inclusive, hoje em dia, dependendo da tiragem do fanzine, sai mais em conta fazer o trabalho em uma gráfica do que ficar tirando xerox.

Acho que o que define mesmo o fanzine é aquela coisa de ser um material independente, opinativo, algo que tem seu nicho, e que não é feito em proporções industriais.

São publicações das mais variadas, tipo quadrinhos, informativos, o que seja, e que mantêm aquele espírito de ser um material independente, sem ter o rabo preso com ninguém.

Mas agora, sobre ser publicado em gráfica (ou não), isso é o de menos. A tecnologia está aí pra isso. E se existe uma tecnologia, e se o preço está acessível pro fanzineiro, ele tem mais é que usar todos os recursos que existem a disposição.

Na Europa e na Ásia tem vários fanzines que são publicados em gráfica, e nem por isso deixam de ser fanzines. Até mesmo aqui no Brasil, eu já vejo algumas iniciativas nesse sentido, e eu acho isso algo positivo.

A gente não pode, e nem deve, querer se fechar no tempo. – Se a pessoa não tem condições de arcar com uma gráfica, aí tudo bem, usa-se a xerox na boa. Mas como eu disse, se o fanzine vai se tornando popular, se existe um retorno garantido, nada mais justo do que procurar melhorar a publicação.

Renato: Fábio, respeito o seu ponto de vista, no entanto, devemos analisar a seguinte coisa: Se existe o termo Fanzine ele deve se referir a alguma coisa que possui suas características próprias e que a distingue das demais coisas. Se partirmos do predisposto que qualquer publicação independente, produzida em gráfica ou não, é fanzine, então teremos de admitir que o jornalzinho produzido na escola é fanzine, que o informativo de uma associação de moradores é fanzine, que a Neotóquio é fanzine, a AnimeDo é fanzine, aquela revistinha da ComixBookShop é fanzine, aliás, essa publicação parece muito com um. Veja bem, com a popularização do nome Fanzine, muita gente passou a chamar suas publicações de Fanzine pq achou bonito. Ora pra você ter uma ideia, uma famosa boate brasileira chamada Madame Satã criou uma revista com o Nome Fanzine. Acho que se uma pessoa ou grupo de pessoas pode arcar com a impressão em gráfica de sua publicação (e as gráficas não imprimem menos que um milheiro, aliás até imprimem, mas você paga o mesmo valor das mil cópias), porque ele não chama essa publicação de revista alternativa? Porque Fanzine é mais popular, embora não seja um. E por que não é? Porque esta publicação feita em gráfica muda completamente as suas características, e até mesmo seu público, afinal o cara vai ter que distribuir pelo menos mil revistas e é claro, ele vai querer tirar o prejuízo. A coisa é mais ou menos parecida com o termo mangá, onde todo mundo acha, ou pelo menos a grande maioria, que se desenhar personagem dos olhos grandes é mangá.

Nicolle: Então a questão é sobre separar fanzine de revista, não?! Acho que então deveríamos entrar em consenso sobre as características únicas de cada um, para assim podermos continuar a discussão tendo algo em base.

Fábio: Como bem diz a Wikipédia:

Fanzine é uma abreviação de fanatic magazine, mais propriamente da aglutinação da última sílaba da palavra magazine (revista) com a sílaba inicial de fanatic. (...) Fanzine é, portanto, uma revista editada por um fã (fã, em português). Trata-se de uma publicação despretensiosa, eventualmente sofisticada no aspecto gráfico, dependendo do poder econômico do respectivo editor (faneditor). Engloba todo o tipo de temas, com especial incidência em histórias em quadrinhos, ficção científica, poesia, música, feminismo, vegetarianismo, veganismo, cinema, jogos de computador e video-games, em padrões experimentais. (...) A sua origem vai encontrar-se nos Estados Unidos em 1929. Seu uso foi marcante na Europa, especialmente na França, durante os movimentos de contra-cultura, de 1968. Graças a esses movimentos, os fanzines são uma ferramenta amplamente difundida de comunicação impressa de baixos custos. Como foi bem exemplificado, o “formato” não é o que faz uma publicação ser ou não ser um fanzine, seja

ele publicado em gráfica ou feito do velho modo da xerox. – O que define um fanzine (na minha opinião, e pelo visto, também se baseando no texto da Wikipédia), é exatamente o “conteúdo” do mesmo, e a maneira na qual o autor (ou autores) abordam esses temas.

Deixa eu me explicar melhor: Por exemplo, um autor (nos dias de hoje), a maioria faz a matriz dos fanzines direto no computador. A gente pega o material bruto (fotos, textos, desenhos), e depois temos uma edição “caseira” feita em um PC comum, que hoje em dia é algo super viável.

Esse material, caso a pessoa vá fazer uma primeira tiragem pequena, é lógico que a saída mais viável é ir até uma papelaria de esquina e tirar “N” cópias, e depois montar a revistinha em casa mesmo, com a ajuda de um grampeador. - Nesse caso, o fanzine está sendo publicado do jeito antigo, pela xerox e tal (se bem que hoje em dia ainda temos a xerox colorida, o que ajuda bastante em certos casos, como por exemplo podermos nos dar ao luxo de termos uma capa (ou mesmo páginas internas) a cores.

Mas enfim, a publicação feita desse jeito, está sendo feita da maneira “tradicional”. Ou seja, é um fanzine padrão, igual aos que já eram feitos nos anos 70 e 80 (desconsiderando os layouts feitos pelo computador), mas de resto, no aspecto físico, é exatamente o mesmo jeito que as revistas independentes eram feitas a 2 ou 3 décadas atrás.

Agora, pensemos no seguinte: Esse mesmo material que foi levado pelo fanzineiro até a papelaria, poderia por sua vez ser gravado em um pen drive ou um CD e ser levado pra uma gráfica (dessas que prestam serviços de pequenas e médias tiragens). – Claro que isso tem um custo, mas dependendo dos recursos do autor, é algo que pode ser viável.

Então pensem bem, se a pessoa levar a publicação pra ser finalizada em uma gráfica, o “conteúdo” vai ser exatamente o mesmo, certo? – O que vai mudar vai ser a qualidade da encadernação, o acabamento final (fisicamente falando), mas em termos de conteúdo, uma publicação não fica nada a dever a outra.

Talvez a questão esteja mais voltada para o lado físico da coisa (e é uma discussão super válida). – Mas em relação a conteúdo, que a meu ver é o mais importante, eu acho que ambos os jeitos são válidos. Como maneira de se expressar, entendem?

Fábio: Vou citar um exemplo pessoal, mas a uns 5 ou 6 anos atrás eu cheguei a participar de um fanzine montado em gráfica. Não era um fanzine individual, mas sim um feito em parceria com um pessoal que eu conhecia, e que também tinham esse mesmo objetivo de dar um passo a mais em relação a editar uma revista.

E o que a gente fez? Pegamos o material, cada um teve direito a cerca de 30 páginas (no total foram 120), e a gente fez um levantamento de preços em algumas gráficas. – Na época, a gente acabou descobrindo que sairia muito mais em conta contratar uma gráfica a ter que fazer tudo na xerox, até porque as despesas acabaram sendo divididas ao meio.

Aí cada um levou sua cota de revistas (cerca de 100 edições pra cada um), em uma tiragem final de 400 exemplares para serem divididos entre os 4 autores. Ou seja, foi algo viável, e que não pesou muito no bolso.

A minha parcela, em parte eu acabei vendendo em alguns eventos, e outra parte, eu vendi online mesmo, com a ajuda de uma caixa postal que eu aluguei no correio (e na época, o preço foi mínimo, coisa pouca mesmo).

Mas aquele material, em termos de conteúdo, não era muito diferente do material que eu já publicava antes pelo tradicional método da xerox. Era exatamente a mesma coisa, mas, dessa vez, no mix de uma revista com papel bom, com capa com papel de boa gramatura e todo um acabamento gráfico super impecável. Mas isso não mudou o meu jeito de enxergar os fanzines. Pra mim aquilo lá era tão válido como o jeito que eu fazia antes. Mesmo tendo sido impresso em gráfica, era uma coisa caseira, feita no tempo livre e sem ter rabo preso com ninguém. – A única coisa que tinha acontecido de diferente foi apenas na parte “final” do trabalho.

Sei lá, mas eu aconselho que todo mundo que trabalha com fanzines, que pelo menos uma vez na vida tentem trabalhar também nesse esquema, mesmo que apenas a título de experiência. Se juntem com outros fanzineiros que morem na mesma região (e que tenham os mesmos interesses), e tentem seguir esses mesmos passos.

Fábio: Continuando...

Ninguém vai estar-se corrompendo fazendo isso, mas sim ampliando os horizontes. Conquistando novas parcelas de mercado, até porque, tem muita gente (principalmente nos dias atuais) que tem um certo preconceito com fanzines feitos do jeito antigo.

E a tendência tem sido essa: Muitos fanzineiros acabam migrando pra publicações independentes (sejam elas chamadas de fanzines ou não). – É tudo uma consequência, entendem?

Mas bem lá no fundo, mesmo fazendo uma revista independente, bem lá no fundo mesmo a gente ainda se sente do mesmo jeito que antes. Ainda existe aquela mesma emoção, o mesmo entusiasmo em se planejar e executar a publicação do nosso próprio material.

Mas enfim, eu sei que em boa parte do Brasil essa realidade ainda não é muito viável. E mesmo pra mim, na época (tirando do próprio bolso), eu só pude bancar uma tiragem pequena (e isso me fez sentir estar fazendo um fanzine de verdade)... Porque não tinha ninguém me bancando, não tinha propagandas, não tinha um nada (além da parte gráfica), que pudesse diferenciar a minha revista dos outros fanzines feitos na xerox.

Mas a minha intenção (na época), foi realmente dar um passo a mais. Foi colocar a cara a tapa, e aceitar o desafio de fazer uma revista.

Sei lá, tá certo que foi um lance de ego, foi um lance de realização pessoal. Mas eu aconselho que todo mundo se arrisque nesse sentido. A gente amplia os horizontes, amplia nosso público alvo. É algo que realmente muda um pouco o nosso jeito de pensar.

Mas finalizando, eu acho que esse assunto ainda tem muito pano pra manga. E isso que é o certo, se ter esse espaço pra troca de ideias, pra troca de opiniões. – Se todo mundo pensasse igual (e fizesse tudo da mesma forma), com certeza o nosso mundo seria um lugar muito mais triste...

Nicolle: Eu acho que o mais importante dos fanzines é a questão do fazer você mesmo. Você escreve o que quiser sobre o que quiser da forma que quiser e pra quem quiser. Na minha opinião, a confecção dos zines em gráficas o descaracteriza, mas pra falar a verdade eu acho que o que importa mesmo é o conteúdo, o que você tem a dizer e o que você quer passar. Se você não tiver a intenção de “ficar rico” com seu fanzine e não fugir muito da real intenção por trás deles eu acho que vale (quase) tudo.

Renato: Meu caro amigo Fábio, olhando atentamente o conceito da Wikipédia, o que a gente percebe é que definitivamente, fanzine não é revista, sendo ela alternativa ou não. Sendo assim, ele tem características próprias que o diferenciam de outras publicações. Sem sombra de dúvida, o conteúdo é uma dessas características, mas não é a única e nem a determinante. Há um conjunto de características e elas devem ser consideradas como um todo. Eu recomendo aki a leitura de dois livros excelentes sobre fanzines, talvez você já os conheça, são: O Rebuliço apaixonante dos Fanzines, e A nova Onda dos Fanzines, ambos do cartunista, professor e mestre, Henrique Magalhães. Quanto a sua experiência, considero o seguinte: Digamos que eu faça um fanzine sobre quadrinhos e nele eu publique as histórias de um super herói, então determinado dia um editor qualquer me convidar a lançar esse personagem em uma edição mensal, ora o conteúdo é o mesmo do fanzine, mas será que essa publicação toda confeccionada em gráfica e com distribuição nacional, é Fanzine? E se não for, porque não é? (Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=45185&tid=5320331849652294304>. Acesso em: 21/04/2009).

Nesta discussão, a dúvida mais recorrente refere-se à diferença entre fanzine e revista independente, alguns consideram os trabalhos feitos em gráficas como revistas independentes e o que são feitos artesanalmente, colados, desenhados e xerocopiados consideram fanzines. Deste ponto de vista, apenas a forma como se faz está sendo considerada; entretanto é importante ficar atento para a questão do conteúdo, pois algumas publicações, por mais que tenham um caráter artesanal, não configuram como fanzines quando veiculam conteúdos que mais parecem de uma revista padronizada.

Sobre a questão das gráficas, acredito que não é propriamente o fato de produzir em gráfica que descaracteriza o fanzine, mas o uso que se faz dele e a linguagem que é utilizada. Um jornal feito na escola ou universidade tem suas características, um informativo feito pelo posto de saúde tem seus objetivos, dessa maneira, para tentar diferenciar um tipo de publicação de outra, talvez, fique mais claro, observando qual a função da publicação, o público que se quer atingir e a linguagem menos comercial.

Outro ponto: para alguns, o fanzine surge como um laboratório só para amadores, mas o que

observo é que a participação de profissionais também é bem corriqueira. Afirmar que fanzine é para amadores e revistas independentes para profissionais acaba selecionando a atuação dos diversos artistas e minimizando a intencionalidade destas publicações, em vista que, há diversos artistas profissionais que se dedicam a fazer fanzines e, nem por isso, suas produções são desqualificadas ou menos profissionais que as produções feitas em revistas do mercado publicitário ou independentes.

Quanto à autoria, o que é marcante no fanzine, nos dias de hoje, é a questão de fazer algo com sua marca pessoal, algo que o motive; diferentemente, no seu início, a reprodução, principalmente nos EUA, de personagens de revistas de editoras era bem comum, personagens com Dick Trace eram citados, sem falar dos debates relativos a cada capítulo lançado. A motivação era outra, reproduzir seus ídolos (personagens) e reportagens, daí a nomenclatura fã (*fanatic*) + *zine* (*magazine*), assim, os fanzines eram obras de verdadeiros fãs de personagens consagrados pela mídia.

Nos dias de hoje, criar novos personagens, poesias, músicas, entre outros é uma forma de contrapor o mercado e enfatizar o antigo lema: Faça você mesmo, que inspira a criatividade e simboliza uma construção individual de um estilo autêntico.

Uma característica forte do fanzine é a variedade de temáticas, assim, não necessariamente precisa abordar só conteúdo ou a arte do autor. O Fatherzine, fanzine da década de 90, trazia matérias relacionadas ao guitarrista Jimi Hendrix, sendo que o material publicado era oriundo de revistas comerciais e alguns textos dos fanzineiros.

Na discussão feita na comunidade do *orkut* um dos fanzineiros pontua algo relevante, no que diz respeito, aos concursos que premiam fanzines que mais parecem revistas independentes. Realmente, um fanzine que é todo produzido manualmente sofre desvantagem quando compete com uma revista feita em gráfica, e é importante que, nesses concursos, haja a abertura de categorias ou esclarecimentos que realmente personalizassem as publicações que competem. Em relação às definições feitas em concursos, veremos, no próximo capítulo, com se configuram, além de discutir outros conceitos.

### 1.3 Mais discussões

No diálogo dos fanzineiros (ver p. 39), a referência do site Wikipédia e a sugestão de livros que falam sobre fanzines são feitas, o que valorizou os comentários e demonstrou que os fanzineiros estão buscando referencial teórico como forma de validação da discussão.

Igualmente, revisito autores como Guimarães (2005) e Magalhães (1993) de forma a enriquecer a discussão. Guimarães (2005, p. 11) engloba em sua definição, nomenclatura e objetivo da publicação:

É toda publicação feita pelo fã. Seu nome vem da contração de duas palavras inglesas e significa literalmente revista do fã (de *fanatic magazine*). [...] No entanto, o termo Fanzine se disseminou de tal forma que engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto enfocado. Assim, são fanzines as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de

HQs antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo que o editor julgar interessante.

E incorpora também na sua discussão o que não é fanzine (id. ib., p. 12-13):

Obviamente as revistas profissionais que são vendidas nas bancas não são fanzines. O principal fator de diferenciação é uma consequência do fato de terem tiragens e darem lucro. A revista profissional é feita em função de um mercado pré-existente. Como precisa vender para se sustentar, a revista profissional tenta oferecer aquilo que uma parcela do público leitor quer, ou seja, a revista profissional é feita em função do leitor. [...] O fanzine é caracterizado pela independência do editor. É uma das garantias desta independência é que muitas vezes o editor mantém o fanzine arcando com seus prejuízos. [...] Não são fanzines os diversos boletins e informativos de associações comerciais, de ordens religiosas, de organizações e empresas diversas, mesmo que muitas vezes estes boletins sejam mantidos dando prejuízo.

Guimarães (op. cit.) enfatiza o fim lucrativo da publicação, o conteúdo a que/quem se destina e o objetivo. Magalhães (1993, p. 9), em sua primeira publicação sobre fanzines, enfatiza o fazer artesanal:

Uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente. É editado e produzido por indivíduos, grupos ou fãs-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, hobby ou gênero de expressão artística, para um público dirigido e abordando, quase sempre, um único tema.

Em outro momento, já podemos observar a ampliação do conceito, a tiragem e a ênfase ao trabalho do fã, quando diz: “Uma publicação independente e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa em fotocópias ou pequenas impressoras. É editado por fãs de alguma arte, personalidade, passatempo, gênero ou expressão artística, para um público aficionado. (id., 2004, p.11).”

Andraus (1999, p. 66-67) reforça a figura do fã e a vontade de expressar, divulgar ideias e engloba as várias temáticas que os fanzines enfocam.

Um fanzine, como dá a entender o próprio nome, é uma revista gerada pelo fã de determinado assunto, quer seja de cinema, de música, ou de poesia ou HQ, que disserta acerca de tudo que pode obter de seu objeto de paixão, ou ainda, atualmente, um veículo de expressão e vazão do autor apaixonado por determinado assunto, que não tem outro modo de divulgar suas ideias. Enfim, de qualquer modo, costuma-se chamar de fanzine qualquer suporte de papel que contenha tanto uma como a outra publicação supra citada, para facilitar esta grande corrente de caráter libertário que se utiliza do correio como seu melhor modo de propagação (atualmente com a franca utilização da Internet, apareceram os e-zines que nada mais são que os fanzines eletrônicos, o que facilitou em muito a divulgação dos mesmos).

Outra definição bem curiosa de fanzine e revista independente é a do Troféu Alfaiataria de fanzines 2007, que divide em categorias diferentes as publicações, mas que prefere que o próprio participante escolha, na ficha de inscrição, como ele define sua publicação.

#### Fanzine

Revista publicada de forma independente (sem uma editora formalmente constituída) e distribuída pessoalmente, via correio, internet, em lojas ou outros meios que não envolvam distribuidoras de revistas em larga escala. O Fanzine deve ter sua produção gráfica artesanal ou impresso por

processo para baixas tiragens como fotocopiadoras e impressoras. A tiragem inicial do fanzine não deve ultrapassar 500 cópias, contudo ele pode ter sido reimpresso em maiores quantidades. Para este Troféu só poderão se inscrever Fanzines relacionados diretamente a Histórias em Quadrinhos.

#### Revista Independente

Revista publicada de forma independente (sem uma editora formalmente constituída) e distribuída pessoalmente via correio, internet, em lojas ou outros meios, inclusive por distribuidoras de revistas. A revista independente deve ter uma produção gráfica mais refinada e feita por processos de impressão em larga escala, podendo ter tiragens iniciais superiores a 500 exemplares. Para este Troféu só poderão se inscrever revistas relacionadas diretamente a Histórias em Quadrinhos

Observação: A distinção de Fanzine e Revista Independente é muito sutil, portanto é importante que na ficha de inscrição seja marcado o campo correspondente indicando em qual categoria a publicação se encaixa. ((<http://www.popbaloes.com/trofeu.htm>. Acesso em: 24/04/2009).)

Como foi dito no regulamento acima, as diferenças são bem sutis e quase imperceptíveis se não fosse pela questão do número de tiragens e pela diferenciação da produção gráfica, que segundo o Troféu tem que ser mais refinada.

Em outro concurso, Troféu HQ Mix, há as categorias voltadas para publicações independentes e fanzines, mas não diferencia uma da outra, apenas, no caso da categoria fanzine, esclarecem que apenas devem passar por um estudo através da decisão da comissão. Assim, fica a cargo da própria pessoa classificar sua publicação como fanzine ou publicação independente. Entretanto, o paradoxo destas categorias é que não seria o fanzine uma publicação independente? O que realmente estão categorizando como publicação independente?

No Prêmio Angelo Agostini, não fica muito clara a definição para fanzine, mas esclarece que publicações só com quadrinhos estão em outra categoria.

No MELHOR FANZINE é considerado o título publicado durante o ano de 2008 (mesmo que exemplar único), que seja caracterizado como fanzine, ou seja, com informações, notícias, resenhas ou notas sobre Quadrinhos. Não confundir com revistas em Quadrinhos independentes, que podem ser votadas na categoria de MELHOR LANÇAMENTO. (Prêmio Angelo Agostini, <http://www.bigorna.net/index.php?secao=noticias&id=1258041533>).

Para Lourenço (2006, p. 2),

fanzine é, portanto, uma ação de alguém criando uma situação de mídia na qual não se pretende fazer jornalismo, nem treinamento para ingressar na grande imprensa, mas agir no ambiente social aqui e agora. É uma via de acesso ao que parece interessar realmente para os editores: experimentar situações de vida que consigam ir além da simples antipatia teórica contra instituições fixas como o Estado, a educação, a polícia, a família, a religião, etc.

Independente das definições, em minha opinião, os fanzines são espaços criativos que veiculam as mais diversas ideias e nascem na expectativa de divulgação de arte autoral ou não. Tentar defini-los a partir do formato ficará cada vez mais complicado, em vista da evolução das tecnologias, e considero que o mais importante desta discussão é atentar para os objetivos dos fanzines, pois este é um diferencial, uma revista independente nasce com um propósito, um fanzine com outro, mas os dois têm em comum o caráter de liberdade e independência do mercado formal que reflete diretamente na criação e edição

das publicações.

Mais do que um formato, observo que este fazer possui uma estética própria que inspira um fazer pedagógico que não se prende a planejamentos, metodologias, teorias e um espaço institucionalizado. O fazer fanzine ensina sem intenção de disciplinar ou cobrar a repetição de conceitos ou regras, é um fazer espontâneo.

Nos próximos capítulos, abordarei os fanzines nesta linha de compreensão, ou seja, vendo-o como um fazer pedagógico que, mesmo não tendo esta intenção, ensina e dá espaço para discussão, *pedagozina* à sua maneira.

## 2 ARTES DE DIZER NOS FANZINES

Na perspectiva de que fora da escola também se aprende, o fazer fanzine é para alguns fanzineiros uma atividade que reúne modos de dizer e modos de fazer que, de certa forma, desenvolvem o domínio de habilidades estéticas e a criação de pensares.

Penso que, por mais que não seja considerado hegemonicamente um instrumento de produção de conhecimentos, o fazer fanzine transformado em um espaço-tempo-social-pedagógico, pode ser propício para aprendizagens cotidianas.

Desta forma, ao considerar a educação como um processo complexo que não se limita apenas a salas de aula, sendo uma experiência que ocorre para além do espaço-tempo escolar, pensemos no fazer fanzine, eventualmente ou dentro de um projeto, como um instrumento pedagógico possível de ser trabalho no mais diversos espaços.

A seguir, observaremos o exercício pedagógico em produções desenvolvidas por fanzineiros, além de compreender, a partir das experiências dos(as) próprios(as) fanzineiros(as), a relação que se forma quando estão envolvidos em um fazer também voltado para o campo profissional.

### 2.1 Os Menocchios da contemporaneidade

“Eu acho [...] segundo o que eu penso e acredito...” (GINZBURG, 2006, p. 66).

O senso de divulgação perceptível em Menocchio, o moleiro da narrativa de Ginzburg, evidenciou-se à medida que percebeu o contexto dicotômico à sua volta. A utilização da leitura como fonte de informação fortaleceu suas ideias, ganhando mais significado e força ao ter acesso a escritos não oficiais. Esclarecer e disseminar a palavra sagrada à sua maneira era o saber/fazer pedagógico de Menocchio, um saber que só fazia sentido se chegasse aos ouvidos de todos, principalmente, das autoridades papais.

Julgado por propagar ideias contrárias ao discurso hegemônico, uma de suas teses sobre a criação do mundo chocava e revoltava os inquisidores; entretanto o moleiro, sem medo de falar o que pensava e das consequências do que isto significava, defendia sua opinião a ponto de transgredir a ordem e não titubear, mesmo quando condenado à morte.

Possivelmente, baseado nos escritos proibidos pela Igreja Católica, o moleiro construía suas teses e as fortalecia com argumentos ora destes escritos ora de passagens da própria Bíblia, o que foi caracterizado pelas autoridades eclesiais como verdadeira heresia. Em plena Contrarreforma, era imprescindível condenar Menocchio, haja vista ser uma viril demonstração de poder e força da Igreja Católica, além do mais, uma forma de cercear suas ideias e manter a ordem entre os fiéis.

O controle – velado ou não, sobre aquilo que se fala e, até mesmo, sobre aquilo que se pensa,



numa tentativa de moldar o discurso da sociedade – se manifesta através da censura<sup>33</sup>. Foucault (2005, p. 9) nos atenta para isto quando fala da cautela obrigatória e do silêncio que devemos manter em vista da censura que “determina” o que podemos dizer: “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.”

A divulgação de informações sobre determinado assunto ou pessoa pública, em algumas instituições de comunicação, acontece de acordo com interesses comerciais e econômicos e, dessa forma, reconduzem saberes de acordo com seus interesses, o que acaba sendo uma forma de coerção, pois responde apenas ao desejo de um grupo dominante.

Burlando esta situação, espaços alternativos são criados para a discussão e divulgação de opiniões, uma forma independente para colocar a “boca no trombone”. Fanzineiros como os de A serpente<sup>34</sup> (ver anexos B e C), por exemplo, se apropriam destes espaços para desenvolverem suas próprias teses e desconstruírem outras, talvez o formato mais tangível ou o mais acessível para divulgação de suas ideias. Neste caso, um dos grandes atrativos para escolha dos fanzines é a liberdade de expressão, pois, entre um grupo “consumidor” de fanzines, é possível falar dos mais variados assuntos sem nenhuma restrição de vocabulário. O fanzineiro é responsável por tudo aquilo que diz e também será alvo de comentários favoráveis e desfavoráveis aos seus, pois, se há liberdade para se falar o que quer, dá-se espaço para ouvir as mais variadas opiniões, cabe ao fanzineiro publicar ou não estas opiniões.

Segundo estes fanzineiros, a escolha por esta temática é uma tentativa de tirar os antolhos que limitam a sociedade, assim, uma tentativa de disseminação de novos olhares sobre o cristianismo, independente das opiniões contrárias. No número 2 do fanzine citado (ver anexo B), é clara a percepção do fanzineiro de que aquilo que ele escreve causa impacto, uma vez que alguns discursos ditos são entendidos como uma agressão ao que está posto na sociedade, pois, por tratarem de temáticas relacionadas ao campo do religioso, ferem a ideologia de uma doxa cristã. De acordo com o editor do fanzine,

depois do lançamento do número um, percebemos que não somos, e talvez nunca sejamos, um sucesso de crítica, nem de público. Confesso que as críticas feitas ao número um, na sua grande maioria, foram ruins. Isso seria desanimador se já não tivesse sido previsto. Uma publicação que trata de assuntos tão delicados, de forma tão indelicada quanto esta, geralmente, não agrada nem a gregos, nem troianos. Vivemos numa sociedade “cristã”, regida por uma falsa moral e por um número, infundável, de falsos bons costumes que, há milênios, nos mantém no coma profundo da ignorância. Ufa, falei! (Fanzine A Serpente, nº2, 2008).

---

<sup>33</sup> A censura que não significa somente a proibição de se falar o que se pensa, mas também a própria inacessibilidade a meios de propagação destas ideias.

<sup>34</sup> Pseudônimo de um dos organizadores do fanzine A Serpente.

É importante deixar claro que, nesta discussão, não se trata de fazer acusações ou definir se o que é publicado é certo, errado ou verdade, mas sim observar a forma como se busca coerência no discurso e como se desconstrói uma lógica racionalizada e tida como única.

Se o ponto não é ficar a defender verdades, não podemos igualmente deixar de colocar em evidência as produções de uma realidade em que este fanzine aspira, assim, revelam-se pretensões de estabelecer uma nova verdade no mundo, eliminando as falsas verdades, ou seja, pretensão de aniquilar as falsas verdades em nome do expurgo do sono da ignorância.

O fanzineiro em questão não considera que a religião é um tipo de saber viável e, desta forma, se dedica a denunciá-la como ignorância a ser aniquilada, é o fanzine tentando desqualificar a religião como modo legítimo de existência. Complemento com Santos (2000, p. 78):

Todo o conhecimento implica uma trajectória, uma progressão de um ponto ou estado A, designado por ignorância, para um ponto ou estado B, designado por saber. As formas de conhecimento distinguem-se pelo modo como caracterizam os dois pontos e a trajectória que conduz de um a outro. Não há, pois, nem ignorância em geral nem saber em geral. Cada forma de conhecimento reconhece-se num certo tipo de saber a que contrapõe um certo tipo de ignorância, a qual, por sua vez, é reconhecida como tal quando em confronto com esse tipo de saber. Todo o saber é saber sobre uma certa ignorância e, vice-versa, toda ignorância é ignorância de um certo saber.

Podemos observar como está atualizada a busca dos fanzineiros por tirar deus do céu e colocar em seu lugar outro Deus, tão poderoso quanto a encarnação da verdade: A RAZÃO, O SABER. Saber puro e verdadeiro, ao que parece, a aniquilar as brumas da ignorância e da dúvida. Parece que esses fanzineiros querem fazer uma nova revolução igual ao do fazer científico quando almejava produzir uma verdade superior.

O fanzine A Serpente tenta abrir outras possibilidades e se considera detentor de uma informação que o mundo desconhece. Na opinião destes, a sociedade, por uma breve cegueira, não compreende a vida de outra forma. Este mundo a que ele se refere só apreendeu e apreende aquilo que já está posto e cristalizado. Entretanto, é importante observar que, neste mesmo fanzine, sua visão de mundo, no que diz respeito ao cristianismo, também é obra de convicções construídas a partir de valores morais e que estes não estão livres de uma “cegueira epistemológica” (OLIVEIRA, 2007).

Oliveira (2007) nos atenta para considerarmos, também, os limites emocionais para a compreensão dos diferentes modos de ver/ler/ouvir o mundo. A autora (op. cit., p. 56) argumenta que, “a produção do conhecimento precisa ser sempre obra coletiva, na qual a cegueira de uns pode ser minimizada pela capacidade de “ver” de outros, portadores de outras cegueiras”.

Na perspectiva de construção de um olhar sobre a principal temática, “Deus”, este fanzine tenta minimizar a cegueira deste mundo cristão e lança questionamentos capazes de instaurar certo desconforto epistemológico (Figura 20).

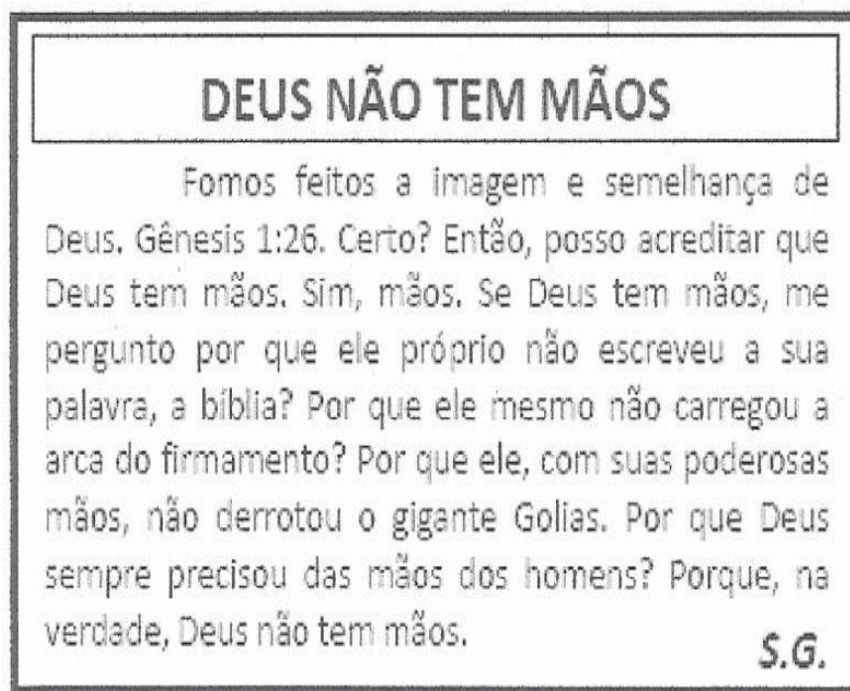


Figura 20: Fanzine a Serpente, 2008, nº2.

No texto acima, retirado do fanzine já citado, a citação da passagem bíblica funciona como elemento de legitimação teórica e uma forma de dar veracidade às informações, o que Menocchio também fazia. No caso do texto abaixo (Figura 21), a referência a Nietzsche, somada às passagens bíblicas, soa como um artifício para dar mais propriedade à discussão.



Figura 21: Fanzine A Serpente, 2009, nº3.

Em A Serpente, as identidades são colocadas em sigilo, seus textos são assinados com pseudônimos e os *e-mails* para contato também seguem a mesma linha. O anonimato pode nos indicar que, até mesmo em um fanzine, a liberdade de expressão tem duas faces, ou seja, o registro é livre, assim como o retorno da opinião dos leitores pode ser incompatível com o do editor. Além destas hipóteses, não divulgar nomes pode ser uma forma de se manter protegido dos possíveis julgamentos, pois assuntos já cristalizados são motivo de uma discussão bem acirrada que envolve razões e valores preconcebidos.

A Serpente surgiu d uma forte vontade d gritar (Para com essa merda porra!), d falar para as pessoas q tudo não passa d uma grande mentira, mas tbm confesso q vem da vontade d dar uma desorganizada nesse mundinho “perfeito” q “Deus” nos deu. É tudo muito falsamente correto. Vc não acha? (Space Ghost<sup>35</sup> em conversa via *e-mail*).

Divulgar suas certezas e convicções em um espaço que possibilita o quase anonimato também significa estar propenso ao retorno de opinião dos leitores que vão surgindo, leitores que leem (às vezes, circunstancialmente) e que se sentem provocados a exprimirem o que pensam. Às vezes, nem se espera o alcance de uma informação, mas quem divulga de forma tímida ou arrojada corre o risco de ver o retorno da opinião quando menos espera.

Ao optar pela escrita de uma temática polêmica, suscita-se o direito de resposta, pelo menos teoricamente, quem é livre para falar tem que estar aberto para escutar. Escrever, mesmo que anonimamente, desorganiza as discussões e é uma forma de especular o que está posto como certo ou errado, as críticas são também uma demonstração de diálogo, o que significa que, independente das discordâncias, está havendo trocas de ideias. “É, recebemos algumas críticas desanimadoras, mas tbm algumas positivas. A sociedade, na sua grande maioria, é religiosa então...” (Space Ghost em conversa via *e-mail*).

Segue, a seguir, um diálogo com o leitor (Figura 22):

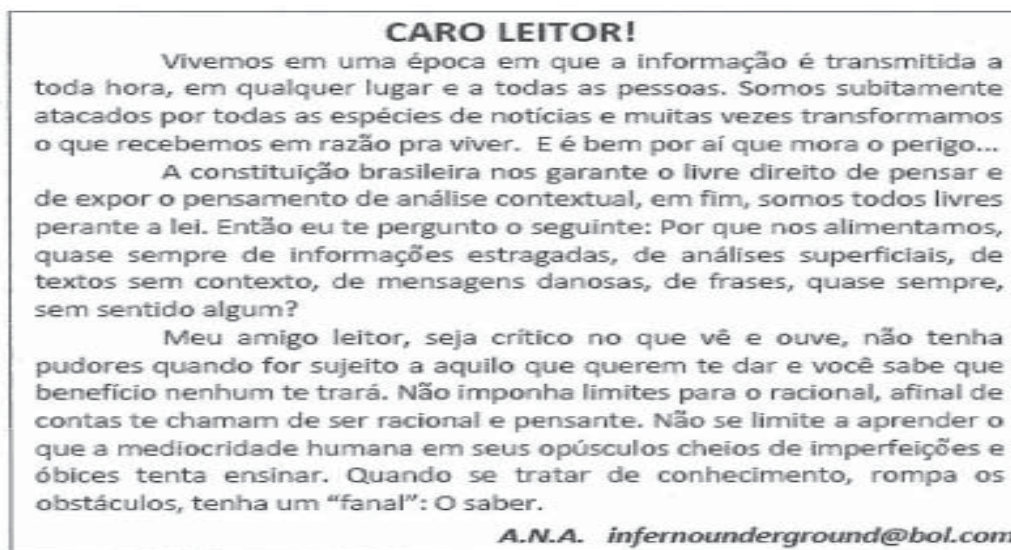


Figura 22: Fanzine A Serpente, 2009, nº3.

<sup>35</sup> Fanzine que tem como temática principal o anticristianismo.

A conversa direta com o leitor indica proximidade e colabora para manter vivo um diálogo, escrever para o outro não deixa de ser uma forma de exprimir sua experiência, não deixa de ser uma forma de mutação da sua forma de ver o mundo. Ao escrever uma crítica, às vezes ferrenha, sobre algo que o incomoda, o fanzineiro – ou qualquer outro que se permite escrever – não deixa de dar vazão àquilo que está guardado e tem pressa para libertar.

Não se pode romantizar a função comunicativa dos fanzines, mas há que se observar como age o potencial ideológico naqueles que leem zines, pois há uma gama de informações sendo divulgadas que refletem um pensar, ou melhor, um pensar factível de reprodução. Assim, quem faz fanzine quer causar algum movimento, quer transmitir alguma mensagem.

Desordenar o discurso não é tarefa só de quem propaga uma mensagem, o ouvinte ou leitor também tem o direito de escolha, discernir entre aquilo que acha correto e proferir também sua opinião para não ficar preso a um jogo em que é possível a manipulação. Fairclough (2001, p. 91) observa que “implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

Acrescentando que, “a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la.” (id. ib., p. 92).

Vainagem (2004) trabalha a liberdade na perspectiva de que toda e qualquer ideia pode ser especulada, contradita. Criticar faz parte do processo de desmistificação de um determinado discurso. Complementando, “nenhuma ideia, nenhum propósito, nenhuma crença devem escapar à crítica, a derrisão, ao ridículo, ao humor, à paródia, à caricatura, à simulação.” (op. cit., p. 22).

Magalhães (2005, p. 15) nos atenta para o aspecto de construção, assim como, de exercício da liberdade, quando nos aponta que,

não só pelo aspecto da relação comunitária, a força dessas pequenas produções está no estímulo ao olhar crítico dos fãs, enquanto exercitam sua liberdade de expressão. Grandes debates e polêmicas acontecem no fanzine, seja agregando elementos cognitivos, seja traçando análises construtivas para o resgate ou desenvolvimento de sua arte.

Dessa forma, o fanzine é uma das formas encontradas por indivíduos para aprimorarem um discurso, um trabalho, algumas vezes é o primeiro veículo, o primeiro portfólio utilizado para se divulgarem ideias das mais pessoais às mais ousadas. Escolher fazer um fanzine passa por diversos motivos, um deles a identificação com um estilo alternativo e a sensação de liberdade de expressão, sem falar na questão autoral que representa fazer aquilo de que gosta, produzir algo de acordo com sua vontade, experiência.

Apropriar-se de uma mídia, mesmo que de pouco alcance, para sentir menos domesticado pelo sistema traduz um pouco o desejo por emancipar-se do modismo, o que ecoa cada vez que o fazer fanzine encontra mais um leitor ou fanzineiro que se identifica com a mensagem dita.

Na lógica do fanzine, o fazer casual e o fazer compromissado trafegam na mesma direção;

cada um faz seu fanzine de acordo com um propósito contínuo, que é parte de um saber possível. Lembrando que, o silencioso diálogo que envolve as publicações independentes no mercado corresponde ao cenário atual de valorização e promoção de um sistema que repercute em nossas relações e escolhas.

Oportunos ou não, os fanzines propõem uma reflexão sobre as formas hegemônicas de expressão e se colocam em espaços estratégicos inventados por aqueles que se querem sobrepôr ao anonimato e propor saberes alternativos. O que parece apenas o lado B pode ser entendido como retrato de uma experiência em que a contrapartida desta prática, que se traduz em um fazer independente, é ter, em mãos, algo com a sua marca pessoal.

Eu queria escrever coisas que remetessem à minha essência. Eu acho que falar e escrever coisas remetem à minha essência. Eu acho que escrever coisas remete a algo de nós. Coisas verdadeiras refletem algo de nós. E eu queria saber escrever coisas verdadeiras que falassem o mínimo sobre quem sou. Ser eu depende muito do que leio, penso, falo e escuto. Depende da qualidade de minhas meditações. Dizer quem sou vai diretamente ao encontro de muitos, muitos obstáculos. (Fanzine Confusão, nº 42, 2007).

Propor uma publicação independente como o fanzine significa resistir às diversas limitações que envolvem a veiculação de informações. Assim, a tática consiste em conseguir driblar os problemas financeiros e tirar proveito do avanço tecnológico na tentativa de dar destaque àquilo a que se aspira, aos reclames e informes que interessam ao cotidiano de cada um.

O que mais me chama atenção, em fanzines como A Serpente, apesar de minha aceitação estar no campo da objetividade-entre-parênteses<sup>36</sup>(MATURANA, 2002), é a ousadia de dizer, contestar e gritar palavras que, para uns, são entendidas como blasfêmias, mas, para outros, é uma realidade possível, que independente das opiniões externas, é uma forma de pensar e fazer com que os que estão à sua volta saiam do seu conforto epistemológico e demonstrem o que pensam, pois, assim, nasce a vida do discurso, o movimento das palavras.

Descobrimos que a verdade não é inalterável, mas frágil, e creio que essa descoberta, como a do ceticismo, é uma das maiores, mais belas e comovedoras do espírito humano. Em dado momento, percebe-se que se podem colocar em dúvida todas as verdades estabelecidas. (MORIN, 2008, p. 153).

Enfim, aprendi, com os fanzines, que tudo pode ser contestado, que a dúvida gera as hipóteses e delas nascem os argumentos, as invenções e, principalmente, mentiras ditas como verdades ou, se preferirem, verdades inventadas.

<sup>36</sup> Quando me refiro a uma aceitação no campo da objetividade-entre-parênteses, considero que possuo minhas crenças e acredito nelas enquanto minhas verdades, mas que, também, permito e aceito que o outro construa suas verdades, mesmo que sejam diferentes da minha. Maturana (2002, p. 48) aponta que, “no caminho explicativo da *objetividade-entre-parênteses*, não há verdade absoluta nem verdade relativa, mas muitas verdades diferentes em muitos domínios distintos. Neste caminho explicativo existem muitos domínios distintos de realidade, como distintos domínios explicativos da experiência fundados em distintas coerências operacionais e, como tais, são todos legítimos em sua origem, ainda que não sejam iguais em seu conteúdo, e que não sejam igualmente desejáveis para serem vividos”.

### 2.1.1 Liberdade de fanzinar

Inicialmente, convido os leitores a responderem à pergunta que Foucault (2005, p. 8), no livro “A ordem do discurso”, não deixa calar: “Mas o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”

Apesar de, teoricamente, sermos livres para expressar o que pensamos e escrevermos o que vem à mente, somos observados por um olho invisível, podemos até difundir nossas ideias, sabendo que vivemos em um campo minado, que pode virar-se a favor ou contra ao que dizemos. Acrescento mais uma pergunta: Somos livres, realmente, para proferir tudo que pensamos?

Dizer o que é mais aceitável para um grupo de mesmo domínio tem mais possibilidade de aceitação, mas como fazer com o discurso oposto e incomum a estes grupos? Ponderando pelo ângulo de que criticar faz parte deste processo de formação de opinião, o respeito pelo que diz o outro faz parte da prática de aceitação pelo que ele é, pensa e age, o que significa o exercício da legitimação do outro.

Uma escrita de canivete, uma palavra com efeito de sicuta podem guerrilhar quem menos espera. Expressar ideias, independente da forma, pode ser um termômetro para se observar a tolerância entre as pessoas. É importante ter em mente que “a liberdade de crer e de praticar ritos não pode ser confundida com o poder arbitrário de preescrevê-los àqueles que não a compartilham.” (VAINEGEM, 2004, p. 24).

Mas a aceitação daquilo que o outro pensa só acontece entre iguais, ou seja, quando se trata de pessoas que fazem parte do mesmo domínio de aceitação mútua. Ao contrário disto, quando são de diferentes domínios, a negação do outro acontece pelo simples fato de acreditar que se tem acesso a informações privilegiadas que o torna legítimo e o outro não. (MATURANA, 2002).

Neste campo de negação, a tolerância por aquilo que o outro acredita se mantém até o momento em que o outro diferente a permite, pois, por acreditar que é privilegiado e que possui informações a que só ele tem acesso, o outro vive em um espaço equivocado e, portanto, vive numa realidade ilegítima.

Assim, uma verdade estabelecida a partir de uma objetividade-sem-parênteses (MATURANA, 2002) é uma verdade irresponsável, é uma verdade que se corrompe, visto que estamos inseridos em uma sociedade em que nem todos têm a mesma percepção da realidade. Desta forma, é bom que tomemos a liberdade de imprimi-la e de comunicá-la em sua diversidade e, especialmente, fora da perspectiva redutora que a impregnação das mentalidades pelos imperativos econômicos, religiosos, sociais e morais tende a impor como visão única e racional do real.

A liberdade de expressão não deve ser posta a serviço da defesa do homem, ela pertence, enquanto liberdade, à liberdade do humano. Ela não é apenas o despertador da consciência e o porta-voz de seu despertar, ela é a linguagem restituída à pessoa, aquela que manifesta o modo como vivemos no mundo e o estilo segundo o qual temos a intenção de viver. (VAINEGEM, 2004, p. 27-28).

Registrar e divulgar fazem parte de um processo mais trabalhoso, pois, por mais que haja uma sensação de tudo dizer, é importante perguntar “Quem publica sem restrições?”.

Jornais, revistas, rádios, canais de televisão, entre outros, possuem critérios que respeitam o mercado de consumo e publicam aquilo que é conveniente para seus anunciantes. Evidentemente, esta não é a única condição que determina o que pode ou não ser divulgado, mas um entre vários fatores que estabelecem questões relacionadas a divulgação.

A utilização de material independente funciona como alternativa para algumas pessoas que querem publicar seu trabalho, proferir sua opinião política, religiosa ou, simplesmente, produzir aquilo que gostaria de ver em algum meio de comunicação. Há grandes e pequenas produções, algumas delas estão no mesmo páreo de produções consagradas no que se refere a conteúdo e movimentam um mercado paralelo.

Nesta linha independente, o fanzine possui uma lógica que não segue periodicidade, temas, formas, conteúdos, um espaço que também movimenta formadores de opinião. Sua falta de sutileza para dizer o que “der na telha” denota um tom rebelde que desafia os modismos e sugere um estilo de ser próprio do universo *underground*: liberdade de ser o que é, livre de ditaduras editoriais.

Magalhães (2005, p. 24) pontua que,

se o desenvolvimento tecnológico e a popularização dos meios de impressão possibilitaram a edição do fanzine cada vez mais sofisticada, aproximando-o do requinte das publicações do mercado, contudo, para continuar sendo fanzine ele deve manter seu princípio original: o caráter contestador, informativo e analítico, fator de integração de grupos culturalmente marginalizados.

Seu ar experimental com um quê de marginal fabrica dizeres e linguagens sem pudores que refletem um estilo de opinar bem característico daqueles que optam por, além da vontade de se expressar, divulgar uma filosofia de criação independente:

No fanzine experimentam-se as novas linguagens, promovem-se ousadias conceituais. O fanzine, por vezes, serve de inspiração ao meio empresarial, que nele encontra elementos de renovação estética. Enquanto manifestação espontânea e democrática de grupos, muitas vezes formados por jovens, o fanzine faz ainda a legitimação das linguagens populares, nem sempre percebidas pelos círculos oficiais. (id. ib., p. 20).

Passando, às vezes, a ser a primeira experiência de escrita, traço ou trabalho mais sistematizado, o fanzine soa como teste para primeira estréia, uma espécie de treinamento para um futuro mundo profissionalizado, pois, ao observar alguns zines e conversar com zineiros, alguns confessaram que esta é sua forma de “treinar” e sentir a reação das pessoas sobre seu trabalho, sua arte.

Em entrevista, o professor André Brown comenta sobre a relação do fanzine com a questão artística e profissional que rege essa mídia:



Eu acho que tem um pouco essa função, por mais que alguns mais radicais digam que fanzine não é revista, mas eu acho que pode ser esse laboratório, muita gente que publica como autor de textos e desenhos começou com fanzine, pois, claro, no primeiro momento, você não tem espaço na mídia, e você tem que ter um espaço para publicar essas coisas, não que o fanzine tenha que ser esse trampolim, mas, pra muita gente, funciona assim e é uma maneira de pensar o fanzine, de poder mostrar um trabalho ali que depois vai ser publicado em algum jornal ou revista, eu acho que, pra cada um, o fanzine é uma coisa diferente.

Ao perguntar ao ex-fanzineiro Márcio Sno<sup>37</sup> sobre a relação do fanzine com a sua profissão, respondeu o seguinte:

Um exemplo mais próximo é a minha profissão. Quando comecei a produzir zines, peguei gosto pela carreira de jornalista. Hoje sou um. Representou também conhecer muita gente, ir a lugares que jamais imaginei ir, fazer amizades com pessoas pelo mundo afora. Grandes amigos daquela época que ainda mantenho contato e outros se tornaram como irmãos para mim. Talvez minha vida não teria muita graça se eu não tivesse passado pelos zines...

Assim, independente da relação profissional ou não, quando um fanzineiro produz um fanzine para expressar aquilo que o incomoda, ele, no mínimo, quer ser um agente modificador do seu espaço.

Assim,

a linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos. (GNERRE, 1994, p. 5).

Fanzinar tem todo um ritual de criação, um movimento que contraria a lógica mercadológica, pois, por mais que o sistema de distribuição de um zine seja precário, jamais um zine é feito apenas para ficar dentro de uma gaveta, faz fanzine quer, no mínimo, exteriorizar algo que, em algum momento, lhe chamou a atenção.

Em conversa com a fanzineira Julie<sup>38</sup>, perguntei como fazia seus zines, e sua resposta chamou a atenção, pois tem consciência de que aquilo que escreve é a sua versão, uma chance de falar de si.

Eu escrevo meio com o coração... Você vai ver que não tem nada tipo: – Nossa! Como a menina entende do assunto! É um negócio escrito com o coração, eu tento passar informação pra dar uma noção pra pessoa... tem umas coisas bem pessoais. Tem sempre uma preocupação no que vou falar para as pessoas, algo que eu vi e me instigou. Eu falo o que vem, eu sempre tomo cuidado de não afirmar demais... Eu sempre tomo cuidado de dizer que eu não sou a dona da verdade, é a minha versão, são coisas que eu acho que vale a pena pensar ou coisas que eu queria contar... (Julie em conversa).

Em outra conversa com o fanzineiro Space Ghost, perguntei se ele só conseguia falar o que

<sup>37</sup>Em seu blog, se autodenomina como: “pai, marido, amigo, jornalista, fanzineiro, espectador de filmes estranhos, ouvinte de música boa, dependente químico da leitura. Tudo pra dá certo... mas na verdade não é assim”. (BLOG DO SNO). Participou ativamente do movimento de fanzines nas décadas de 80 e 90.

<sup>38</sup>Seu primeiro fanzine foi o Burn don't frizzer, depois fez o Pouco Viável, realizou também uma oficina de fanzines no Centro Cultural de Nova Cachoeirinha (Centro Cultural da Juventude), em São Paulo.

queria através dos fanzines, pelo contexto do fanzine que publicava, sua resposta foi categórica “Quem iria publicar isso?” (Space Ghost/ Fanzine A Serpente em conversa no MSN).

No editorial abaixo, há um comentário sobre o significado do zine para a livre expressão de opiniões:

O que temos feito com essa liberdade de expressão devolvida e sacramentada em nossas vidas? Não é pretensão nossa – e acho que nunca será – mudar o que quer que seja com este reles fanzine. Mas esta é a forma que escolhemos de não desperdiçar a liberdade de expressão que nos foi devolvida, essa mesma, citada aí em cima no trecho do texto do Ricardo Kotscho. Esta é a forma que escolhemos de compartilhar opiniões, fatos, histórias e bobagens, por que não? Este é o nosso embrulho, servindo de uma forma um tanto incomum a essa grande feira, gritando idéias – nosso pastel não custa nada, nem um real! E ainda bem: podemos fazer isso sem o medo da repressão ou da censura. Aliás, censura mesmo, só contra a nossa ignorância. (Fanzine Embrulho de Banana, 2006).

Quando um fanzine segue o caminho de encontro de outro fanzineiro (ou leitor), por mais que não repercuta entre um número consagrado de leitores, ainda assim, dependendo da sua utilização, o fanzine será um espaço propício ao divertimento, à troca, à manifestação de saberes ou aprimoramento de alguma habilidade. Um comentário ou um quadrinho que é publicado em um fanzine tem chances de voltar em forma de comentários, sugestões, críticas descaradas ou pode resultar no começo de amizades e inimizades, o que contraria a sensação de ser invisível.

Dar espaço à própria criatividade é algo possível através da liberdade de autoria, pois se dá vazão à originalidade. No caso dos fanzines de *comics*, há a criação de personagens que repaginam o cenário brasileiro de forma que o estigma do herói pode ser ironizado e parafraseado, dando espaço a anti-heróis que até podem morrer no primeiro capítulo<sup>39</sup>. (Fanzine FERCOM!, 2003).

O querer fazer-se presente e a escolha pelo fanzine transitam por uma legitimação do espaço alternativo como espaço autêntico, avesso aos modismos e aos padrões do mercado. Fazer parte do universo *underground* passa pela vontade de estar em um lugar incomum, alguns se “associam” para não se sentirem reprodutores do sistema vigente, entretanto, para outros é o espaço mais acessível, o único que abre as portas para sua expressão.

É o fanzine o veículo que se contrapõe ao descaso do mercado editorial, que não contempla de forma adequada o fluxo da produção dos artistas nacionais, muito menos a obra dos novos autores. [...] O fanzine é, pois, um produto de grupos marginalizados cultural e geograficamente. É porta-voz de um tipo de cultura que denominamos genericamente de *underground*, contracultura, alternativa ou independente. (MAGALHÃES, 2005, p. 15).

Essa marginalidade, no sentido de não estar diretamente inserido em um mercado comercial,

<sup>39</sup> O FERCOM! é um fanzine de estilo cômico, feito por Fernando dos Santos, que tem participação de vários artistas. Em algumas edições, publicou produções dos participantes das oficinas realizadas no projeto Humor em Quadrinhos, financiado pelo programa VAI (Programa para a valorização de iniciativas culturais), da prefeitura de São Paulo.

não tem muito a ver com posição social e financeira, pois é importante ressaltar que o fanzine pode ser encontrado tanto em camadas sociais de baixa renda quanto da alta, não há uma regra específica que indique sua aparição enquanto veículo de comunicação. “O fanzine é um veículo de comunicação dirigida, que tem a dimensão do universo de seu grupo”. (id., p. 18).

Criamos um grupo de pessoas que tem como prazer compartilhar pensamentos sem vergonha, compartilhar aquilo que gostamos, como vídeos, músicas, livros, filmes, revistas etc. Mas esse grupo não é fechado e está sempre a espera de novos adeptos ao zine de papel. (Fanzineira do Zinequanon, 2006).

O espaço não-formatado, aberto e transitório dos zines oficializou-se como um ambiente propício à materialização de inquietações, assim como ruiu com os formatos estrangeirizados das revistas comercializadas, mas é importante apontar que muitos fanzines reproduzem o mesmo estilo destas revistas. Da mesma forma que há, por uns, o desejo de se diferenciar do hegemônico, há o de ser como o hegemônico.

E assim o VR chega mais próximo do seu objetivo que é ser uma verdadeira ferramenta cultural (pelo menos é assim que eu vejo)... E quem sabe no futuro o zine se transforme em uma revista, e a revista numa editora, e a editora numa empresa e a empresa num planeta... Está bom... Estou viajando... Mas a questão é que sempre estaremos procurando novas formas de expandir o Velho Rabugento! (Fanzine Velho Rabugento, nº44, dezembro, 2007).

Fanzinar é uma forma de contestar ou, simplesmente, uma possibilidade de criação e exposição da sua própria prática social, é uma atitude para sobreposição do seu pensar diante da censura e da mídia convencional. O fanzine camuflado de revista artesanal, na sua diversidade de estilos, fala a língua que o fanzineiro quer ouvir e consegue trafegar onde menos se espera, por isso a reciprocidade entre tantos discursos reorganiza-se a partir da linha divisória entre o *underground* e o mundo massificado.

Em minha percepção, os fanzines pesquisados e citados neste trabalho, tentam responder aos seus anseios e criam algo seu para suprir sua carência por uma mídia que “fale sua língua”, se há uma lacuna na mídia convencional, evidentemente outras formas de fazer serão inventadas.

### 2.1.2 Fábrica de dizeres

Pensemos, então, na linguagem ligada à realidade. A linguagem como um dispositivo – entre tantos outros – é mais um produtor de realidade do que uma representação desta. “O mundo é uma imagem da linguagem. A linguagem vem primeiro; o mundo é uma consequência dela.” (FOERSTER, 1996, p. 65).

Vainagem (2004) comenta a necessidade de se decifrar a linguagem e reconhecer-se nela e a partir dela a fim de anular aquilo que não se acredita enquanto fonte de seu cotidiano. O autor trabalha a linguagem como uma entidade autônoma aos próprios seres humanos que a articulam.

Pois é da própria natureza da linguagem enraizar-se na vida, enquanto experiência fundamental da existência cotidiana, diversificando os seres e as coisas afastando-os e aproximando-os, sem, no entanto, pelo fato de construir sua substância comum, superá-los. (VAINEGEM, 2004, p. 28).

A linguagem é fabricada por seres humanos, mas, ao mesmo tempo, ela se torna uma entidade independente desses mesmos humanos que a fabricaram. Assim, pela linguagem, nós fabricamos um mundo que nos ultrapassa, acrescentando que “a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

Como artefato de expressão de uma linguagem, o fanzine soa como um porta-voz de movimentos que se querem fazer presentes na sociedade, dando visibilidade à margem em que habitam, produzindo um incômodo, uma pequena turbulência que tem potencial de se multiplicar.

Não entrando no mérito da veracidade de opiniões, estas publicações veiculam ideias que esboçam uma tentativa de se fazerem presentes e, principalmente, se fazerem vivas à medida que o ato de criar torna-se instrumento de amadurecimento para tradução do real vivido. “Nossas ideias não são reflexo do real, mas traduções dele.” (MORIN, 2008, p.145).

Nos fanzines, são experimentadas visões e formas de compreensão do mundo às vezes sem espaço em outras mídias. Fazer um fanzine não deixa, pois, de ser uma forma de exprimir uma experiência, não deixa de ser uma forma de potencializar maneiras de intervir e enxergar a experiência de estar no mundo. Ao escrever uma crítica, desenhar, enaltecer um tema ou anunciar um horizonte expressivo, o fanzineiro não deixa de dar vazão àquilo que está guardado e tem pressa para se libertar, colocando, muitas vezes, em xeque, verdades instituídas e a sua própria “vontade de verdade” (FOUCAULT, 2005) secretada por saberes hegemônicos que definem as estéticas dominantes do que dizer e como dizer a respeito do mundo.

Evidentemente, sem a pretensão de esgotar o assunto, este texto expressa uma tentativa de compreensão dos processos de criação de opiniões produzidos por alguns fanzines, observando a compreensão de mundo tecidos por meio dessas publicações. As temáticas tratadas nos fanzines, a forma como as temáticas são expressas e trabalhadas podem produzir, ainda que em instâncias invisíveis e de pouca projeção social, a quebra de realidades hegemônicas construídas e naturalizadas como verdades incontestes. Diferentes maneiras de dizer podem inaugurar novidades discursivas que, se correm o risco de desaparecerem no instante seguinte, igualmente carregam consigo as sementes do florescer de um inusitado existir.

A produção de um saber a partir do fazer fanzine revela-se no dizer que almeja ser diferente,

que não quer ser lugar-comum, por isso tenta desfazer-se do usual na pretensão de legitimar um saber que se concretiza pela troca de experiências.

Uns dos atrativos é a liberdade de fazer um produto ao seu gosto, com seu estilo próprio e dizer aquilo em que acredita. A sensação de não serem vigiados possibilita multifaces aos fanzines, há uma multiplicidade de discursos sendo apresentados sobre e para uma sociedade que, muitas vezes, desconhece o fanzine-jeito-de-ser, um jeito de ser emblemático e expresso através de uma notoriedade tímida reservada a um habitat povoado só por aqueles que têm algum conhecimento desta mídia. Recôndito de discursos, o fanzine é espaço para os mais diversos fanzineiros e leitores, sejam eles contestatórios, ideológicos, opinativos, irônicos, divertidos, políticos ou apolíticos.

A proposta do fanzine é ser uma forma de comunicação palpável que represente um registro de opiniões e discussões da atualidade que, por mais que a divulgação seja de alcance localizado, tenha uma validade, nem que seja individual. Evidentemente, nem sempre a opinião de um tem um significado igual para outra pessoa, a validade dos saberes produzidos age em cada um de uma forma e aquele que utiliza o fanzine como ferramenta de comunicação reage de acordo com seu estilo ou vontade.

O se fazer presente dialoga com o se fazer vivo à medida que o ato de criar torna-se instrumento de amadurecimento através da fusão de ideias; no entanto, por mais que se tente fugir dos padrões do mercado, este ainda é um referencial que é mantido para ser copiado ou contrariado.

Vejamos, a seguir, um comentário de um editorial de um fanzine que expressa o fanzine-jeito-de-ser apontando que este trabalha com uma dinâmica bem diferente da tradicional:

Aqui, a história é outra. Nosso tempo tem a ver com o amadurecimento, a apuração de ideias, a criação e, principalmente, com a oportunidade de conhecer pessoas dispostas a ler nosso trabalho, ajudar em sua elaboração ou acrescentar experiências. Em nosso processo criativo, essas etapas se somam ao tempo de outras pessoas e se misturam com ideologias, desejos, sonhos e sentimentos diversos. (Fanzine Colateral, nº3, março, 2003).

Em uma revista comercial, não há este período de maturação, ela deve cumprir um cronograma e, se não conseguir chegar ao objetivo, vender, com certeza sairá das bancas. No caso do fanzine, sua publicação não respeita um tempo específico, depende da pessoa que está produzindo, poderá haver várias publicações, como pode limitar-se há apenas uma edição. Como foi dito, dependerá da disposição de quem produz, de repente o fanzineiro quer tratar de um assunto, sendo que não cabe na temática do que ele está produzindo atualmente, então, produz-se outro fanzine que corresponda às suas ideias.

Tudo isso é fruto de uma química e de um ritmo, talvez comum a toda comunidade fanzineira, em que o intervalo de lançamento entre um número e outro segue a sucessão de percalços (o tempo para namorar, para ficar sozinho, para correr atrás do prejuízo ou para simplesmente pensar na própria vida). São por esses e outros motivos que Colateral não se prende às formalidades, nem às rotinas como as que a gente vê nos escritórios, por exemplo. Nesta casa, as mentes estão apenas concentradas em vislumbrar boas matérias e prazerosas parcerias. Quando se pensa nisso, a periodicidade e o retorno financeiro são o que menos contam. (Fanzine Colateral, nº3, março, 2003).

Enfim, transitar em um espaço subterrâneo pode ser uma forma de resistência ao convencional, uma forma de contestar ou, simplesmente, uma possibilidade de criação e exposição da sua própria prática social. Funciona com uma tática<sup>40</sup> para sobreposição do seu pensar diante da censura e da predestinação da mídia convencional que define modelos de acordo com o interesse de lucro do mercado.

Uma vez que, através do fanzine, o fanzineiro tem seu direito de autor, ele se expõe e coloca naquele ideal de revista características subjetivas com intuito de particularizar seu trabalho criativo. Como Certeau (2007, p.100) comenta, a tática “opera golpe por golpe, lance por lance” e se vai movimentando dentro de um campo calculado, “aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas.”

Em vista da discussão sobre a escrita e, conseqüentemente, a questão da escrita independente, revisito Foucault (2005) no que tange a produção do discurso em uma sociedade coercitiva, em que a linguagem e a sua lógica são permeados de poderes administrados por um discurso maior que permite ou não a expressão do pensamento de acordo com sua pertinência ao momento em voga.

No caso do fanzine, no anseio de um dizer autêntico, fanzineiros reinventam uma lógica, uma expressão desatrelada do mercado tradicional das revistas e demonstra sua vocação para uma escrita despreocupada com a censura editorial, livre dos vícios de um mercado que impõem um sistema de compra e venda.

Vitrine ou fábrica de dizeres, o fanzine demonstra que consegue sobreviver mesmo com o saber instantâneo da internet. Escreve-se o que pensa, sendo que os incômodos do dia a dia recebem um desenho literário de leitura marcante, alternativa e ousada. Mostrar-se para um público cativo ou expor suas crenças, seus valores políticos faz parte da escrita que preza o questionamento e a crítica sem sutilezas.

De papel ou virtual, o fanzine respeita uma linguagem independente, simples de ser entendida e direcionada a um público que deseja ler sobre determinado assunto; assim, se um fanzineiro quer discutir sobre um assunto que lhe chama a atenção, escreve no seu próprio fanzine para aquele que melhor se enquadra no seu perfil.

Em conversa, o ex-fanzineiro Márcio Sno explica qual sua preferência em termos de assuntos para divulgar em seu fanzine:

Eu gostava de divulgar de tudo: bandas, poetas, desenhistas. Tudo de vários estilos e tendências. A ideia sempre foi misturar tudo em só lugar. Pois sempre me incomodaram os zines de um determinado estilo ou ideologia, que ficava fechado, em guetos. Exemplificando, tinha zines só para punks e só punk lia, formando umas panelinhas... A ideia sempre foi mostrar “o desconhecido” para todo mundo.

<sup>40</sup> Conceito utilizado por Certeau para designar uma ação calculada, ou seja, é uma ação calculada que “tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas vão abrindo na vigilância do poder proprietário” (Certeau, 2007, p. 101) para conseguir brechas e se manter astuciosamente onde deseja estar.

A construção obedece ao estilo de cada um, por exemplo, temática *punk* para fanzines de banda e adeptos da filosofia *punk*, novidades sobre *skate* para os praticantes do esporte e afins, e assim para os demais estilos. Funcionam como “guetos” para expressão de suas opiniões sobre aquele universo vivido, um espaço para contar as novidades, criticar, ironizar ou, simplesmente, se divertir.

Alguns fanzines querem fugir do formato revista, assim, não seguem um padrão de escrita de artigos, discutem algum assunto que chama a atenção e falam o que se pensam sem meias palavras, sem ponderações. Uma ex-fanzineira Daisy<sup>41</sup> comenta:

Nos fanzines de papel, a linguagem era pessoal. Não havia cobrança como há na internet em que tudo tem que se parecer com uma monografia universitária. Havia liberdade poética. Uma coisa que incomodava.

Muitos já tinham uma mentalidade corporativa e cobravam dos fanzineiros mais “raízes” que seguissem e obedecessem a padrões jornalísticos! Na internet, isso melhorou. Com a vantagem de ter a parte dos comentários, em que, se um destes postar um comentário administrativo, recebe resposta do leitor explicando que ali não é a Gazeta Mercantil. (Daisy, ex-fanzineira em conversa).

Guto<sup>42</sup> comenta:

Por um lado, observo que há menos profundidade nas análises, menos detalhes nas descrições (de bandas, por exemplo), pouco cuidado com o idioma e muita autopromoção e egotrips. Por outro lado, há mais facilidades para a impressão, distribuição e divulgação dos trabalhos, bem como há uma periodicidade melhor do que há alguns anos; em termos editoriais, há também um maior imediatismo e uma maior renovação de informações. (Comentário de Guto, em conversa).

Podemos observar assuntos bem variados, em um dos fanzines pesquisados, uma enquete foi lançada e ela chama atenção pela variedade e pela segurança na crítica; o título da enquete foi: “Tudo que você sempre quis dizer, mas ninguém teve coragem de perguntar” (Colateral, 2003). Com um tom divertido e, às vezes, irônico, as perguntas curtas davam chance para expressão de opinião dos fanzineiros, a crítica manifestada atingia desde pessoas famosas às questões sobre cinema em música.

Para a pergunta: Afinal, o que é ser uma pessoa fútil? o seguinte comentário sobre futilidade:

O caso da cantora é bem ilustrativo. Seu discurso vazio e a ostentação declarada revelam, consciente ou inconscientemente, uma satisfação assumida pela condição de “produto”, ou melhor, de “mercadoria descartável”. Nesse contexto, ser fútil é muito mais do que ser leviano ou insignificante, é ser a insignificância em pessoa. (Zine Colateral, nº3, março, 2003).

No que tange aos *comics*, eles também seguem uma linha de crítica, de paráfrase ou divulgação dos quadrinhos já consagrados no mercado. A originalidade é uma forma de se destacar entre aqueles que consomem este material, alguns personagens que estão longe dos holofotes do mercado tradicional de quadrinhos repaginam o cenário brasileiro e são utilizados como forma de brincar, parafrasear ou criticar o mercado de personagens famosos. Da mesma forma, os fanzines de gêneros musicais dão

<sup>41</sup> Publicou na década de 80 o zine Criminal Insane.

<sup>42</sup>Publicou os fanzines Gnomo da Tasmânia, Disbablios Biblios e Bodega. Hoje é jornalista, escritor e músico.

espaço às bandas e cantores que não possuem uma estrutura equiparada aos músicos da moda, divulgam fitas demos (décadas anteriores à década de 90), hoje os CDs demos. Em outros casos, há fanzines que falam de algum artista em especial de que o fanzineiro é fã, um exemplo disso, é o fanzine Fatherzine nº96 que fala sobre a carreira de Jimmy Hendrix.

Alternativa para não obedecer a moldes pré-estabelecidos, fugir do lugar comum, publicar em um fanzine significa escrever ou desenhar aquilo que o fascina, sair do convencional e reinventar uma linguagem, independente de que, algumas vezes, só interesse ao próprio fanzineiro. Dizer o que quer independente do alcance não faz muita diferença quando o lema principal é curtir ou criar seu próprio espaço.

O Fanzine Lado[R] pratica bem a filosofia de fazer aquilo e que se gosta e deixa claro que:

Algumas considerações ao público errante:

1. O Lado[R] é nossa fruição estética. Também lidamos com outras coisas ligadas a comunicação, ou não.
2. Fazemos na hora que estamos de boa pra fazer. Foda-se as ideias quantitativas.
3. O Lado[R] se [des]organiza em forma de coletivo. Se você não curte ou acha que somos vacilões, não tem problema. Nós não ligamos pra você.
4. Nossa meta é não ter meta nenhuma.
5. Falamos somente sobre aquilo que achamos legal. O que a gente julga ser uma merda, deixamos para nossos colegas jornalistas. Nós não somos jornalistas, somos possibilistas.
6. Distribuimos gratuitamente o fanzine por acreditar que ainda existe seres pensantes nessa província cosmopolita.
7. Fanzine é paixão. Trabalho é chatice. Sem patrões e sem dinheiro.
8. Nos divertimos muito fazendo essa onda desde 2005. E você o que têm feito?
9. Fanzine é resistência. Pra gente isso fala muita coisa.
10. Se não gostou se chegue. Faça você mesmo!
11. No país do futebol não pode faltar a bola. (Disponível em: <http://ladorsemcolchetes.blogspot.com>. Acesso em: 11/10/2008).

O ex-fanzineiro Leonardo Panço<sup>43</sup> diz, “durante vários anos, foi o que eu respirava no dia a dia. Era onde podia divulgar o que fazia, o que as outras pessoas faziam, os shows, as fitas demo. Sem qualquer limite. Era falar o que queria e pronto.”

Este espaço prático, livre de planejamentos, sem datas definidas de lançamento e textos não cronometrados por editores podem ser o indicio de que há um público sedento por liberdade de expressão, liberdade de exposição, vontade de verdade. (FOUCAULT, 2005).

Vejamos o comentário que pontua a ênfase dada para um determinado assunto em um canal de televisão – no caso, transgênicos – e que, na sua abordagem, reconhece que a notoriedade dada ao

<sup>43</sup> Publicou Punkarioca (1982/1984), Jam Session (1984/1986), Fast Forward (1987/1990), Jimenezine (1990/1993); Skate & Bordas (1996 / 1998); Na Base Skt Zine (1998 / 2000). Atualmente, colabora pra veículos da mídia impressa e virtual, na maior parte, independentes, escrevendo e fotografando sobre skate, música e cultura alternativas e ativismo.



assunto só é mostrada segundo o interesse da emissora:

Fico imaginando a repercussão que daria se o Fantástico da Rede Bobo apresentasse imagens de vírus, protozoários e bactérias (ampliadas 10 milhões de vezes!) e uma explicação assustadora de como é possível produzir soja, batata, milho, etc. a partir do “cruzamento” desses bichinhos com as plantas. Bastariam 20 minutos de reportagem dramática para que o caos começasse logo na segunda-feira. [...] No Brasil, só mesmo o poder hipnótico da TV para fazer a maioria da população acreditar em coisa séria. E isso, caro leitor, não é imaginação, infelizmente. (Zine Colateral, nº1, dezembro, 1999).

Pontuemos, também, que, até mesmo em um fanzine, pode acontecer a sobreposição de uma ideologia, afinal a formação de “guetos”, de alguma forma, exclui aqueles que não fazem parte de um determinado grupo. O fato de ser alternativo não quer dizer que outros elementos alternativos não sejam deixados de lado. Em alguns fanzines, só se publica aquilo que diz respeito ao grupo, tipo só se fala de música pop em zines desta natureza e, assim para os outros movimentos.

É importante dizer que a formação de guetos não acontece propositalmente, a busca por uma identidade vai além da ideologia, pois, em se tratando de linguagem, o fanzine acaba sendo um reflexo do que é vivido no cotidiano de cada fanzineiro. Enfim, o fanzine como artefato de expressão soa como um porta-voz de pessoas que se querem fazer presente no interior da sociedade, querem sair da margem que os separam do consumível, que os excluem do mercado e até mesmo da fama.

Em tempos em que o envio de um *e-mail* ou SMS<sup>44</sup> é uma rotina, a troca pelo correio continua sendo uma opção, pois o que parece ser, para uns, um regresso ao passado, significa, para outros, um contato mais próximo, prazeroso e amigável. Significa, também, uma forma de mensurar quem leu o fanzine, pois, geralmente, nas cartas, opina-se sobre a qualidade, o que, na internet, às vezes não acontece, pois muitos acessam os *sites*, mas não comentam nada, às vezes fazem comentários via *e-mail*, o que é mais comum.

Poesias de amor, solidão, vida, sentimentos, comportamento fazem parte de alguns zines que falam do sentimento do eu-lírico nascente em cada zineiro, como se fossem uma lousa em que podem demonstrar o que sentem.

De um modo ou de outro; entre um sonho e uma noite mal dormida, penso sobre tudo que acontece ao meu redor.

Ou eu sou altamente sentimental ou sou altamente racional. Ou eu amo, ou não sinto nada (porque odiar é ter um sentimento). Ou eu aceito. Ou eu não aceito. Ou eu vou, ou eu fico em casa. Ou me divirto, ou morgo. Ou me dedico, ou não me dedico a qualquer coisa, ou pessoa. (Fanzine Com Fusão, nº34, abril 2007).

A busca pela sua própria verdade, pelo próprio eu, um desejo latente de se encontrar na confusão do labirinto da vida é a grande questão de um dos zines pesquisados.

Nas inconstâncias das minhas andanças-coração-adentro descobri um vazio. Igual àquele lá do labirinto. Não dá para saber quem foi o último a cair cá dentro. Nem dá para saber quem vai ser o próximo a preenchê-lo. Vazio que ecoa, ecoa... Incomoda, sim. Porque tem horas que dá

<sup>44</sup> As siglas significam Short Message Service, são mensagens curtas enviadas e recebidas via celular.

vontade de amar mais. Algumas horas, apenas. É tanto pra ninguém... entende?! A falta sobra. Sobras e restos: interessam?! (Fanzine Com Fusão, nº45, abril 2008).

Há, ainda, o uso das resenhas sobre algum assunto da atualidade, resenhas de filmes, CDs e literatura, tudo pode ser discutido. Estas resenhas lembram os formatos já conhecidos nas revistas tradicionais, neste espaço o que impera é a opinião do colaborador. Vejamos a seguir:

Quando eu menos esperava, meu mundo veio abaixo! Talvez seja a melhor maneira de resumir minhas impressões sobre o disco de estréia do Mars Volta. Justo eu, que tinha os 2 pés atrás com a banda. Preconceito idiota, cujo culpado é o Sparta, banda triste de tão ruim, algo como a metade podre da fruta conhecida como At the drive-in. (Zine Colateral, nº4, maio, 2004).

O fanzine funciona como se fosse um ensaio da escrita em forma de resenhas, fóruns, quadrinhos, os que escrevem povoam os espaços de literatura, cinema, jornalismo e música, geralmente fazem da escrita uma profissão e seguem com a música ou com o cinema em forma de hobby.

Escrever não deixa de ser uma forma de exprimir sua experiência, não deixa de ser uma forma de mutação da sua forma de ver o mundo. Ao escrever uma crítica, às vezes ferrenha, sobre algo que o incomoda, o fanzineiro – ou qualquer outro que se permite escrever – não deixa de dar vazão àquilo que está guardado e tem pressa para se libertar.

Na atualidade, a tecnologia dos *blogs* é utilizada como vitrine de informação, é um espaço supostamente livre; entretanto há uma certa vigilância se o que está sendo publicado é politicamente correto. É importante perceber que, apesar do avanço informacional, formas já consagradas de comunicação continuam expressivas e repercutem de forma peculiar entre diversos grupos, a exemplo disto, o fanzine tem sido uma opção ainda bastante marcante.

No caso dos fanzines, há uma sensação de liberdade no dizer, suponho que seja pela forma como é divulgado às pessoas (por carta, mão a mão, *e-mail*), de fato a maneira como chega ao destinatário não deixa de ser uma forma de burlar alguma possível represália.

Assumir o fanzine como forma de expressão de ideias é, para alguns, uma forma de dar voz a uma opinião às vezes recolhida no seu individual, uma voz que pode ser ouvida ou não, pois o fanzine tem esta peculiaridade: dependendo como cada fanzineiro divulga seu trabalho, ele pode ser conhecido ou não por um grupo focado.

Porque eu não escrevo para esbanjar conhecimento, nem vou lhes contar sobre o que foi hype em 2008, ou acrescentar informações enciclopédicas à sua vida. O meu escrever é sentir, e (in)felizmente nunca acho que sei o bastante. Espanta-me como cada vez mais as pessoas usam e abusam de frases como “Eu sei”, “Eu conheço”, “Eu tenho certeza”. É a corrida pela informação, a disputa do conhecimento. E eu tenho raiva quando alguém se sente superior porque sabe mais do que a outra pessoa. Aonde se quer chegar com tudo isso? E o que prova que este saber realmente existe? Eu Não sei... (Fanzine Pouco Viável, nº3, 2008).

A pouca circulação dos fanzines talvez seja indício de uma não difusão de um discurso por parte de um determinado detentor de poder, a sua propagação apenas no “submundo” dos fanzineiros

demonstra que há pouco ou nenhum interesse em diversificação do discurso por parte daqueles que não veem nenhum interesse nesta forma de expressão.

Um ensaio que ganha voz e que quer ganhar seguidores e reescreve uma realidade já dita, Foucault (2005) acrescenta que, mesmo através da repetição, pode-se mudar o mundo em volta, mas isto depende de que forma é propagada esta repetição. O autor nos leva a pensar nas várias possibilidades do comentário e os desnivelamentos que se formam nos discursos proferidos e nos atenta para o que é novo em um comentário:

O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte; permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja realizado. A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. (op. cit., p. 25-26).

Assim, a subjetividade, a intolerância, a ideologização ou até mesmo a ingenuidade na opinião são indícios de uma escrita que se quer ver livre de modismos e que absorve uma postura, às vezes, bem radical, exatamente com intuito de se mostrar viva.

Há quem tente reproduzir um espaço próximo ao que está no mercado, pois o fato de estar fora deste mesmo mercado o faz recriar uma forma de se inserir no interior da sociedade que o exclui. Ao produzir uma forma de comunicação independente, talvez o desejo do fanzineiro seja fazer parte deste universo.

Na perspectiva da ordem do discurso, a novidade encontrada no fanzine nos aponta para formação de opinião em que o indivíduo falante produz um discurso circulante que nem sempre recebe a devida atenção, mas que retoma o cotidiano à sua volta de forma a expressar uma identidade.

Enfim, o fanzine é uma livre expressão do fanzineiro que, se não fosse alternativo ou não circulasse apenas neste mundo *underground*, não poderia ter esta conotação tão marcante que é a obstinação pelo dizer e pelo fazer. Na perspectiva de que o ato de aprender está intimamente ligado às práticas criativas desenvolvidas pelo indivíduo, proponho uma leitura crítica, através dos fanzines, levando em consideração aqueles que se dedicam a fazer fanzine como estratégia de (in)formação.

## 2.2 Filofanzine de vida

Como filosofanzine de vida, fazer fanzine é uma prática carregada de atitude, uma forma de ser escutado e legitimado como participante dessa sociedade de dizeres. Tendo em mente uma ideia de conjunto, observar o leitor como sujeito que faz parte desta sociedade de dizeres significa reproduzir elementos que mais se identificam com o público. Assim, buscando conquistar e manter espaços, a divulgação dos fanzines se faz pelo “boca a boca”, “mão a mão”, possibilitando que outros conheçam esta mídia e haja troca de experiências.

Fazer a revista *Subversos* é algo prazeroso para nós, mas não é algo que fazemos apenas para a gente, pois temos como prioridade os leitores, e, dentre eles, principalmente os que não estão habituados a ler quadrinhos. Notamos que muitos não se interessam por quadrinhos por causa dos preços e por desconhecer revistas nacionais, além das infantis. Depois, quando procuram por algo mais jovem ou adulto, deparam-se apenas com publicações vindas de outros países (como os super-heróis e os mangás) com histórias que, por mais que sejam boas, fogem de nossa atual realidade brasileira e geram uma falta de identificação na maioria das pessoas. Esta é a razão pela qual escolhemos o tema “cotidiano urbano”. (*Subversos*, nº3, 2008).

Representação viva de um saber que resiste ao domínio do mercado das mídias oficiais, sua linguagem alternativa desafia padrões e mistura modos de fazer como o escrever, o digitar, o desenhar, escanear, xerocar e o imprimir. Independente destes modos de fazer, o importante desta discussão é o que se motiva com o fazer fanzine, ou melhor, que saberes se põem em evidência.

Décadas se passaram, mas a utilização do fanzine como meio de divulgação de ideias, sejam elas de interesse artístico, literário, político, entretenimento, entre outros, continua atuante, o que demonstra a força que esta mídia alcançou, enquanto veículo de comunicação alternativa.

Pode ser que, para alguns fanzineiros, o fazer fanzine até comece como uma prática amadora, uma diversão; mas, para outros, é uma prática comprometida tanto com a pretensão de divulgação do seu fazer, quanto de expressar livremente sem interferências, o seu ponto de vista, no que diz respeito, aos diversos assuntos cotidianos. Fanzinar para algumas pessoas passa pela construção de um saber autêntico ou que pelo menos quer-se tornar.

Só para citar, pelo Brasil afora, há fanzineiros e fanzineiras empenhados em somar e multiplicar ideias e opiniões, unindo diversão e informação, pessoas com Fernanda Meireles (Ce)<sup>45</sup> ou Fernando dos Santos<sup>46</sup> (SP), que transformaram o fazer fanzine em profissão ao ministrar oficinas de fanzines, ou Bruna Sízilio (SP), autora do *Fuzz zine*, que organiza eventos (Figura 23 e 24) para divulgação do fanzines e tudo que envolve a cena independente. Para eles, não basta apenas confeccionar fanzines, é necessário viver a cultura do alternativo e multiplicar para o maior número de pessoas o jeito-de-ser-fanzine. Didaticamente, o fazer fanzine é apresentado aos participantes de suas oficinas e eventos; entretanto o jeito-de-ser-fanzine é uma marca que se adquire ou não.

---

<sup>45</sup> Fanzineira daquelas bem viciadas em produções independentes, produz diversos fanzines em Fortaleza e trabalha com oficinas de fanzines por todo Brasil. Com sua vinda ao Rio de Janeiro, em 2009, realizou uma palestra no grupo de pesquisa *Linguagens desenhadas e educação* sobre sua vasta experiência com fanzines.

<sup>46</sup> Autor e produtor de quadrinhos, produziu o fanzine *FERCOM!*, é participante do grupo *Nossa Visão* e um dos oficinairos do projeto *Humor em Quadrinhos*, financiado pelo programa *VAI* (Programa para a valorização de iniciativas culturais) da prefeitura de São Paulo. Após várias trocas de e-mail, marcamos uma conversa na loja de quadrinhos e afins, *HQmix*, em São Paulo, em que percebi sua grande paixão por tudo que se relaciona a quadrinhos.



Figuras 23 e 24: Evento Fuzz fest.

Certeau (2007, p. 87-88) refere-se a uso da sucata pelos trabalhadores, em que estes trabalhadores são acusados de utilizar seu material de trabalho para uso próprio. Estes restos, ou seja, a sucata, são transformados em um trabalho criativo e não lucrativo para fazer significar um saber-fazer pessoal. Pensando o fanzine, o fanzineiro usa esta ferramenta para fazer significar um saber-fazer pessoal em uma perspectiva, não como diz Certeau do espaço industrial, mas do espaço cotidiano ou do seu entorno.

Dedicar algumas horas do dia pesquisando, escrevendo, recortando, colando ou diagramando no computador passa a ser uma tarefa comum e indispensável para se fazer um trabalho original, em se tratando de filosofia de vida, ou melhor, rotina profissional, uma atividade que une o fazer com a recompensa financeira. Fernando dos Santos percebeu esta possibilidade ao submeter um projeto sobre oficinas de fanzines de quadrinhos à prefeitura de São Paulo. Durante dois anos, a cada semestre, pessoas de todas as idades reuniram-se para fazer zines das mais variadas temáticas, e isto lhe rendeu trabalhar com quadrinhos, o que sempre almejou.

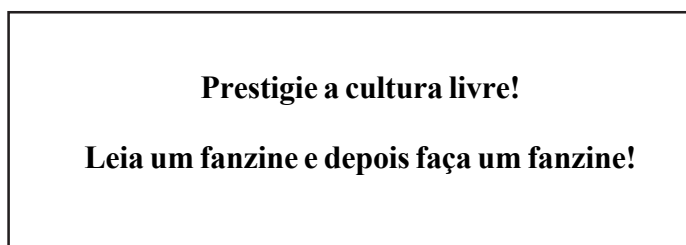
Para Fernanda Meireles, o fazer fanzine também é uma atividade encarada de forma profissional, um trabalho que exige estudo, técnica e paixão. O difícil é provar aos seus amigos de esta é sim uma atividade profissional e que é necessária bastante dedicação. Em sua monografia, no capítulo intitulado *E você é o que, Fernanda?*, desabafa:

Nesses oito anos de trabalho com zines, pus em prática várias experiências de criação e métodos de ensino que aliam arte à educação, dentro dos mais diversos contextos sociais. Ainda faço meus próprios zines, além de outras produções artísticas. Inda escrevo cartas e diários e, mais que nunca, meu trabalho profissional, meus objetos de apreciação artística, meus momentos de lazer – sozinha ou não – e minhas próprias criações se confundem. Hoje já é mais tranquilo o fato de não conseguir responder imediatamente a pergunta: “Fernanda, o que você faz?” Já entendo o motivo de acharem que “levo a vida na flauta”. As pessoas não imaginam o quanto trabalho e estudo para fazer o que faço e ainda por cima têm uma noção de trabalho aliada ao sacrifício mais do que ao prazer. Mas o fato é que me divirto, o que faz parecer um embuste ou algo fácil demais. (ZINES YOYÔ: Uma experiência instintiva em arte-educação, 2008, p.62).

Talvez esta dificuldade esteja relacionada às construções ideológicas de que as atividades artísticas não exigem esforço para serem realizadas; entretanto, ao promover oficinas, trabalham-se conceitos que envolvem arte, poesia, filosofia e outros elementos.

Convidada para trabalhar com fanzines no teatro de sua cidade, por iniciativa da prefeitura, Fernanda, enfim, fazia algo que amava. Logo depois, outras oportunidades surgiram em instituições não-governamentais, provando que, em espaços institucionais, também é possível criar fanzines autorais e de livre expressão.

No caso de Fernanda, a união de um fazer profissional e um fazer, antes, apenas como um hobby foi a forma mais autêntica de promover a cultura zine, o que podemos observar em muitos outros fanzineiros quando fazem zine e tentam autenticar e promover a cultura do fazer fanzine. Promover os fanzines é uma forma de valorizar esta arte, frases como:



Fanzine Velho Rabugento, nº43, novembro, 2007.

Ou, “Quebre sua televisão e leia um zine”, do fanzine Com Fusão, são gritos de guerra bastante comuns. Outros gritos podemos observar em editoriais de fanzines:

Fatherzine é uma publicação independente e alternativa, editada sem apoio de entidades omissas, autoritárias e truculentas, cujo compromisso maior é com a qualidade de informação no que se refere à vida e obra de JH. Pelo anarquismo consciente, pela não-violência, pela ecologia e pelo desarmamento, nuclear e pessoal, pelas rádios e TVs livres. Atenção: “Vá a shows, leia zines, vá ao cine-cultura, teatro; compre e ouça demos, apóie o pensamento alternativo. Diga não à cultura idiotizante dos grandes meios de comunicação em massa. Valorizando a cena alternativa (underground) local você apóia artistas, escritores, poetas, zineiros, músicos e cria uma alternativa à mesmice cultural que nos é tirada aos montes. Mexa-se!” (de Infomonstro, GO). Existe um mundo real e muita informação fora da NET...e os correios ainda funcionam! – O editor. (FATHERZINE, N.5, 1999).

Esse fazer didático soa como uma forma de desviar para si a ordem efetiva das coisas, desviar para si a ordem representada como arte de dizer. O desafio é transformar esta sucata em um objeto que abale as estruturas do pensar dos envolvidos no processo, exigindo desconstrução e desapego das mídias eletrônicas, que fazem grande sucesso na atualidade.

A negação do que está posto nos meios de comunicação massificados e o desejo de ver publicado aquilo de que gosta foram uns dos motivos que fizeram Bruna Sízilio se dedicar ao mundo

independente. Após produzir o Fuzz zine nº3 (Figura 25), Bruna organizou um evento de lançamento na Livraria da esquina<sup>47</sup>. Em conversa, Bruna explicou sua motivação para fazer zines:



Figura 25: Capa do fanzine Fuzz zine nº3.

No meu caso, eu comecei a fazer fanzines por causa da música. Eu sempre gostei muito de música, tenho amigos que tocam, vou muito a shows, eu sempre ouvi muita música, e aí, pegando fanzines antigos de música, então surgiu a ideia: “Vamos fazer fanzines!” A intenção era divulgar as bandas de que a gente gostava, que a gente conhecia e que não conseguiam divulgar seu trabalho. Estas bandas só usam internet, internet... (dando ênfase ao uso da mídia). Então, pensamos vamos fazer para divulgar, além de poder expor nossa opinião, pois é uma forma de dizer aquilo que a gente pensa sem ficar se pretendo tipo, isto é certo, isto é errado. Fanzine, eu acho, um pouco pessoal, porque você está mais livre, é uma coisa que você vai fazer que é sua.

Claro que este gosto por fanzines não é muito entendido por sua família, na véspera do evento, a avó de Bruna perguntou o que tanto ela grampeava e concluiu que era uma ação boba.

Para muitas fernandas, brunas e fernandos, o fazer fanzine se expressa como uma forma concreta escolhida por eles para se fazer presente e mostrar o que pensa e o que sente. Desenhar, poetizar,

<sup>47</sup> Fiquei sabendo desta exposição pelo orkut, então resolvi me informar sobre o evento. Fiz contato com Bruna, então, passamos a conversar pelo MSN e trocamos informações via *scraps* pelo orkut; foi então que resolvi ir a este evento, já que esta exposição, com certeza, iria me ajudar bastante em minha pesquisa.

dissertar sobre os mais diversos assuntos foi a forma encontrada talvez pelo caráter independente e por não sofrer interferências editoriais.

Não importa a forma de divulgar seu trabalho, o que importa é a valorização e exposição do seu pensar. O caráter alternativo desta mídia explicita-se por si mesmo, alternativa na forma de veiculação, expressão e produção. Há como se fosse uma vocação por parte dos zines de se mostrarem crus e transparentes, no sentido de revelação da arte a partir de um fazer espontâneo. A revelação dos dizeres em forma de fazer pragueja o mercado hegemônico, que se mostra inacessível àqueles que não seguem uma lógica mercadológica processada e partilhada por um sistema atrelado ao lucro.

Enfim, fanzinar está na linha da reinvenção do que está legitimado e pode ser pensado com uma tática de sobreposição de um dizer que quer vigorar como prática de saber. O fanzine é uma sucata amassada e enferrujada, talvez, por isso, um objeto cheio de atitude, cheio de uma marca subjetiva de um sujeito de querer e poder.

---

Embarquei para São Paulo apostando no evento, afinal de contas não tinha participado de nada parecido e esta era a chance de me enturmar com o movimento de fanzines.

O evento aconteceu na Barra Funda, no domingo, dia 8 de março de 2009, às 17h. Fui sem saber muito bem com era o lugar. Quando cheguei à estação da Barra Funda, tratei logo de pedir informações, pois esqueci o mapa com o endereço no hotel em que estava hospedada. A sorte é que eu sabia o endereço, depois percebi que a falta do mapa não fez muita diferença, em vista que o meu senso de direção estava totalmente desconexo... as ruas estavam desertas, uma delas era formada basicamente por galpões e prédios em construção, fiquei desconfiada, olhava para os lados e não via ninguém, às vezes algum segurança das construções aparecia.

Demorei para encontrar o lugar, pedi informação para um casal que passava, ensinaram-me um endereço de uma livraria que não era a que eu procurava, a sorte é que encontrei, no caminho, dois rapazes que vinham de lá e informaram o endereço correto. Enfim, encontrei a Livraria da Esquina, que não ficava em uma esquina.

Observei que o espaço foi decorado com varais e mesas recheados com fanzines de todo Brasil, ali tive uma boa visão de como se encontra o movimento de zines. Fui apresentada para alguns fanzineiros, todos estavam entusiasmados para falar sobre suas produções, aproveitei o tempinho antes do *show* e conversei com alguns fanzineiros.



### 3 PEDAGOGIZANDO EM SALA DE AULA

Após historicizar, conceituar, discutir o fanzine enquanto ferramenta de expressão de ideias e como instrumento para o desenvolvimento da arte e tudo que motiva a criação, vejamos, a seguir, as peculiaridades desta criação no espaço da sala de aula, dando ênfase a seu uso particularizado como tecnologia educacional.

Levo em consideração que o fanzine não é um recurso metodológico, mas, ao ser apresentado como tal, é reconfigurado como ferramenta de apoio para impulsionar, de acordo com sua lógica, discussões de diversas temáticas com uma nova roupagem. Uma adaptação deste tipo, dependendo de como é conduzida, pode suscitar a possibilidade de incentivo à reflexão e expressão de ideias e opiniões. O uso em sala de aula pode ser uma forma de fazer com que o aluno se motive e busque uma expressão maior daquilo que o provoca verdadeiramente.

Celestin Freinet (1974) e Janusz Korczak (LEWOWICKI, 1998) faziam uso da mídia impressa para desenvolver o senso comunicativo de seus alunos. No caso de Korczak, seu público era de crianças de orfanatos. Educador por opção, Korczak utilizava a técnica de confecção de jornais principalmente para desenvolver o que chamava de princípio de autogoverno, o que significava a prática diária de tomada de decisões, responsabilidade compartilhada e valorização das opiniões pelas crianças. Em seu programa pedagógico, a confecção de jornais era um exercício de valorização daquilo que as crianças pensavam, elas eram responsáveis por todo processo, escolhiam as temáticas, diagramavam e escreviam sobre assuntos relevantes ao seu cotidiano.

Freinet também valorizou o uso desta mídia impressa dando espaço para seus alunos se expressarem de forma que intercambiassem suas ideias e desenvolvessem atitudes de autonomia e expressão crítica. Sua experiência em sala de aula caracterizou-se pela confecção e, posterior, reprodução dos jornais em máquinas reprográficas.

Nos dois casos, a produção dessa mídia era uma atividade que tinha um envolvimento cotidiano para preparação. No que se refere à experiência de Korczak, em suas instituições havia o que eles denominavam de república das crianças, em que elas se dedicavam à governança do espaço

em uma atmosfera de responsabilidade compartilhada e de autogoverno, as crianças davam grande importância às opiniões dos companheiros e funcionários a respeito das tarefas que desempenhavam, do progresso nos estudos e de outros assuntos que constituíam a vida do grupo e de cada um. (LEWOWICKI, 1998, p. 30-31).

Refletindo sobre estas experiências, observo que o diferencial de uma aula com o uso de alguma tecnologia está na maneira como ela facilita ou proporciona uma maior desenvoltura tanto do professor como dos alunos, seja ela dotada de uma moderna aparelhagem ou não. O importante é levar à sala de aula um instrumento que melhor valorize as potencialidades que se querem desenvolver, influenciando diretamente na promoção do senso crítico, tomada de decisões e atitudes de autonomia.

Tentar compreender a lógica dos fanzines em sala de aula e o que inspiram em termos de ideias em um cotidiano institucional é o que pretendo neste trabalho, narrando e discutindo a experiência observada nas salas de primeiro período do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UERJ em 2009.<sup>2</sup> e apontando a compreensão construída do uso do fanzine por parte dos alunos. Em um primeiro momento, apontarei narrativas/fatos tendo como base técnica a minha observação e a dos alunos, entrevista com o professor, consulta de relatos e materiais produzidos. Abordarei a inserção dos fanzines no espaço das salas de aula, apontando a lógica fanzinística e sua dinâmica em um espaço institucionalizado, assim como narrarei como se deu esta inserção em sala de aula, a confecção dos zines juntamente com as temáticas abordadas e os relatos dos alunos sobre o fazer fanzine.

### 3.1 A lógica fanzinística em espaços intitucionalizados

Nos mais de 15 anos que publico fanzines e mantenho intercâmbio com a galera de norte a sul do país, um fato até hoje não me sai da cachola. Há alguns anos eu e amigos do meio alternativo realizamos aqui em Itapetinga algumas mostras e workshops de fanzines aos alunos de diversas escolas e convidados e geral; eventos esses realizados no Centro Cultural local, na faculdade de Comunicação Social e na Escola Sebastião Villaça. Foi uma fase muito legal, com a presença marcante da garotada e dos professores. Até criamos, com a participação dos alunos, dois fanzines: o “FKBeça Zine” e o “Villaça Zine”. A criatividade e a amizade rolavam soltas! Mas, como tudo que é bom, dura pouco e como nem tudo são flores, eis que, de repente, surgia, envolta numa “névoa cinzenta”, uma mulher de rosto carrancudo. Naquele momento, em tom ditatorial, ela decretava o fim da mostra e workshop na faculdade de comunicação, alegando que fanzine era coisa de desocupado, era veículo que incentivava o uso de drogas, e que por isso não deveria ser produzido ou exibido dentro de um complexo escolar. Nos sentimos de mãos atadas, como se o período da ditadura tivesse voltado, com suas censuras esdrúxulas. Infelizmente, aquela criatura era uma das diretoras da faculdade... Depois desse ato bizarro, não mais voltamos a frequentar a referida faculdade e lamentavelmente a galera não mais encontrou disposição para dar seguimento às atividades culturais numa cidade que é denominada “Terra das Escolas”. (Fanzine QI, 2006, nº96, p.12).

Depois de ler o relato acima, parece contraditório falar de fanzines no espaço da sala de aula, e, em se tratando de uma universidade, mais atípico ainda, pois uma publicação que tem, na sua essência, ser independente, não seguir nenhuma forma de regra, não ter um modelo exato, de certa forma, vai de encontro à estrutura padronizada de nossas instituições educacionais.

O fanzine é uma mídia que sobrevive de forma autossustentável, sua publicação e divulgação são feitas entre fanzineiros e simpatizantes, que, por sua vez, habitam espaços midiáticos pouco convencionais, o que, para alguns, pode soar como algo subversivo. Para os fanzineiros, essa informalidade é vista com naturalidade, mas repercute de outra forma para aqueles que desconhecem essa lógica, pois colide com ideias e princípios de um grupo social que reconhece como mídia somente aquilo que é vendido em bancas e livrarias.

Assim, se a filosofia dos fanzines corresponde a uma prática sem modelos prescritos, dotada de total liberdade para criar e recriar (liberdade tanto no trato da linguagem utilizada quanto no formato), isto requer fuga de padrões e capacidade de lidar com o novo, o que, nem sempre, é comum nos espaços institucionalizados.

“Invadir” estes espaços é um desafio, significa mais do que apresentar um material diferente, significa quebrar o estigma que algumas pessoas pensam sobre os fanzines. Assim como as revistas em quadrinhos foram rejeitadas e consideradas material de baixo nível, até mesmo proibidas em alguns lugares, os fanzines têm um grande desafio, não apenas de acabar com os preconceitos, mas, principalmente, trabalhar na linha de divulgação, especialmente para pessoas que não sabem a sua real finalidade e, por este motivo, fazem interpretações errôneas.

No caso da crítica aos quadrinhos, quiseram justificar a violência ou os baixos desempenhos nas escolas acusando a leitura destas publicações como altamente perigosa e capaz de desregular a ordem geral da sociedade. Parece patético, mas discursos como este soam até hoje e desmerecem a arte, a cultura e a informação dos quadrinhos.

Os primeiros livros de estórias em quadrinhos apareceram em 1935. Não apresentando nada literário ou em sequência, e sendo tão difíceis de decifrar quanto o popular Livro de Kells, logo fascinaram os jovens. Os anciãos da tribo, que jamais haviam percebido que o jornal diário era tão estranho quanto uma exposição de arte surrealista, dificilmente poderiam perceber que os livros de estórias em quadrinhos eram tão exóticos quanto iluminuras do século VIII. Não tendo percebido nada sobre a forma, nada podiam perceber do conteúdo. Violência e agressão era tudo o que percebiam. Em consequência, com uma lógica literária ingênua, prepararam-se para ver a violência inundar o mundo. Como alternativa, atribuíam os crimes às estórias em quadrinhos. O mais retardado dos condenados logo aprendia a resmungar: “Fiquei assim por causa das estórias em quadrinhos”. (McLUHAN, 1964, p. 193).

Como aconteceu (ou acontece) com os quadrinhos, com os fanzines (no caso relatado na epígrafe p. ) e, na atualidade, com os jogos eletrônicos, observo que há uma busca por culpados por determinadas atitudes consideradas ruins em nossa sociedade atual, enfaticamente entre crianças e jovens. Assim, acusar essas mídias de incentivarem a ociosidade ou a violência é uma forma de desviar a discussão do verdadeiro valor destas publicações.

Freinet foi bastante perseguido ao lançar mão de uma prática diferenciada; o educador foi além dos métodos tradicionais de ensino e, através de um método livre, trabalhou ensinamentos de uma forma única. Pensando numa forma de unir educação e comunicação, Freinet (1974) criou uma dinâmica de produção de jornais em sala de aula a fim de desenvolver, nas crianças, habilidades de escrita, leitura, criação, informação. Esta prática de trabalho caracterizou-se por um processo de construção passo a passo totalmente artesanal, em que todos os envolvidos eram responsáveis pelas etapas de criação, diagramação e editoração, tendo como “pano de fundo” os ensinamentos e conteúdos objetivados no cotidiano escolar.

No decorrer do processo, Freinet deixa clara a importância de deixar o aluno livre para que crie, a partir de sua visão de mundo, um material que não corresponda apenas ao campo da comunicação ou da educação, mas que dê espaço para que o próprio aluno encontre seu aprendizado e o abstraia para seu universo cognitivo e social.

Korczak também defendia e aplicava a confecção do jornal em sala de aula, a produção era totalmente livre, as crianças envolvidas escreviam os textos e eram responsáveis por todo processo, e

um dos momentos mais especiais correspondia à troca dos jornais, pois, desta maneira, os alunos davam vazão às suas ideias e compartilhavam suas opiniões e criações. Nesta prática, os alunos protagonizavam sua própria história de aprender, sendo que o ensino não estava subordinado a um método. Tanto Freinet como Korczak defendiam um ensino livre que desse chance para socialização e liberdade de saberes.

Neste processo, fazer fanzine em sala de aula também exige, assim como Freinet e Korczak sugerem no caso do jornal, que os alunos envolvidos neste fazer estejam totalmente mergulhados na dinâmica da turma e interligados nesta lógica de aprendizado livre, ou seja, para participarem ativamente da dinâmica, precisam entender as intenções do educador para evitar possíveis desencontros e agirem apenas como recebedores de uma nova forma de trabalhar, precisam estar interligados e, principalmente, participando não como coadjuvantes. Melhor que explicar como funciona sua lógica é fazê-lo em sala de aula, pois é durante este processo que o material criado toma a forma do seu autor.

A preocupação tanto de Freinet como de Korczak era implantar uma prática pedagógica que realmente ousasse, no sentido de se desfazer das amarras da rotina que, algumas vezes, automatiza a prática pedagógica. Inventar, não ter medo do diferente e não ser completamente diretivo no que diz respeito ao fazer dos alunos são passos que encaminham o fazer para uma proposta inovadora. Lembrando que, para inovar, não há necessidade de se equipar com tecnologias caras; às vezes, basta uma ideia na cabeça e a vontade de sacudir os alunos.

O uso criativo de recursos didáticos pode ser implementado taticamente (CERTEAU, 2007) para transmissão de saberes. Uma prática que produza sentido para os educandos exige conhecimento profundo de seus objetivos pedagógicos e o uso de suas ferramentas, assim como um artesão. Fazer uso das mãos como um artesão, no seu caso, é fazer uso do seu discurso, da sua metodologia, pois, como nos diz Ranciére (2007, p. 98), “todo saber fazer é um querer dizer e que esse querer dizer se dirige a todo ser razoável”, acrescentando que,

no ato da palavra, o homem não transmite seu saber, ele poetiza, traduz e convida os outros a fazer a mesma coisa. Ele se comunica como artesão, alguém que maneja as palavras como instrumentos. O homem se comunica com o homem por meio de obras de sua mão, tanto quanto por palavras de seu discurso. (id., ib.).

Enfim, um discurso de construção de conhecimentos pode acrescentar à relação educando-educador o diálogo necessário para a realização de um trabalho conjunto, um diálogo que, algumas vezes, encontra-se mudo nestas relações. Logicamente, não é fácil este trabalho de “montagem” e “colagem” da prática pedagógica, mas o importante é que ela nos inspira a fazer uso de práticas que realmente façam sentido para nós, professores, e nossos educandos.

*Pedagogizar* é o verbo mais próximo para “nomear” este trabalho de criação e recriação do cotidiano na sua prática pedagógica. *Pedagogizar* pode ser o movimento necessário para gerar outros tipos de discussões sobre as relações que se formam em sala de aula, principalmente no que se refere

à avaliação. Fazer fanzine, nos dias de hoje, transita entre o insistir e o ousar. Assim, em sala de aula, propor alternativas para produção de saberes e uso de discursos pode ser um caminho para promoção de discussões e experiências, principalmente se este fazer estiver atrelado ao objetivo de tomada de consciência e, com isto, o protagonismo juvenil como possibilidade de crítica e mudança social. O fazer falar que se exprime em palavras e imagens nos fanzines é resultado de um saber fazer prático e consumível que pode ser emprestado às práticas já consagradas em sala de aula. O trabalho de montagem de uma publicação independente faz parte, exatamente, do ato de comunicação daquele que o faz.

Sugerir para os alunos a confecção de um fanzine pode despertar neles a mesma lógica fanzinística de projeção, criação, reflexão de opiniões, por exemplo; se, no geral, os fanzineiros utilizam o fanzine para projetar suas opiniões sobre determinado assunto, em sala de aula, o fanzine, ao ser sugerido, pode ser espaço de reflexão e discussão de assuntos da atualidade política, econômica ou social. Sem falar que, ao serem utilizados como objeto de produção textual, desenvolvem a escrita, a leitura e a pesquisa de outras fontes bibliográficas, entre outras habilidades.

À medida que prezam um fazer, os fanzines incitam o desenvolvimento da criatividade e incentivam a produção de um material único que, por mais que não seja veiculado em grande escala, expressam opinião e estilo diferenciado. O senso de autonomia é algo que Korczak tinha em mente ao levar a produção de jornais em sala de aula, assim, espelhando-se nesta experiência, por que não levar o fanzine como incentivador do senso crítico, da autonomia, da criatividade, da vazão de saberes?

É importante perceber que, para um curso que forma professores, o aprendizado do fazer fanzine é um ensaio para uma aplicação destas publicações em suas futuras salas de aula, mesmo aqueles que não pretendem trabalhar em sala de aula podem inseri-lo em outros espaços; entretanto é importante que o fanzine confeccionado não perca suas características básicas.

Manter o senso de liberdade, de denúncia, de ensaio, de praticidade, de simplicidade no fazer dos fanzines é decisivo para não transformá-lo em mais um trabalho de sala de aula que se tem como produto final apenas a nota ou nos caso de outras instituições, uma atividade obrigatória e sem propósitos, pois o produto final é bem mais que uma nota ou aprovação, corresponde ao aprendizado e aos avanços pessoais que se conseguiu adquirir no decorrer do processo.

### **3.2 Proposta de oficinas de fanzines na disciplina de tecnologia e educação**

Quando se fala em sala de aula como espaço prioritário da escola e local de troca de saberes e construção de conhecimentos, vêm, à minha mente fotográfica, milhares de imagens de um espaço em ebulição de ideias, um espaço dialético e dinamizado pelas pessoas que diretamente estão envolvidas: alunos, professores, coordenação, funcionários diversos, entre outros. É a mesma imagem daquele espaço equipado com quadro branco ou de giz na parede, cadeiras com apoio de braço, alunos e

um(a) professor(a).

O quadro branco ou de giz na parede é, para mim, um dos recursos mais marcantes; por mais que o acusem de obsoleto, considero-o um símbolo de que a escola é um *mix* de práticas metodológicas e do uso de recursos que ora busca o novo, ora recupera o já consagrado passado.

Computadores, *data-show*, televisão, *home-theater*, retroprojetores... é cada vez mais comum o uso destas tecnologias em sala de aula, sendo dada grande importância a elas, algumas vezes relacionando seu uso com a qualidade da aula. É evidente que o uso de tecnologias como as citadas atraem a atenção dos alunos e, conseqüentemente, refletem no aprendizado; entretanto cria-se uma ilusão de que toda aula dada com o uso de algum recurso tecnológico torna a aula mais atrativa e satisfatória no que se refere ao aprendizado.

É importante observarmos que o uso de um recurso não garante uma prática inovadora, haja vista, por mais que se pense estar inovando, o que determina essa modernidade é a forma como é passado determinado conteúdo. Por exemplo, se a utilização de um *data-show* consiste na facilitação de um determinado conteúdo, mas o que se privilegia através dele é meramente a repetição e reprodução de conceitos, estaremos apenas diversificando o recurso e mascarando um método.

A própria escola, segundo Sancho (2001), é uma tecnologia, assim como toda prática feita em sala de aula também se configura como uma tecnologia. Segundo a autora,

em geral, a Tecnologia foi utilizada em todos os sistemas educacionais e não se pode confundir com os aparelhos, as máquinas ou as ferramentas. Todos utilizam alguma tecnologia em suas salas. As expositivas, o agrupamento dos alunos segundo a idade, os livros-texto, etc., foram e são outras tantas respostas aos problemas gerados pela necessidade (ou pela decisão) de proporcionar ensino a toda uma coletividade de cidadãos e cidadãs de forma obrigatória ou voluntária. (SANCHO, 2001, p. 40).

No espaço educacional, o professor é o tecnólogo da educação (op. cit., p. 40), é aquele que facilita e, principalmente, apresenta as culturas tecnológicas da atualidade. Sancho (id., p. 40-41) complementa dizendo que

os professores ou os teóricos da educação que só parecem estar dispostos a utilizar e considerar as tecnologias (artificiais, organizadas e simbólicas) que conhecem, dominam e com as que se sentem minimamente seguros, por considerá-los não (ou menos) perniciosas, não prestando atenção às produzidas e utilizadas na contemporaneidade, estão no mínimo, dificultando aos seus alunos a compreensão da cultura do seu tempo e o desenvolvimento do juízo crítico sobre elas.

O uso desta multiplicidade de tecnologias só tem a enriquecer o espaço escolar, pois funciona como auxílio para criação de metodologias que condizem com o conteúdo a ser ministrado. Entretanto, utilizar uma tecnologia em sala de aula não é garantia de aprendizado, pois o aprendizado não é algo que depende apenas dos recursos utilizados ou do desempenho do professor, corresponde a uma gama de processos que envolvem todo o ambiente escolar.

Mesclar o uso de uma tecnologia considerada pouco avançada com outra dita avançada pode ser uma alternativa para se chegar aos objetivos pretendidos em sala de aula. Assim como adaptar alguma prática externa (brincadeiras de rua, jogos, entre outros) ao ambiente da sala de aula, ou seja, ajustar alguma ferramenta que não necessariamente esteja ligada diretamente à escola pode ser uma alternativa para transmissão de algum conteúdo de forma original, um exemplo disto é uso de fanzines em sala de aula.

Irei abordar como foi a inserção dos fanzines em sala de aula a partir da experiência observada na turma do primeiro período do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UERJ, no segundo semestre de 2009, na disciplina de Tecnologia e Educação.

Em conversa com o professor André Brown, este fala da repercussão desta prática em sala de aula e comenta que, aos poucos, experimenta novos elementos que contribuam para o processo.

Melissa: Há quanto tempo você está trabalhando com fanzines em sala de aula?

Brown: Este já é o terceiro período que está em curso, isso quer dizer que já foram duas experiências em semestres diferentes com turmas diferentes. Nesse semestre, estou com uma turma de primeiro período, sendo a terceira vez que eu faço esse trabalho, só que, a cada experiência, eu acrescento um elemento.

Inicialmente, ao lançar a proposta de oficinas de fanzines em sala de aula como tecnologia educacional, alguns alunos se surpreenderam tanto pelo desconhecimento sobre o que fosse fanzine quanto pela desconfiança no uso desta ferramenta como tecnologia.

Brown: Nas primeiras aulas, antes da prática, eu trago alguns textos que falam de mídia e educação, tecnologias educacionais, depois é que passamos para a prática. O fanzine, pra mim, é mais prático, e também tem a minha vontade de fazer, já vem muito da minha proposta, o que não é nada democrático, eu apresento a minha proposta e digo que eles vão fazer fanzine, é bem um processo de conquista, é aquela conquista, apresentando o que é. Com o tempo, é claro, eles acabam se interessando, mas não é uma coisa assim que surgiu com a discussão com próprios alunos, seria bem melhor, mas eu já venho com um planejamento, com a proposta de fazer isto.

A proposta foi sugerida pelo professor nos primeiros encontros, o que levou à discussão, por parte dos alunos envolvidos, sobre seus interesses com a disciplina. Alguns alunos demonstraram interesse em produções feitas via internet, como *blogs*, *twitter*, entre outras produções que necessitam da utilização do computador, o que é previsível, em se tratando de uma disciplina chamada Tecnologia e Educação. Como nos conta:

Melissa: Como foi a aceitação por parte dos alunos de considerar os zines como tecnologia educacional?

Brown: No primeiro momento, foi um choque, porque a associação inicial é com as novas tecnologias. Eles fazem logo a relação com computador, data-show, que acho ótimo, mas eu tento mostrar que existem, além destas tecnologias, outras anteriores que não se esgotaram, como o quadro-negro que é uma tecnologia que não se esgotou.

Sobre esta relação entre as novas tecnologias, Sancho (2001) nos lembra que não devemos generalizar que somente as máquinas mais recentes são tecnologia. Assim, não podemos esquecer que livros, brinquedos e jogos educativos, quadro branco ou de giz também constituem uma tecnologia tão necessária quanto os computadores e toda a sua aparelhagem. O fato de não possuírem os mesmos artifícios não significa que já estejam ultrapassados, pelo contrário, somados a toda tecnologia disponível é possível inovar e tornar as aulas informativas e interessantes.

Como houve este “apelo” por parte dos alunos para se fazer alguma atividade relacionada à informática, ficou acertado que as oficinas seriam divididas em fanzines e e-zines, pois, assim como as tecnologias educacionais passaram por inovações, os fanzines, igualmente, inovaram e renovaram seus formatos, inclusive para o virtual. Desta maneira, poderiam trabalhar com o computador e continuariam trabalhando com esta linguagem em diversos formatos, o que não foi possível posteriormente devido ao tempo de duração da disciplina.

Entretanto, como foi dito, havia, por parte de alguns alunos, um certo desconhecimento quanto aos fanzines, o que seria esta tecnologia que se apresenta tanto em papel quanto em meio virtual. Esta dificuldade, misturada com curiosidade, foi amenizada logo nas primeiras aulas, os alunos foram apresentados ao acervo do grupo de pesquisa *Linguagens desenhadas e educação* (ProPEd/UERJ). Neste local, puderam conhecer um bom número de fanzines variedades de seus formatos. O objetivo desta ida ao acervo foi, exatamente, para que os alunos lessem, fizessem anotações e observassem como eram feitos os fanzines, ou melhor, para que percebessem as inúmeras características e modos de fazer destas publicações.

Observo que, do ponto de vista do professor, o uso desta mídia em sala de aula surge como um impulso de compartilhar algo que ele já tinha domínio em razão de sua experiência pessoal. Entendo a prática pedagógica como uma atividade dinâmica, no sentido não apenas de saída da rotina, mas como construção de conhecimento capaz de transformar o espaço educacional em que estamos inseridos. Dessa forma, buscar a partir de nossas experiências formas de transformação esboçam um agir pedagógico comprometido com uma realidade fatível de mudança.

Melissa: Como surgiu a ideia de trabalhar fanzines em sala de aula?

Brown: Tem um pouco a ver com a minha trajetória, logo no começo da minha carreira, eu divulgava meus trabalhos pelos fanzines, então foi minha primeira mídia, foi uma estratégia, aliás, uma tática pra eu mostrar meu trabalho. Eu levei o fanzine pra sala de aula em razão da prática anterior que eu estava realizando, que era com quadrinhos. Na verdade, eu estava fazendo uma oficina de quadrinhos, só que, como era só quadrinho, eu estava restrito a uma linguagem só, eu trabalhava criação de histórias em sequência, apenas com texto e imagem. Assim, quando eu trabalho com fanzine, eu abro a possibilidade de utilizar outras linguagens como texto, fotografia, quadrinho. Como a disciplina é tecnologia da educação, eu acho que o fanzine é mais abrangente para a prática de ensino. Essa foi uma reflexão que fiz ao ler Freinet, pois ele fala da imprensa escolar. Ele tinha a ideia de levar a imprensa, o jornal pra sala de aula, então, por analogia, trouxe a ideia do fanzine, que eu usava e conhecia melhor do que o jornal. Eu achava mais dinâmico trabalhar com o fanzine e daria mais chance de os alunos buscarem novas linguagens. Eu acho que o fanzine trabalha de múltiplas formas, o desenho, a colagem, o texto, então eu achei que seria mais interessante. E por conta de eu trabalhar com quadrinho, achei melhor juntar todas essas linguagens.



A partir da fala do professor, observo que a referência à prática de Freinet sugere uma preocupação teórico-metodológica que, de certa forma, busca validar e reforçar sua empiria. Talvez, em razão de a inserção dos fanzines ser uma novidade para alguns alunos, a referência bibliográfica reforçasse a aplicabilidade destas publicações em sala de aula.

A partir da visita ao acervo de fanzines, as aulas se revezaram entre discussões sobre diversas temáticas, organização e confecção dos zines. Quanto às temáticas trabalhadas, eram direcionadas as temáticas que mais se aproximavam de questões como: fanzines, ideologia, liberdade de expressão, greves e paralisações da universidade, entre outros assuntos que surgiam no momento das discussões.

A discussão de diversos temas era aberta para todos exporem suas opiniões e uma forma de pensarem nas informações que gostariam de colocar nos seus zines. Entretanto, a iniciativa de discutir temas polêmicos esbarrava com o espírito diretivo que alguns alunos, havia momentos em que os alunos esperavam o direcionamento do assunto e apenas ouviam as falas dos outros. Nos momentos destinados à confecção dos fanzines, alguns alunos esperavam o passo a passo de como fazerem o que foi proposto. Vejamos a fala do professor:

Brown: Como é primeiro período, inicialmente, eu tenho uma dificuldade com os alunos, que eles querem que eu conduza todo o processo, já tem aquela vontade de que o professor faça tudo e eles só copiem, isso porque eles vêm de uma tradição de escola; então, num primeiro momento, eles pensam que vão ficar no mesmo ritmo. Quando eu digo que aqui é um lugar de reflexão, já é um choque. Aí, eu falo de tecnologia da educação, eles se preparam pra uma coisa e eu mostro outra coisa diferente, então é outro choque, é uma sequência de choques. É uma série de novidades para eles e eles questionam também. No primeiro momento, eu tenho que ficar dizendo: “Vamos lá pessoal, vamos ler o texto, vamos discutir”.

Essa tradição escolar apontada pelo professor tem um pouco a ver com o modelo de sociedade hierárquica em que vivemos e que, algumas vezes, reproduzimos cotidianamente em nossas famílias, espaços de trabalho, igrejas, entre outros. Por mais que o educador se comporte como mediador-interlocutor em sala de aula, ele é visto como autoridade máxima e regente de todas as atividades, sendo aquele que irá decidir todo processo sem interferência dos alunos, que, por sua vez, se comportam apenas como ouvintes. A disciplina de ouvir e calar dos alunos deixa nas mãos do professor a condução de todo processo e o espaço da escola, como Foucault (1987) comenta, acaba sendo um espaço de disciplina e obediência.

Essa ideia de disciplina que molda o comportamento dos alunos, os chamados “corpos dóceis” (id., p. 116) quando se refere aos mecanismos que disciplinam os corpos, o corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. Esses mecanismos de disciplina que, de certa forma, moldam as relações repercutem em diversos espaços que, no caso da sala de aula, estabelece atitudes de realização de tarefas por obediência a hierarquia escolar.

Assim, se o aluno reproduz este comportamento de obediência, por mais que se deixe claro que o ato de fazer fanzine em sala de aula é um momento para vazão do espírito de fazer algo autoral,

devemos ficar atentos e observar se a motivação para este fazer está vinculada, realmente, ao propósito de construir algo com sua marca pessoal ou a de cumprir determinada tarefa recomendada pelo professor. Pois, ao ser inserido em um espaço de sala de aula, os alunos podem encarar o fazer como mais uma tarefa que terá como recompensa a nota, o que acontece não só nesta disciplina, mas em outras também.

Melissa: O fanzine é visto como um trabalho? Como é essa relação de fazer um fanzine e receber uma nota?

Brown: Se eu pedisse pra fazer o fanzine somente, poucos fariam, porque existe uma tendência ao imobilismo, é o que falei, o aluno chega à sala quer que você dê a matéria, ele copia e quer que você faça uma prova. Eu faço uma proposta um pouco diferente, que é de grupo, mas que tem uma nota. Até porque, institucionalmente, a universidade pede uma nota, tem toda uma estrutura colocada pra você dar nota, então eu tenho que dar nota, como eu daria pra qualquer atividade. Mas, quando eu dou a nota, estou dando desde o início, não só no produto, no fanzine pronto, estou tentando perceber o envolvimento das pessoas, têm várias coisas que eu coloco, então, os alunos querem saber qual o critério, às vezes o trabalho é o mais simples, tem até um trabalho feito a caneta Bic em uma folha de caderno, achei muito bom o trabalho e você percebe que quem fez o trabalho teve um cuidado, estava a fim de fazer um trabalho ousado, diferente, então não é a técnica que ele vai usar, e sim o envolvimento, o compromisso, a vontade de fazer a discussão e eu dou nota. Geralmente, fazem o trabalho pautado em estar trabalhando em sala de aula, mas tem pessoas que só fazem por causa da nota e eu não teria vários fanzines se não tivesse nota, tem gente que antes de fazer o trabalho já pergunta qual a nota, por mais que nós não estejamos preocupados com a nota, a deles é, já tem toda uma lógica de que tem que ter uma boa nota pra não cair o CR<sup>48</sup>

Dessa forma, o fazer fanzine inspira uma atividade movida a criatividade e desenvolvimento de habilidades; entretanto, em alguns momentos, a produção feita em sala de aula tem outros impulsos e objetivos de que uma produção feita em outro espaço ou espontaneamente. É importante observar que o fanzine feito em sala de aula respeitará toda uma lógica referente à relação entre professor e aluno, uma lógica que envolve disciplina, obediência, amizade, respeito, autoridade, entre outras relações.

O fazer fanzine absorve toda uma dinâmica de sala de aula e é construído dia a dia como se fosse uma atividade escolar, ou melhor, uma tarefa avaliativa. Nesta relação eventual do fazer fanzine com a de receber uma nota, a produção desta mídia corre o risco de ser totalmente direcionada para um trabalho a ser avaliado por um professor, que tem, em suas mãos, o poder de contabilizar aquele trabalho, ou seja, o aluno pode direcionar seu fanzine de forma que seja bem visto pelos colegas e, logicamente, pelo professor.

A nota, que poderia ser um elemento incentivador do aprendizado, é uma espécie de troféu a ser garantido. Em sala de aula, o professor, consciente destas circunstâncias, pode tirar proveito utilizando

<sup>48</sup> O cálculo do Coeficiente de Rendimento (CR) é feito para os alunos do regime de crédito, com o objetivo de classificá-los dentro do curso. Para calcular o CR, utiliza-se a seguinte fórmula:

$$CR = \frac{\sum (\text{n}^\circ \text{ de créditos} \times \text{nota})}{\sum (\text{n}^\circ \text{ de créditos})}$$

NUMERADOR: Somatório dos produtos dos créditos de cada disciplina pela respectiva nota, tanto na aprovação como na reprovação por nota ou frequência.

DENOMINADOR: Cálculo do somatório dos créditos.

No cálculo do CR não são consideradas as disciplinas com situação de isenção, aprovação sem nota e inscrição cancelada. (Disponível em:

[http://www.uerj.br/modulos/kernel/index.php?modulo=pa\\_coeficiente\\_rendimento](http://www.uerj.br/modulos/kernel/index.php?modulo=pa_coeficiente_rendimento). (Acesso em: 19/11/2009).

a avaliação não como o ápice do processo de aprendizagem, mas como ponto de partida para construção de outros sentidos que podem ser arraigados neste fazer, que redefinem tanto o sentido da sala de aula como a prática de cada um, uma prática que é pedagógica, social e profissional.

No caso da experiência aqui relatada, o professor disse-me que a nota não seria o elemento mais importante resultante dessa prática; entretanto não posso afirmar se isto ficou claro para os alunos e, mesmo que tenha ficado, não posso assegurar que os alunos tenham confiado nesta forma de lidar com a nota.

Dando continuidade, os alunos dividiram-se em grupos e, durante as aulas, reuniam-se para discussão do formato, temáticas e divisão de tarefas quanto a quem ia pesquisar, escrever, desenhar, recortar e outras atividades relacionadas à confecção do fanzine.

Durante estas reuniões, observei que, como era um trabalho em grupo, os alunos tinham que discutir sobre o que gostariam de escrever nos zines, o que demandava deles a argumentação para defesa das temáticas que preferiam, pois havia uma variedade de assuntos que gostariam de abordar e, por se tratar de uma publicação de pequeno porte, decidiram não falar de muitos assuntos em um só fanzine (ver relato da aluna no anexo D). Uma equipe até resolveu fazer dois fanzines para contemplar a diversidade de temáticas e separar os assuntos por aproximação; em um, o tema foi suicídio (anexo E); no outro, anime (anexo F).

Este processo de discussão entre os integrantes de cada grupo incentivou a troca de opiniões; entretanto a experiência de defender suas ideias e aprender com estas discussões é algo único para cada pessoa, cada pessoa absorve de uma forma e se percebe como agente naquele processo a partir da sua vivência. Acredito que, como um mestre ignorante (RANCIERÈ, 2007), o professor pode até instigar o aluno, mas sua preocupação não precisa ser direcionada para resultados, ou melhor, não deve ficar-se questionando: “Será que a experiência marcou?” ou “Será que valeu a pena?”

Quem ensina sem emancipação embrutece. E quem emancipa não tem que se preocupar com aquilo que o emancipado deve aprender. Ele aprenderá o que quiser, nada, talvez. Ele saberá que pode aprender porque a mesma inteligência está em ação em todas as produções humanas, que um homem sempre pode compreender a palavra de um outro homem. (RANCIERÈ, 2007, p. 37).

Ao se inserir o fanzine em sala de aula, alguns alunos têm seu primeiro contato com esta mídia; assim, poucos sabem qual o sentido de uma publicação independente, ou melhor, poucos se identificam com a filosofia do fazer fanzine. O professor relata sobre o sentido de fazer fanzine em um espaço institucionalizado:

Melissa: O fanzine é alternativo, clandestino... qual o sentido disso dentro da universidade, que sentido você quer trazer pra sala de aula?

Brown: É uma coisa que eu estou pensando agora... Porque o que acontece é que eu não tenho tudo planejado na minha cabeça, as coisas vão acontecendo. Eu já venho falando de fanzine há algum tempo e eu até rabiscava o fanzine que eu queria fazer, mas não tinha tempo para concluir o que eu queria fazer. Aí, na Semana de Educação, que foi o momento em que eu estava apresentando o trabalho que eu faço em sala de aula e querendo promover uma oficina de

fanzine com os participantes da Semana, eu pensei: “Eu tenho que mostrar um fanzine que eu faço”. Apesar de já ter perdido a prática, eu fiz um chamado: Notícias da pocilga, então coloquei as notícias que estavam em evidência, tipo a queda do helicóptero da PM, gripe suína, fiz uma ilustração rápida, querendo mostrar que estamos em uma época decadente. Eu pensei que não ia ter um impacto tão grande, pois eu fiz tipo um demonstrativo de como usar uma notícia da semana de uma maneira humorada, teve um impacto, pois foi uma notícia da semana, era uma coisa que ainda estava em discussão e eu peguei a notícia e transformei em brincadeira, numa crítica, eles sentiram o impacto na oficina, mas eu não dei muita bola, pensei que era só na hora e eu já vi circulando pela universidade, já vi pendurado em alguns departamentos, em algumas salas, já teve gente do Centro acadêmico de História e falou que viu o fanzine, e é um trabalho que eu fiz só 30 cópias, os próprios alunos tiram a xerox e espalham, gera uma reação em cadeia. Aí, quando você fala da universidade, às vezes só falta um detalhe desses para gerar uma discussão, eu mostrei como faz fanzine e repercutiu em sala de aula, outros foram para as oficinas, isso dá um pouco pra sair do discurso oficial da universidade, é um pouco subversivo, apesar de eu não fazer nenhuma crítica ostensiva à universidade, nós estamos no espaço do Estado, a universidade é do Estado, eu faço uma crítica às situações que estão acontecendo na política atual, essa coisa da subversão do fanzines é legal para levar para sala de aula, e isso você pode levar para outras instituições, não só aqui, mas mostrar que dentro de outros espaços que tem o controle você pode burlar, fazendo discussão. É um pouco disso, mas eu não planejei isso, o fanzine é tão legal que você começa a ver essas coisas acontecerem e perde o controle disso, porque, na verdade, quando você começa, você tem um objetivo, como eu tive um, que era demonstrar, mas acabou acontecendo outra coisa, eu que fiz o fanzine já não tenho controle...

Em vista de os fanzines serem uma novidade, era de extrema importância saber a opinião dos alunos sobre como foi fazer os fanzines. Assim, foi pedido que escrevessem sobre a experiência de fazer fanzines. Esta foi a forma mais concreta de ser ter um *feed back* sobre as etapas, pois, apesar de alguns alunos já terem explanado de forma espontânea, em sala de aula, suas opiniões, esta foi uma forma de registro. Veremos, na próxima parte, alguns relatos e seus respectivos fanzines.

### 3.3 As temáticas elaboradas e a confecção dos fanzines

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1998, p. 77).

Se fanzines são publicações independentes, livres, e as pessoas envolvidas fazem por vontade e inspiração próprias, como fazer fanzines em sala de aula se, nela, a lógica é bem diferente? Será mesmo que esta lógica é tão diferente da lógica do fazer fanzine a ponto de o espaço escolar não conseguir absorvê-lo? Ou o espaço escolar é capaz de se modificar e adaptar-se ao fazer fanzine?

Diante desses questionamentos, discutiremos a visão que os alunos têm dos fanzines e a própria visão de tecnologia que eles construíram a partir das produções feitas.

Pensando nesta fusão, vem à mente a batida da banda Hanoi-Hanoi, que diz: “E tome zine, zine, zine, zine, zine em papel de xerox/ O futuro é preto e branco, e todo branco e preto pode ter<sup>49</sup>”. A cada letra preta no branco, vou pensando no que um papel de xerox pode nos ensinar e como se torna atual

<sup>49</sup> Música Fanzine, letra de Arnaldo Brandão e Tavinho Paes.

quando nos dispusemos a recriá-lo em outros espaços. Neste corte e recorte preto e branco (a figura 26 é um exemplo disso), explodem ideias que fazem surgir uma roupagem metodológica para se trabalhar diversas temáticas na sala de aula ou em qualquer outro espaço.



Figura 26: confecção de fanzine em sala de aula.

Em alguns momentos, percebi que dinâmica do fazer fanzine sabotou alguns rituais bem comuns em sala de aula, como a questão da tematização, só para exemplificar. É esperado que o professor diga o que os alunos devem pesquisar e, nesta experiência, os alunos é que devem fazer isto. Então, pensei que iriam, simplesmente, fazer uma revista padrão bem nos moldes comerciais para, no final, ser apresentada para receber uma nota. É claro que isto também aconteceu, mas não foi só o que imperou entre eles(as). Dos zines confeccionados, percebi uma vontade de comunicação, um anseio de informar e de escrever sobre assuntos que realmente os tocavam. À medida que observei as aulas e, depois, os fanzines prontos, me deparei com um mundo colorido em papel de xerox, os fanzines ganharam uma roupagem própria correspondente à temática escolhida por cada grupo.

Nessa direção, as múltiplas visões de mundo, as diferentes proposições estéticas e criativas que permeiam o fanzine podem produzir experiências significativas, uma vez que possibilitam a integração e conexão entre sujeitos e o conhecimento. Sob este ponto de vista, os estudantes, ao produzirem fanzines, mostram no seu fa-zer o pensamento elaborado e reelaborado a partir de uma relação de conhecimento em que dão significado ao mundo e à vida. (NASCIMENTO, 2009, p. 216).

Por mais que alguns fanzines fossem construídos a partir de reportagens, imagens, artigos de outras revistas comerciais, observo que as informações eram organizadas a partir de um ponto de vista, escolhiam uma temática e colavam tudo que concordavam em termos de opinião sobre a temática, ou seja, não era qualquer informação que entrava no fanzine.

Evidentemente, alguns fanzines feitos pelos alunos fogem um pouco dessa ideia de autoralidade e opinião própria. Sobre esta forma de ver e fazer o fanzine, o próprio professor aponta:

Por mais que fale o que é, a pessoa tem que viver aquilo. Uns conseguem entender, mas outros acham que é só um trabalho de cortar e colar, eu percebo isso muito na hora de fazer, por isso quero que eles façam em sala de aula, porque eu quero interferir em alguns momentos, não interferir no que eles estão fazendo, mas para tentar perceber como eles estão se relacionando com isto. Tem umas pessoas em algumas salas que fazem o fanzine como uma tarefa lúdica, recortar e colar...

Tem um aluno que fez um trabalho de recorte/colagem imenso, mas a opinião dele não está ali. Ele pega matéria de jornal de outras pessoas e monta, até interessante o resultado que ele conseguiu, mas eu não vi uma linha escrita por ele, mas isto pode ser o modo dele ver, já eu queria ver a opinião dele..

O fato de algumas produções serem colagens retiradas de revistas e jornais deve-se ao fato de alguns alunos reconhecerem, desta forma, o fanzine; talvez, quando os observaram na visita à gibiteca, perceberam o recorte e a colagem como algo inerente ao fanzine, sem se dar conta de que há uma mescla de imagens e textos de diversas fontes, que se somam a um material estritamente autoral. Há outros casos, em sala de aula, em que os fanzines eram totalmente autorais, construção própria de cada aluno(a), versavam sobre poesia, quadrinhos, atualidades... São amostras de que cada aluno tentou expressar-se da forma que mais se sentiu à vontade.

Levando em consideração a observação de detalhes recorrentes na confecção dos fanzines e tendo como base o *design*, o uso de imagens, a escolha e abordagem de temáticas, separei-os em categorias a fim de termos uma visão da compreensão sobre os fanzines por parte dos alunos. As categorias são as seguintes: fanzine de campanhas educativas; fanzine de quadrinhos; fanzine temático e fanzine de recorte-colagem. Houve uma recorrência significativa em relação a fanzines com formatos e conteúdos de campanhas educativas, e as temáticas escolhidas foram: doação de órgãos (anexo G); preconceito na escola (anexo H); violência (anexo I); combate ao fumo (anexo J) e reciclagem (anexo K).

Para produção do *design* destes fanzines, observei o uso de imagens e mensagens que informassem aos leitores quanto ao tema proposto. Há uma preocupação com a informação, mas não há discussão de opiniões, as mensagens são colocadas tal qual encontramos em informativos da rede pública de saúde ou no padrão de histórias em quadrinhos.

No fanzine a seguir (Figura 27), o *design* da capa apresenta um órgão do corpo humano e já sugere a temática explicitada: doação de órgãos. Por que um fanzine sobre doação de órgãos? Uma aluna explica que o grupo foi influenciado pela semana de doação de sangue feita pela universidade.



Figura 27: Fanzine Doação de órgãos

A primeira ideia sobre o assunto escolhido nós tivemos na própria UERJ, pois aqui estava acontecendo um movimento para que todos os alunos, funcionários e pessoas que transitam pela faculdade se tornassem doadores de sangue. Então, o grupo separadamente pesquisou na internet figuras que chamassem atenção para doação de órgãos. (Relato escrito – anexo L).

Como foi dito pela aluna quanto ao conteúdo, o objetivo é informar sobre a importância de ser um doador, mesclando a colagem de imagens referentes ao tema.

Neste fanzine, a composição textual, como foi explicitado, aproxima-se de um informativo da área de saúde, só se diferencia porque há uma mescla de informações, cartuns e imagens. O importante desta produção é que alcançou o objetivo principal do grupo.

No decorrer da elaboração do fanzine, pude perceber a importância desse veículo dentro da educação, da utilização deste para os alunos divulgarem suas opiniões, críticas e apelos para a sociedade. [...] Enfim, com todas as experiências proporcionadas pelo fanzine, a mais importante, além do conhecimento acerca deste veículo amplamente livre de censura, foi o despertar do senso crítico e criação, que é que nosso mundo precisa no momento. (Relato escrito – anexo V).

No que tange aos fanzines de quadrinhos, este tipo de fanzine foi um dos mais reproduzidos dos grupos. Cartuns, charges ou recorte de quadrinhos como Turma da Mônica (anexo M) foram utilizados para fazer críticas sobre a política vigente, além de assuntos como futilidade, alienação, infância, mídia, educação, meio ambiente e atualidade em geral.

O fanzine Meu irmão... foda-se (Figura 28) foi confeccionado de uma forma bem simples, todo em caneta preta esferográfica, os quadrinhos são feitos à mão com traços simples e infantis.



Figura 28: Fanzine Meu irmão...foda-se!

Em formato de portfólio, este fanzine faz uma crítica bem humorada aos acontecimentos da atualidade que mais chamavam a atenção, assuntos com a queda do avião da Air France, que foi rebatizado de Cair France, e o episódio dos trens lotados no Rio de Janeiro, acontecidos em 2009. No editorial, explicam:

Nosso objetivo é fazer um trabalho bem humorado para vocês. Ao mesmo tempo, queremos lhes passar fatos do cotidiano que devem ser encarados com muita seriedade, no entanto, irá nos faltar um pouco desta seriedade... mas vocês irão entender da mesma forma! (FANZINE MEU IRMÃO... FODA-SE!).

Neste fanzine, o discurso irônico retrata um jeito de ver o mundo e demonstra que as informações só foram colocadas desta forma em razão de os alunos se sentirem à vontade para isto. Sobre o processo de produção do fanzine, um aluno diz:

A preparação do fanzine foi muito interessante, pois tive liberdade de expor qualquer coisa que eu quisesse. No cotidiano universitário, sempre existe um tema, um autor, e devemos colocar nossa crítica pautada em um livro ou texto; nesse caso, não precisei disso, o trabalho foi realizado através das minhas ideias e sobre as experiências que tenho. (Relato escrito – anexo O).

A criação do fanzine aguçou a questão da comunicação, no sentido de dar voz às opiniões, e a possibilidade de trabalhar em sala de aula quando forem professores; neste caso, o aluno sugeriu esta produção em turmas de alfabetização, o que lembra a prática de Freinet quando utilizou a imprensa escrita para desenvolver atividades de alfabetização com crianças.

Além da liberdade de expressão, eu também conheci uma nova tecnologia que pode ser trabalhada em educação. Tecnologia essa que pode ajudar muito nas séries iniciais, pois poderemos trabalhar alfabetização, posso conhecer as ideias das crianças e ainda



unir grupos e trabalhar a criatividade e descobrir novos talentos da arte. (Relato escrito – anexo O).

Outro aluno da equipe diz:

O fanzine, para mim, foi um dos trabalhos mais democráticos que já fiz. Tive a liberdade de expor muita coisa que penso e dizer sobre ela da maneira que quis. (Relato escrito – anexo P).

Os relatos demonstram o quão é importante a liberdade de expressar opiniões sem intervenções. De acordo com o aluno, foi possível construir um trabalho totalmente autoral sem um modelo predeterminado e sem a interferência de autores acadêmicos e, principalmente, contar piada em um espaço acadêmico.

Além da liberdade de expressão, a autonomia no criar é importante no sentido de desenvolver, em outros campos da vida social e profissional, atitudes que serão decisivas no cotidiano de cada um. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (FREIRE, 1998, p. 66). Um dos pontos que observei entre os alunos(as) foi que o fato de terem de discutir sobre a elaboração do fanzine despertou o espírito de equipe (Figura 29 e 30):

Tive também a ideia de montar um fanzine, como um que vi na gibiteca, cheio de frases retiradas de revistas e jornais e coladas de maneira irregular, enfim, o que não faltou foi ideia. Mas nenhuma destas ideias puderam ser apresentadas, porque já havia  *muito material para pouco espaço*, e como todo trabalho em grupo, vence a opinião da maioria e de maneira democrática. (Relato escrito – anexo D).

Dando continuidade às categorias, há fanzines que delimitam seu gênero e suas temáticas de forma a questionar sobre aquele assunto, há aqueles sobre poesia, música e, também, aqueles que trabalham conteúdos sobre ideologia, *anime*, suicídio na universidade, entre outros, são os fanzines que categorizo de temáticos. No caso desta categoria, poderíamos dizer que grande parte das produções



Figuras 29 e 30: Confeção de fanzines em sala de aula

dos alunos é categorizada como temática, pois seus fanzines trabalham incisivamente sobre um assunto escolhido por eles. A diferenciação das categorias feitas aqui foi somente a título de didatizar para melhor podermos apreciá-los.

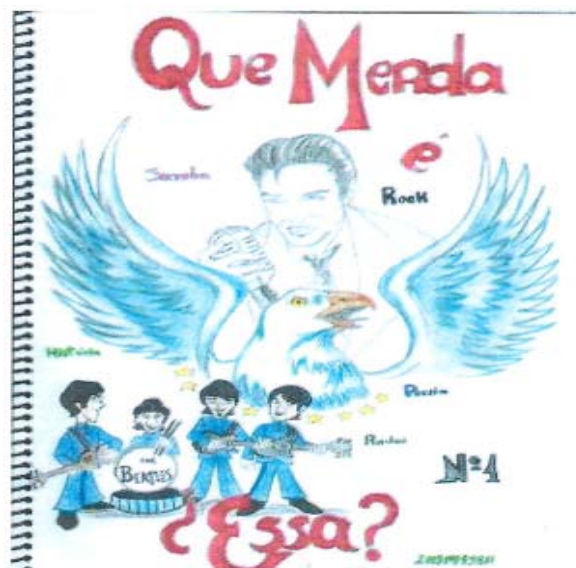


Figura 31: Fanzine Que Merda é essa?

Já querendo demonstrar que o fanzine versará sobre música de todos os gostos, que define como suruba musical, o fanzine Que merda é essa? (anexo Q) traz, em sua capa (Figura 31), desenhos de Elvis Presley, a águia da Portela e dos Beatles. A autora deste fanzine diz:

Ao fazer o fanzine tive muita dificuldade em elaborar um tema e a planejar uma linha de ação com textos, artigos, imagens e etc., que seriam utilizados, então optei por fazer uma miscelânea, onde seriam abordados temas como música, cinema (preferencialmente terror), poesia, arte e cultura alternativa. As barreiras do tempo agiram novamente e o fanzine priorizou a música brasileira, mas deixou um parêntese aberto para outros temas, numa suposta segunda edição. (Relato escrito anexo R).

Em cada página, há um ditado popular com conclusões anedóticas: “Se o trabalho dignifica o homem, e se dinheiro não traz felicidade, seja um escravo, doe toda sua grana e seja muito feliz!” ou “Se manda quem pode, obedece quem tem juízo, e se quem pode, pode, quem não pode se sacode, os ajuizados vivem se sacudindo.”

Artistas como Rogério Skylab, Inezita Barroso e Clara Nunes são lembrados através de letras de músicas e biografia. Inclusive a imagem de Nossa Senhora chama atenção por conta da montagem do rosto de Clara Nunes e Jesus Cristo com rosto de Elvis Presley. Com um toque de humor e ironia, quadrinhos retirados do *site* [www.drpepper.com.br](http://www.drpepper.com.br) ganham grande espaço neste fanzine.

O fanzine termina com a imperativa frase: “Após ler este zine no conforto de sua privada,

recicle, dê um novo uso a ele, limpe sua bunda com ele.” Observei, nos dois fanzines – Meu irmão... foda-se e Que merda é essa? –, que os autores sentiram-se livres, inclusive, para escrever palavrões, o que é banido dos trabalhos acadêmicos. A compreensão de que o fanzine é um veículo que trafega em total liberdade faz dele veículo de opiniões e espaço para criticar, pode-se dizer o que quiser, até mesmo fazer uso de um vocabulário “censurável”.

O Fanzine Se liga otário (Figura 32 / anexo S) é como se fosse um chamado às pessoas alienadas para uma discussão a respeito de crítica e participação políticas, de costumes e artes.



Figura 32: Fanzine Se liga otário

De acordo com o editorial, um dos integrantes deste grupo já fazia fanzines há anos, o “Bolinho de Merda”, lançado na década de 80, e o Se liga otário é como se fosse uma edição comemorativa que referencia este antigo fanzine.

Sendo assim estamos lançando essa edição comemorativa, que em função de direitos autorais, foi chamada “SE LIGA, OTÁRIO” e define exatamente qual era o espírito do “Bolinho de Merda”. Quem conheceu perceberá que o espírito conscientizador continua vivo, sempre alerta para injustiças que assolam o país e para as garotas. Quem não conheceu, perdeu a melhor época da história do Brasil. Uma época de sonhos e bombas de chocolate. Época onde liberdade era passar a mão na bunda do guarda. (FANZINE SE LIGA OTÁRIO, editorial).

Após o editorial, há a enumeração da equipe técnica, por exemplo, na “fotografia” citam Salvador Daqui; na “montagem: eguinha pocotó; na “mídia digital”: Bill Gates, o “faxineiro”: Cascão. O tom cômico é visto do começo ao fim do fanzine, tanto que, ao colocar o índice, que é algo incomum em um fanzine, dizem: “Índice em fanzine! É isso aí! Não gostou, bate!”. E, no final da página, a frase: “Roubar

ideias de uma pessoa é plágio. Roubar de várias é pesquisa. (Não gostou, foda-se! Me processe que no Brasil eu vou morrer antes de pagar.). A frase sucinta o uso indevido de textos e imagens sem a devida referência, como dizem que o fanzine é uma miscelânea de textos e imagens de outro fanzine, demarcam que a publicação é comemorativa e que tem o mesmo espírito, mas não necessariamente é a cópia do antigo fanzine. De forma irônica e bem humorada, este fanzine chama atenção pela desenvoltura ao falar de assuntos que revoltam política e socialmente o povo brasileiro.

Quanto aos fanzines de recorte-colagem, observo uma variedade de imagens encaixadas com propósito não de cópia propriamente dita, mas com intuito de reproduzi-los com outro efeito. Um exemplo disto é o fanzine Subversivos<sup>50</sup> (anexo T) que faz uma miscelânea de imagens e pequenos textos para tratar sobre globalização. As páginas são divididas em subtemas, todos ligados ao tema central, que convocam os leitores a pensarem sobre o que assistimos, escutamos e comemos. No caso do fanzine História da boca da gente (Figura 33 / anexo U), observo a mesma preocupação em definir uma temática e postar imagens referentes a ele. As imagens são selecionadas e diagramadas de forma a dá ao fanzine uma imagem mais sofisticada, as cores e variedade de imagens indicam uma preocupação não só em passar uma mensagem, mas também levar o leitor a observar detalhadamente cores, traços e representações.

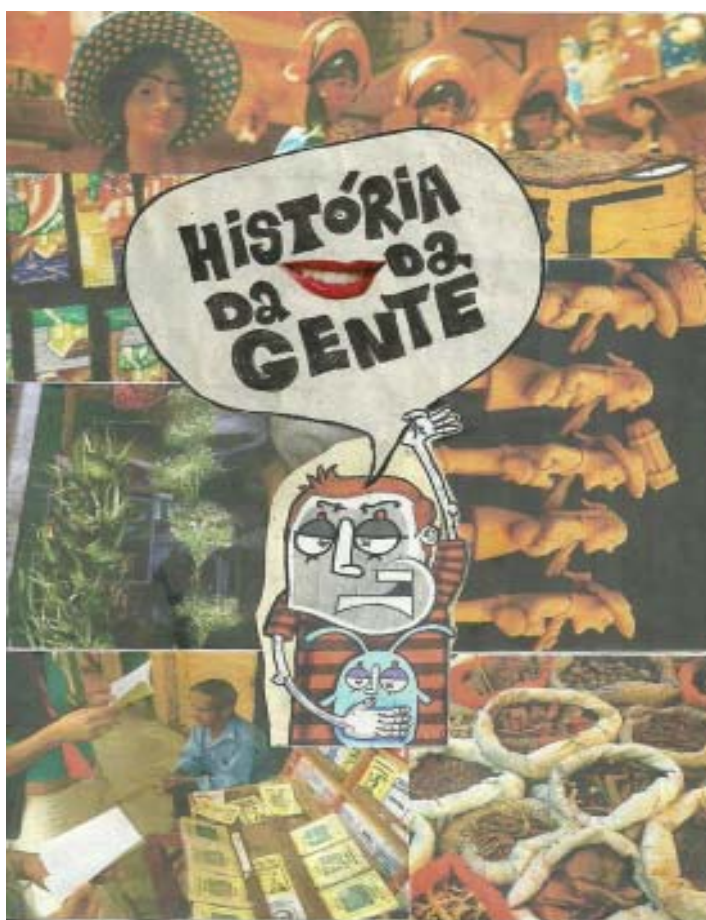


Figura 33: Fanzine História da boca da gente

<sup>50</sup> Não confundir este fanzine, que foi feito pelos alunos, com a revista Subversos citada na p. 66.

Alguns grupos de alunos confeccionaram fanzines coloridos, com muitas páginas, encadernados, o que geralmente, no universo dos fanzines, é inviável economicamente, pois, como já colocado, os fanzines possuem um formato simples exatamente pela questão prática do fazer e a diminuição de custos. Caso os alunos tivessem que reproduzir várias cópias de seus fanzines, talvez escolhessem um formato mais compacto em preto e branco, pois o custo com xerox aumenta bastante quando a cópia é colorida.

Quando se pediu aos alunos que escrevessem sobre a experiência de fazer fanzine<sup>51</sup>, observei que, em parte das redações feitas, frases com: “Foi muito legal fazer fanzine”; “Foi muito interessante...”; “Eu gostei de fazer...”, foram recorrentes. A opinião sempre positiva sobre a experiência nos relatos escritos nos dá pistas de que, talvez, houve influência do espaço hierárquico da universidade ou o fato de querer agradecer o professor, já que ele iria ler aquele relato e decidir a nota<sup>52</sup>. Entretanto, apesar destes fatores, não podemos descartar que fazer fanzine foi uma experiência interessante para estes alunos e que eles relataram de forma sincera suas opiniões.

No mais, produzir algo que busca prender a atenção de um público jovem e muitas vezes extremamente crítico é algo definitivamente desafiador. O pensar e o colocar em prática são, definitivamente, acontecimentos totalmente distintos e o segundo nos faz ver nossas impossibilidades e limitações, limitações tais quais as de tempo, primordialmente, a de espaço, de recursos, de temática entre outros.

Mesmo com as limitações envolvidas no processo, a experiência foi prazerosa, resta saber se será aprovada, pois o fanzine contém uma temática totalmente alternativa. (*Relato escrito*).

Pode ser que os fanzines produzidos não tenham a mesma inspiração dos fanzineiros (de carteirinha); entretanto observo que os fanzines confeccionados têm peculiaridades que são direcionadas ao objetivo da sala de aula e, em algum momento, nos leva a pensar o que esta prática pode nos inspirar. Cada fanzine tem um objetivo que escapa ao objetivo metodológico formalizado da sala de aula e que pode nos ensinar mais do que um conteúdo. Inspiro-me em Freire (1998, p. 76) quando diz que “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir recriando-a fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível de adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.”

O exercício da criatividade é uma prática constante que será exigida no dia a dia da prática educativa, afinal de contas, o profissional/professor convive em um ambiente imprevisível, em que cada sala de aula pode ser um desafio diário.

A construção do conhecimento se faz na relação, no encontro e, portanto, além do conhecimento intelectual crítico, exige também afetividade, diálogo e escuta sensível. Estas exigências requerem do/a professor/a atitudes que tendem sempre mais para a autenticidade, para a criatividade, para a autoralidade e para a autonomia, afinal, apesar de preparar-se antecipadamente para suas aulas,

<sup>51</sup> Sugeri ao professor André Brown que pedisse aos alunos que escrevessem sobre como foi fazer os fanzines, pois achei importante ter um registro escrito destas experiências.

<sup>52</sup> Em minha opinião, mesmo nos dias de hoje, o professor tem a imagem daquele que decide a nota que o aluno merece, e sabemos que há profissionais que se comportam assim e até aterrorizam seus alunos em função de uma nota.

elas acontecerão, de fato, na atualidade de cada novo encontro com aquele grupo de alunos/as que, a cada dia, traz desafios novos. Se o professor/a não tiver autonomia e capacidade de autoria não irá conseguir responder de forma positiva a estas exigências. (ANDRAUS; SANTOS, 2009, p. 30).

Enfim, fazer fanzine em sala de aula pode ser uma sugestão para se incentivar o espírito de equipe, a criatividade, a pesquisa, entre outras habilidades, evidentemente não é a única forma, mas um passo para se pensar em novas artes de dizer e pedagogias de fazer.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em um fazer espontâneo camuflado na forma do fazer fanzine, para mim, é o mesmo que, dar asas à imaginação e deixar fluir o que vem à cabeça. Assim, reservo este espaço para compartilhar com todos os leitores o que este trabalho representou teoricamente para minha jornada acadêmica.

Incorporar o fanzine-jeito-de-ser não é tarefa fácil para mim, pois isto significa me desamarrar de formatos convencionais que, às vezes, adotamos simplesmente por conveniência. Foi com este espírito que tentei construir este trabalho, apontando aspectos, peculiaridades, expondo opiniões e dando voz aos fanzineiros, fazendo deste espaço um espaço trafegável.

Se o jeito-de-ser-fanzine reflete uma escrita às vezes jovem, às vezes adulta, às vezes ingênua, às vezes preocupada com o desmascaramento das forças hegemônicas que impregnam a sociedade, isto significa que o ser alternativo quer-se destacar dos formatos e dizer que não há limite para se construir algo que representará a marca pessoal de quem o produz.

Dentre outras razões, fazer um fanzine funciona como forma de expressão individual ou de um grupo, são roqueiros falando de suas bandas, criticando ou elogiando o lançamento de um CD de alguma outra banda consagrada; ou jovens que querem falar de suas produções literárias ou, simplesmente, colocar para fora seus conflitos, desabafos e questionamentos; outros zines têm como expressão os quadrinhos, personagens inventados e jamais divulgados na mídia consagrada.

Mas o que tem isto de importante? Muitos irão falar: “É a primeira vez que ouço falar de fanzine! Ou, como ouvi muitas vezes “Fanzine? O que é isto? Mesmo explicando que o fanzine funciona como uma tática para sobreposição de um pensar e que, através dele, o fanzineiro tem seu direito de autor, se expondo e agregando, naquele ideal de revista, características subjetivas com intuito de particularizar seu trabalho criativo, ainda assim fica difícil, para alguns, entender qual a importância de um papel recortado, rabiscado e xerocado. A resposta para todos estas divagações tenho desde que voltei a ler fanzines e que, sem dúvida alguma, fortaleceu minha pesquisa. Um papel escrito, desenhado, xerocado faz grande diferença para aquele que dispôs horas a fio, madrugadas, para ver aquilo em que acredita registrado, faz diferença para aquele que quer ver seu sonho profissional em formato de revista, e, independente de quem irá lê-lo, torná-lo real.

O fascínio de fazer fanzine pode estar no fazer espontâneo, estar na ausência de cobrança em produzir ou publicar periodicamente, na liberdade dos traços e do linguajar. Um fanzine nasce e pode morrer a qualquer momento sem ter uma morte anunciada, simplesmente desaparece, simplesmente isso dependerá da vontade do fanzineiro.

O objeto, fanzine não é de todo o “mocinho” e nem os que o produzem, os fanzineiros, são os “coitadinhos” excluídos; há que se atentar que alguns escolheram esta forma de expressão por opção e alguns fanzines produzidos veiculam informações manipuláveis e supérfluas. De todo modo, digo isto para não parecer que este trabalho defende, de forma alienada, o fanzine, ou que ele é a única salvação em termos de informação credível entre as tantas mídias existentes.

No caso do uso do fanzine em sala de aula, somam-se possibilidades de se pensar o aprendizado. É um desafio pensar a sala de aula como um espaço alternativo, pois exige dos sujeitos envolvidos disposição para criação de uma prática original, sem métodos preestabelecidos, ou seja, uma prática construída passo a passo, um trabalho que vai tomando forma aos poucos.

Não se trata apenas de fazer um fanzine, cortando e colando, mas sim observar o que este fazer irá provocar em termos de pensamento crítico e o quanto isto vai significar para sua prática enquanto aluno e profissional.

Aos que lerem este trabalho, desejo que mergulhem neste fazer e reflitam sobre suas práticas diárias e superem os preconceitos, os discursos inventados e a rotina institucional.

Tentei compreender para onde as ideias nos levam, de onde elas surgem, como ela nos movem. O poeta de um livro só é como a última edição de um fanzine que se entrega como se, a qualquer momento, a tinta acabasse e aquele fosse o único instante em que se é possível gritar. “Grito e se grito é para que meu grito/ Seja a revelação deste Infinito/Que eu trago encarcerado na minh’alma!” (ANJOS, 1997, p.46). Assim, nascem os gritos, nascem os rabiscos, nascem as linguagens. Será a mesma língua que incandesce as ideias?

Ao finalizar este trabalho, pensemos na força da linguagem, na força das ideias e, especialmente, na força das atitudes. Gritemos nossas ideias para nos tornarmos interpretes do mundo e não marionetes de ideias emprestadas e, sobretudo, para que nós mesmos não abortemos as forças que nascem em nosso próprio eu, além de nos ocuparmos em viver, pensemos neste viver.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. *O intelectual Hipólito José da Costa como pensador econômico*. Disponível em: <<http://www.pralmeida.org/05DocsPRA/1243HipolitoPensEcon.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2010.

ANDRAUZ, Gazy. *Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos?* (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas). 1999. 248f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Universidade Nacional do Estado de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_, Gazy. Joacy James in quadri-memorian. In: INTERCOM, 30, 2007, São Paulo. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. p.1-9.

\_\_\_\_\_, Gazy.; SANTOS NETO, Elydio dos. *Dos zines aos biograficizines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria* In: MUNIZ, Cellina Rodrigues. *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: UFC, 2010.

ANJOS, Augusto dos. *Antologia Poética de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

BÁEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BLOG DO SNO. Disponível em: <[www.marciosno.blogspot.com](http://www.marciosno.blogspot.com)>. Acesso em: 16 mar. 2010.

BLOG TOM ZINE. Disponível em: <<http://paredesteto.blogspot.com>>. Acesso em: 20 jan 2010.

BOLETIM O PICAPAU, n.1, abr. 1978.

CABRIÃO: SEMANÁRIO EDITADO POR ANGELO AGOSTINI, AMÉRICO DE CAMPOS E ANTÔNIO MANOEL DOS REIS 1866-1867. 2.ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2000. Disponível em: <http://searchworks.stanford.edu/view/4695789>>. Acesso em: 16 jan. 2010.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – I Artes de fazer*. 13 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

COEFICIENTE DE RENDIMENTO DA UERJ. Disponível em: <[http://www.uerj.br/modulos/kernel/index.php?modulo=pa\\_coeficiente\\_rendimento](http://www.uerj.br/modulos/kernel/index.php?modulo=pa_coeficiente_rendimento)>. Acesso em: 19 nov. 2009.

COMO FAZER UM FANZINE. Disponível em: <<http://midiautoral.blogspot.com>>. Acesso em: 28 jan. 2010.

DUNCOMBE, Stephen. *Notes from underground: zines and the politics of alternative culture*. London/ New York: Verso, 1997.

ENTREVISTA IVETE D'ABRONZO RONTANI. Disponível em: <<http://blognassif.blogspot.com/2010/01/ivete-dabronzo-rontani.html>>. Acesso em: 29 jun.2010.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

*FANZINE A SERPENTE*, n.1, mar. 2008.

*FANZINE A SERPENTE*, n.2, nov. 2009.

*FANZINE A SERPENTE*, n.3, abr. 2009.

*FANZINE FATHERZINE*, n.5, nov. 1999.

*FANZINE COM FUSÃO*. n.34, abr. 2008.

*FANZINE COM FUSÃO*. n.38, abr. 2008.

*FANZINE COM FUSÃO*. n.43, abr. 2008.

*FANZINE COM FUSÃO*. n.44, abr. 2008.

*FANZINE COM FUSÃO*. n.45, abr. 2008.

*FANZINE EMBRULHO DE BANANA*, n. 1, mar. 2006.

*FANZINE FERCOM!* n. 01, set., 2006.

*FANZINE FERCOM!* n. 02, set., 2006.

*FANZINE FERCOM!* n. 03, set., 2006.

*FANZINE POUCO VIÁVEL*, n.1, 2008.

*FANZINE QI*, nº96, 2006.

*FANZINE RONTANI* - Edição especial de São João, nº1, jun. 1985.

*FANZINE VELHO RABUGENTO*, n44, dez. 2007.

*FANZINE ZINEQUANON*, n.2, 2006.

FOERSTER, Heinz Von. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: SCHNITMAN, Dora Fried(org). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 59-74

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir*. São Paulo: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_, Michael. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.

FREINET, Célestin. *O jornal escolar*. Lisboa: Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GUIMARÃES, Edgard. *Fanzine*. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2005.

IANNONE, Leila Rentroia. IANNONE, Roberto Antonio. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.

INCONTRI, Dora. *Estação Terra: comunicação no tempo e no espaço*. São Paulo: Moderna, 1991. (Desafios).

LEWOWICKI, Tadeusz. SINGER, Helena. MURAHOVSKI, Jayme. *Janusz Korczak*. São Paulo: EDUSP, 1998.

LOURENÇO, Denise. *Fanzine: Procedimentos construtivos de mídia táctica impressa*. 2006. 171p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

MAGALHÃES, Henrique. *A mutação radical dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

\_\_\_\_\_, Henrique. *A nova onda dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

\_\_\_\_\_, Henrique. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Primeiros Passos).

\_\_\_\_\_, Henrique. *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.

MATTOSO, Glauco. *O que é poesia marginal*. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Primeiros Passos).

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_, Humberto. *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEIRELES, Fernanda. *Zines Yoyô: uma experiência instintiva em arte-educação*. 2008. F. Monografia (Especialização em Arte-Educação – Curso de Pós-Graduação em Arte-Educação), Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, Fortaleza, 2008.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008

NASCIMENTO, Ioneide Santos do. Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. In: MUNIZ, Cellina Rodrigues. *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: UFC, 2010.

OLIVEIRA, Carlos Antônio. *Os fanzines contam uma história sobre punks*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.28, n.98, p. 47-72, jan./abr. 2007.

*O QUE É FANZINE?* Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=9458522&tid=5301473558762638972>>. Acesso em: 26 abr. 2009.

PRIMEIRO TROFÉU ALFAIATARIA DE FANZINES. Disponível em: <<http://www.popbaloes.com/trofeu.htm>>. Acesso em: 04 out. 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANCHO, Juana M.(org). *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SANTOS, Boaventura. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

STABLEFORD, Brian M.. *Historical dictionary of science fiction literature and the arts*. Oxford, The Rowman & Littlefield Publishing Group, 2004. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=nzmIPZg5xIC&pg=PA109&dq=Russ+Chauvenet&lr=&cd=19#v=onepage&q=Russ%20Chauvenet&f=false>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

TOM ZINE, N°2, 2004.

SUBVERSOS, N°3, 2008.

VANEIGEM, Raoul. *Nada é sagrado, tudo pode ser dito: reflexões sobre a liberdade de expressão*. São Paulo: Parábola, 2004.

ZINE COLATERAL. N.1, dez, 1999.

ZINE COLATERAL. N.3, dez, 1999.

ZINE COLATERAL. N.4, dez, 1999.